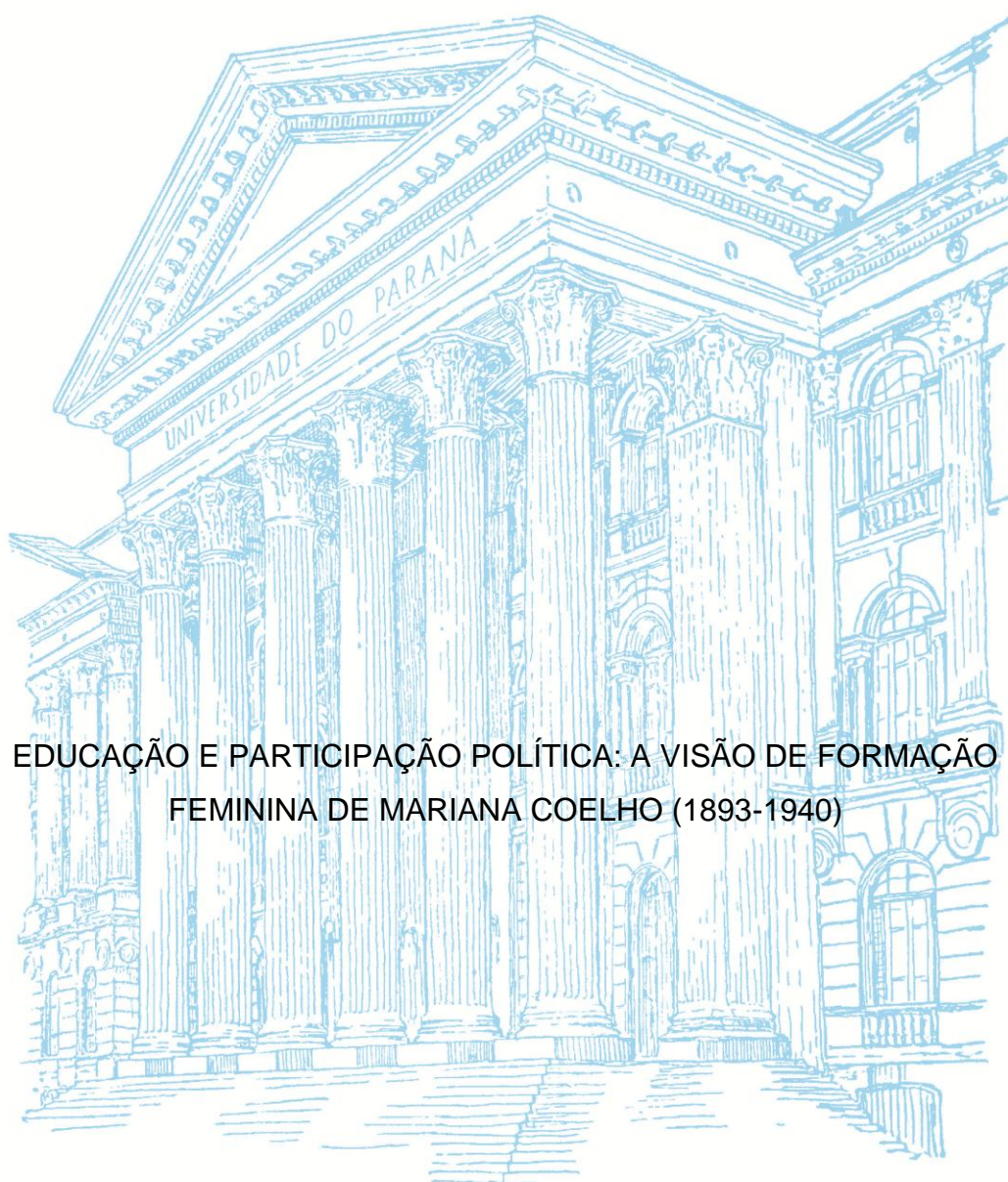


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: A VISÃO DE FORMAÇÃO  
FEMININA DE MARIANA COELHO (1893-1940)

CURITIBA  
2010

ALEXANDRA PADILHA BUENO

EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: A VISÃO DE FORMAÇÃO  
FEMININA DE MARIANA COELHO (1893-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de História e Historiografia da Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira

CURITIBA  
2010

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Bueno, Alexandra Padilha

Educação e participação política : a visão de formação feminina de  
Mariana Coelho (1893-1940) / Alexandra Padilha Bueno – Curitiba, 2014.  
129 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Intelectuais. 2. Mulheres – História - Brasil. 3. Coelho, Mariana, 1857-  
1954. 4. Educação - História. 5. Feminismo – Brasil. I. Título.

CDD 370.9



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



## PARECER

Defesa de Dissertação de **ALEXANDRA PADILHA BUENO** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA, DR<sup>a</sup> MARIA TERESA SANTOS CUNHA e DR<sup>a</sup> LIANE MARIA BERTUCCI, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: A VISÃO DE FORMAÇÃO FEMININA DE MARIANA COELHO (1893-1940)”**.

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR. CARLOS EDUARDO VIEIRA		Aprovada
DR <sup>a</sup> MARIA TERESA SANTOS CUNHA		Aprovada
DR <sup>a</sup> LIANE MARIA BERTUCCI		APROVADA

Curitiba, 06 de dezembro de 2010.

**Prof. Dr. Ângelo Ricardo de Souza**  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Sérgio e Amélia, pelo amor, dedicação e cuidado de sempre.

À Thaís e Naara, minhas irmãs, pelo incentivo e pela cumplicidade, possível apenas entre pessoas que se amam com intensidade e sinceridade. Meu amor por vocês nunca acaba.

Ao professor Carlos Eduardo, pela confiança...

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores da Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, que durante as disciplinas apontaram possibilidades de caminhos a serem percorridos na escrita desta dissertação, às professoras Dra. Gizele de Souza, Dra. Nádia Gaioffato Gonçalves, Dra. Vera Regina Beltrão, Dra. Serlei Maria Fischer e aos professores Dr. Marcus Levy Bencostta e Dr. Marcus Aurélio Taborda.

Agradeço à banca. À professora Dra. Maria Teresa Santos Cunha, pelas importantes contribuições no exame de qualificação. Seu parecer me motivou a procurar novas possibilidades para os questionamentos às fontes que foram incorporadas na medida do possível ao longo deste texto. À professora Dra. Liane Maria Bertucci, que acompanhou meu processo de escrita desde a leitura de projeto de mestrado, na entrevista, nos seminários e na qualificação sempre com muito carinho e atenção. À professora Dra. Dulce Osinski, que além de colega de Grupo de Pesquisa foi também grande incentivadora, encorajadora e interlocutora deste trabalho. Em especial ao meu orientador professor Dr. Carlos Eduardo Vieira, que acompanhou minha formação desde a graduação e nas minhas primeiras incursões no mundo da pesquisa ainda na Iniciação Científica; por acreditar no potencial desta pesquisa (e da pesquisadora).

Aos colegas do Grupo de Pesquisa História Intelectual da Educação. Nossos encontros mensais e discussões sempre animadas, permitiram que eu refletisse sobre o uso das teorias que balizaram este trabalho. Particularmente agradeço às amigas Leziany e Roberlayne, duas mulheres que admiro pela coragem, inteligência e bom-senso.

Às minhas colegas de mestrado com quem dividi pequenas angústias e alegrias. À Emanuelle, amiga querida que tive a felicidade e o prazer de conhecer no primeiro dia de aula de graduação e que me acompanhou nesta caminhada acadêmica desde a iniciação científica. À Francielly, companheira de muitos congressos e muitas conversas “filosóficas”. À Fernanda, companheira de iniciação científica, sua alegria e disposição em ajudar não

podem ser medidas. À Fabiana, Silvete e Silvana colegas que conheci no mestrado e com quem compartilhei de leituras, dúvidas e convicções.

Cabe um agradecimento às colegas de mestrado da turma de 2009, Claudinéia, Daniele e Jordana, que foram divertidas companhias nos últimos congressos de que participei.

Ao meu revisor, Sálvio, pela paciente, dedicada e criteriosa revisão do texto final.

À equipe da Escola Municipal Pedro Biscaia em Araucária: muito do que sei sobre ser professora aprendi com vocês. Sobretudo à diretora Anee Lee pela compreensão e apoio, não posso deixar de expressar minha admiração pela seriedade e comprometimento com que realiza seu trabalho. À pedagoga Delma pelo que aprendi sobre educação, escola, ensino e aprendizagem no último ano de trabalho. À Tatiane, amiga do coração que há dois anos aguenta corajosamente minhas cantorias pela manhã durante o trajeto até Araucária.

À Eloise e Letícia, duas amigas que me acompanham desde a graduação e com as quais dividi as melhores e as piores coisas da vida. Companheiras de convicções, de ideologia, de conversas fiadas e “filosóficas”. Continuo me comovendo profundamente com a nossa amizade e nossa teimosia.

Ao meu pai Sérgio para quem a vida foi sempre dura, mas que me ensinou que é preciso bom-humor para enfrentá-la de frente. À minha mãe Amélia pelas orações madrugueiras e pelo incentivo a continuar estudando.

À Thaís e Naara irmãs amadas. Não existem palavras que possam dar conta de expressar o quanto vocês são importantes na minha vida. Sou grata simplesmente por vocês existirem. Sem vocês a minha existência seria vazia. Amo vocês!

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para que este trabalho viesse a lume, meus sinceros agradecimentos.

“À duração da minha existência dou uma significação  
oculta que me ultrapassa. Sou um ser concomitante:  
reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o  
tempo que lateja no tique-taque dos relógios”

(Clarice Lispector).



## RESUMO

Esta dissertação analisa a trajetória de Mariana Coelho (1857-1954) intelectual, educadora e feminista portuguesa que chegou em Curitiba no ano de 1893 onde manteve-se atuante até a década de 1940. Partimos da investigação de sua origem familiar e cultural, meio pelo qual buscamos entender seu processo de formação e sua atuação no campo cultural paranaense. Engajada na causa da emancipação feminina Mariana Coelho encontrou espaço para divulgação de suas ideias em um campo ainda restrito a participação das mulheres, utilizando de suas amizades e parcerias com intelectuais importantes de seu contexto para publicar. Ela teve uma intensa participação no cenário intelectual curitibano, escreveu e publicou seis livros e um número considerável de artigos e notas em periódicos locais, também sustentou uma relação de proximidade com instâncias culturais regionais, nacionais e internacionais, como a Academia de Letras do Paraná, o Centro de Cultura Feminino, a Loja de Adoção Filhas de Acácia, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e a International Woman Suffrage Alliance. Sua atuação no âmbito educacional se deu a partir de duas experiências distintas e singulares: o Colégio Santos Dumont e a Escola Profissional Feminina. Em 1902 fundou e conduziu o Colégio Santos Dumont, instituição que oferecia o ensino primário para ambos os sexos e o curso de prendas domésticas direcionado a educação de mulheres, nesta instituição permaneceu até 1917. Sua segunda experiência no contexto educacional se deu na Escola Profissional Feminina, instituição na qual inicialmente atuou como professora de datilografia e secretária e em 1926 passou a ocupar o cargo de diretora em que permaneceu até 1940. Nas instituições em que atuou defendeu uma maior participação das mulheres na esfera pública, os direitos políticos e civis femininos, sua cidadania e a ampliação de seu nível educacional. O balizamento temporal adotado neste estudo levou em consideração a participação de Mariana Coelho na vida pública, de 1893 a 1940. As fontes que compõe as análises aqui desenvolvidas são de tipologias variadas como: obras, discursos e textos jornalísticos, documentos oficiais e jurídicos relativos ao âmbito educacional. Do ponto de vista dos referenciais teóricos presentes neste trabalho, foram utilizados os conceitos de campo, trajetória e capital de Pierre Bourdieu e a categoria de intelectuais de Carlos Eduardo Vieira.

**Palavras-chave:** Mariana Coelho, Intelectuais, Educação, Mulheres, História da Educação.

## ABSTRACT

This dissertation examines the trajectory of Mariana Coelho (1857-1954) intellectual, educator and feminist Portuguese who arrived in Curitiba in 1893 where she remained active until the 1940s. We start by investigating her family background and cultural means by which we seek to understand her formation process and her role in the cultural field of Parana. Engaged in the cause of female emancipation Mariana Coelho found space to promote her ideas in a field still restricted for women, using her friendships and partnerships with important intellectual context to publish. She had an intense participation in the intellectual scene of Curitiba, wrote and published six books and a considerable number of articles and notes in local newspapers, also maintained a close relationship with regional cultural bodies, national and international, as the Academia de Letras do Paraná, the Centro de Cultura Feminino, the Loja de Adoção Filhas de Acácia, the pr pelo Progresso Feminino and International Woman Suffrage Alliance. Her performance in the educational field occurred from two distinct and unique experiences: the Colegio Santos Dumont and Escola Profissional Feminina. In 1902 she founded and led the Colegio Santos Dumont, the institution that provided primary education for both sexes and a course of housewife directed at educating women, in this institution she remained until 1917. Her second experience in the educational context occurred in the Escola Profissional Feminina, the institution where she worked initially as a typewriting teacher and secretary and in 1926 moved to the director position she held until 1940. In institutions where she worked advocated greater participation of women in the public sphere, civil and political rights for women, citizenship and the expansion of their educational level. The temporal beacon used in this study took into account the participation of Mariana Coelho in public life, from 1893 to 1940. The sources that make up the analysis developed here are of various types such as books, speeches and newspaper articles, official documents and legal framework relating to education. From the viewpoint of the theoretical framework presented in this work, we used the concepts of field, track and capital of Pierre Bourdieu and the category of intellectual Carlos Eduardo Vieira.

**Keywords:** Mariana Coelho, Intellectuals, Education, Women, History of Education.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT (1902) .....	84
FIGURA 2 – PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT.....	89
FIGURA 3 – À ESQUERDA MARIANA COELHO CERCADA POR ALUNOS DO COLLEGIO SANTOS DUMONT. À DIREITA O ILUSTRE PATRONO SANTOS DUMONT EM VISITA À ESCOLA. ....	94
FIGURA 4 – PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT.....	95

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CONSTRUINDO UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL NA CAPITAL PARANAENSE.....	28
1.1 “MEMÓRIAS” LUSITANAS .....	28
1.2 UMA VOZ PORTUGUESA EM CURITIBA .....	43
1.3 IDENTIDADE DE MULHER PÚBLICA .....	50
2. TRAJETÓRIAS ENTRECRUZADAS: MARIANA COELHO E OS INTELECTUAIS PARANAENSES.....	55
2.1 ESPAÇOS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO.....	55
2.2 UMA PRESENÇA FEMININA ENTRE PARES MASCULINOS....	56
2.3 EMANCIPAÇÃO FEMININA EM DEBATE .....	64
3. EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS .....	83
3.1 VOCAÇÃO E SACERDÓCIO: Mariana Coelho e a missão do ensino .....	83
3.2 ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA .....	102
3.3. EDUCAÇÃO FEMININA: uma janela para o futuro .....	111
4. CONCLUSÃO .....	114
FONTES .....	117
OBRAS DE COELHO.....	117
ARTIGOS JORNALÍSTICOS.....	118
RELATÓRIOS .....	121
OUTROS DOCUMENTOS .....	121
REFERÊNCIAS .....	123
ÍNDICE REMISSIVO.....	129

## INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe analisar a trajetória e o pensamento educacional de Mariana Coelho (1874-1954) <sup>1</sup>. Portuguesa de nascimento, chegou ao Paraná em 1893 e se firmou como intelectual, feminista e educadora, ao trazer sua experiência cultural para Curitiba, onde manteve-se atuante e engajada até os anos de 1940, período no qual, além de colaborar em diversos periódicos da capital, produziu e publicou seis livros<sup>2</sup>.

O momento no qual ela chegou a Curitiba caracterizava-se pela intensificação da vida intelectual e por tensões entre projetos que estavam em disputa no cenário público. Tal qual argumenta Bega (2001), na virada do século XIX, Curitiba viveu o apogeu do ciclo da erva-mate, que embora tenha sido uma atividade econômica apenas regional propiciou o suporte financeiro necessário para que a vida cultural florescesse na capital (p. 112).

A pequena e acanhada Curitiba da virada do século XIX para o século XX sentiu gradativamente os efeitos das alterações ocorridas na sociedade brasileira deste período, com a mudança de regime político, a chegada de imigrantes de várias nacionalidades e a crescente urbanização. A capital do Paraná, província recém-emancipada, olhava para os grandes modelos de modernização e civilização brasileiros e estrangeiros e buscava adequar-se a eles, assim, passava por uma experiência que, progressivamente, mudava sua aparência.

Essa experiência se evidenciou por imagens contrastantes da cidade. Por um lado, os intelectuais paranaenses empenhavam-se em divulgar uma Curitiba em processo de urbanização, que perdia, pouco a pouco, os hábitos e aspectos provincianos e ganhava ares de suntuosidade. O ambiente descrito era de urbanidade, a cidade crescia e ganhava grandes avenidas e *boulevards*,

---

<sup>1</sup> Bourdieu (2008) define que “[...] diferente das biografias comuns, a trajetória descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor [ou intelectual] em estados sucessivos do campo, tendo ficado claro que é apenas na estrutura de um campo, isto é, repetindo, relacionalmente, que se define o sentido dessas posições sucessivas, publicações em tal ou qual revista, ou por tal ou qual editor, participação em tal ou qual grupo, etc.” (p. 73).

<sup>2</sup> Os livros publicados por Mariana Coelho foram: O Paraná Mental (1908); Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história (1932); Cambiantes (1940); Um brado de revolta contra morte violenta (1934); Linguagem (1937); Palestras Educativas (1956).

praças, *bonds* e iluminação elétrica (POMBO, 1980, p. 142). Por outro lado, a imprensa da época mostrava a cidade convivendo com ruelas lamacentas, falta de água e iluminação pública, bem como com a ausência de instituições de ensino.

Um cronista da época reclamava:

Olhai para a cidade. Um abandono por toda parte. Inúmeras são as ruas que ainda permanecem sem nivelamento. A Praça Tiradentes continua cheia de altos e baixos, e nas ocasiões de chuva torna-se verdadeiramente impossível o trânsito por esse largo. Como causa tristeza, e ao mesmo tempo indignação, ver de um lado a suntuosa catedral e de outro o faustoso edifício dos Hauers ambos margeados por um mar de lama. (ERASTO, Diário da Tarde, 10/07/1901, p. 1).

O panorama estava marcado por uma atmosfera que prometia agitação, crescimento, expansão, transformação e autotransformação das coisas ao redor, mas, como manifestava o cronista, modernização e precariedade caminhavam lado a lado. As inovações tecnológicas determinavam novas formas de comportamento e sensibilidade daqueles que participavam deste tempo, mas as promessas de mudanças vinham acompanhadas por ameaças de destruição das certezas, de ambiguidades e contradições que essas transformações provocavam. A esse conjunto de experiências, de tempo, espaço, de si mesmo e de outros, de possibilidades e perigos de vida, Berman (2007) chamou de modernidade. Para esse autor, ser moderno significava movimentar-se, ao mesmo tempo, pelo desejo de mudança e pelo terror da desorientação e da desintegração, pela vida que se desfazia em pedaços (p. 21).

A população de Curitiba vivia neste período uma intensificação das relações sociais e das trocas culturais, tanto pelo aumento de transeuntes que na época se aglomeravam nos espaços públicos, como pela ampliação e maior circulação da imprensa local, regional e nacional<sup>3</sup>.

Assim como o comportamento da população se modificava adaptando-se ou opondo-se ao progresso, também os conflitos intelectuais impulsionados pela recém inaugurada República brasileira provocavam na intelectualidade

---

<sup>3</sup> De acordo com Trindade (2000), a população de Curitiba passou de 126.722 habitantes em 1872 para 327.136 em 1900 (p. 62).

paranaense o desejo de participar do debate público acerca dos destinos da nação.

A atmosfera intelectual paranaense da virada de século XIX e dos primeiros anos do século XX esteve permeada por diversas tendências de pensamento que tentavam tornarem-se hegemônicas na cena pública. De acordo com Balhana (1981), que analisou o ambiente intelectual de Curitiba nos primeiros anos do século XX, o debate público deste período foi fortemente marcado pelo caráter ideológico-religioso que tomou o panorama cultural da capital. O advento da República, que promoveu entre outras coisas a separação da Igreja e do Estado no final do século XIX, simbolizou para a elite cultural de Curitiba a oportunidade de transgredir a tradição de pensamento e de comportamento (p. 11).

A igreja católica, por sua vez, tentava reconquistar o espaço perdido com a concretização de uma República laica, que ampliava as possibilidades de outras manifestações de fé e de sagrado. A reação da Igreja acontecia em âmbito mundial, com a expansão da romanização, que criava e ampliava instituições como escolas e seminários confessionais e também organizava novas Dioceses, novas congregações e ordens religiosas.

Nesta conjuntura, uma parcela significativa da elite curitibana acima aludida mantinha uma conduta que se contrapunha de forma frontal e radical à postura filosófica da igreja católica, por isso esse grupo foi alcunhado anticlerical. Ainda que seus membros partilhassem um “anticatolicismo”, não é possível afirmar que o grupo Anticlerical tivesse tendências homogêneas. Dele participaram espíritas, maçons, exotéricos, protestantes etc., que, muitas vezes, tinham em comum apenas o desejo de formar um exército contra a igreja católica.

Neste cenário, algumas reivindicações tornaram-se comuns entre os intelectuais livres-pensadores. Converter Curitiba em uma sociedade moderna, calcada nos pilares do progresso e da civilidade, era uma delas.

Nos anos que se seguiram à Proclamação da República houve um desencanto com os rumos tomados pela sonhada República brasileira, que parecia não dar conta dos problemas sociais e políticos vividos no período, o que tendeu a agravar e acirrar os ânimos e os discursos dos intelectuais da

época. Um país frágil do ponto de vista econômico, sem as condições mínimas de bem-estar para a maioria da população, que padecia na privação, miséria e marginalização, sem perspectiva de futuro. Que direção tomaria o país dentro de um panorama tão difícil? Como consolidar o modelo ideal de República tão desejado e discutido por estes intelectuais?

Nas primeiras décadas do século XX, a presença dos intelectuais na cena pública foi intensificada e vinha acompanhada por reivindicações em favor da modernização em todas as esferas da sociedade. A necessidade da afirmação de valores e instituições republicanos, a causa da educação para elevação cultural e material da população e a formação das elites dirigentes foram temas que marcaram profundamente o debate público e estiveram presentes em diferentes correntes e tendências culturais que produziram a atmosfera intelectual brasileira desse contexto. A causa da educação foi assumida pelos intelectuais do período como um recurso discursivo e uma estratégia política. A educação era vista como uma missão, meio pelo qual se esperava operar a conformação da nação (CARVALHO, 1989, p. 61).

A questão da escolarização da população tornou-se central no discurso desta elite letrada e a escola foi considerada instância privilegiada para controlar e moldar os cidadãos brasileiros. É possível afirmar ainda, que a população mais pobre – até então ausente do processo de escolarização – também vislumbrava no processo de expansão das escolas uma oportunidade de ascensão social das futuras gerações. A intelectualidade do período, por sua vez, considerava a educação como expressão do desenvolvimento nacional, por isso “formação da nacionalidade, industrialização e modernidade foram empreendimentos considerados impensáveis sem o enfrentamento da questão educacional” (VIEIRA, 2007, p. 17). De acordo com a perspectiva dessas elites cultas a educação era o meio essencial para formação da identidade do povo e da nação, bem como, condição indispensável para tirar o país do atraso em que se encontrava e inseri-lo em um contexto de progresso e civilidade, como mostram os argumentos de uma autoridade de ensino da época:

É um fato incontestável que a grandeza e prosperidade das nações estão na razão direta do grau de instrução e civilização que as



acompanha e, se outros elementos concorrerem para esse almejado fim, será sempre o princípio básico de qualquer organização social a cultura intelectual, que o homem, desde os verdes anos, vai adquirindo pouco o pouco nos centros educativos, que têm seu início na escola primária. Assim a escola representa a célula *mater*, de onde se originam os princípios vivificadores das sociedades, o centro luminoso que irradia os fecundos raios da civilização contemporânea, consoante o progresso das ideias democráticas, cujo primordial objetivo é habilitar os povos a se comunicarem pela leitura e correspondência, destruindo a desigualdade muitas vezes observada nos indivíduos, que vivem em ignorância e portanto afastados do exercício de seus direitos e deveres cívicos. (Relatório da Instrução Pública, 1907, p. 58).

A imprensa, neste contexto, passou a ter um papel cada vez mais importante: na publicação e circulação dos discursos produzidos por esses protagonistas e na produção literária que nesse período aumentou significativamente, passando a contar no início do século XX com cerca de cinquenta periódicos de temáticas e enfoques diversificados, número que segundo Cordioli (1988) foi superior aos períodos anteriores e posteriores a esta data (p. 5). Mesmo tendo em conta o crescimento da população curitibana, que passou de 126.722 habitantes em 1872, para 327.136 habitantes em 1900, o número de leitores potenciais ainda era restrito, visto que a taxa de analfabetismo chegava a 65% .

Contudo, não obstante o crescimento editorial experimentado por Curitiba, ainda eram poucas as mulheres que, nesse período, escreviam. Mesmo que Mariana Coelho não fosse exceção, visto que a historiografia mostra outras mulheres que escreveram e atuaram no espaço público nesta mesma época, também não poderia ser considerada como regra<sup>4</sup>. Em geral as mulheres que escreveram neste contexto valiam-se da pena para exteriorizar sentimentos e falar sobre as próprias experiências com o amor – nas poesias que com frequência circulavam nos periódicos dedicados à literatura – nos textos epistolares, nos diários íntimos e na autobiografia. Para Perrot (2007), é pelo caráter privado desses gêneros textuais que eles se tornaram mais adequados às mulheres (p. 28). A escrita literária e a escrita ensaística, entretanto, ainda eram pouco visitadas por essas agentes sociais, pois de

---

<sup>4</sup> Sobre mulheres escritoras no mesmo período, ver COELHO, N. N. Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001) e ELEUTÉRIO, M. L. Vidas de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890—1930).

acordo com Telles (2006), “a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil” (p. 409).

Em *Paraná Mental*, primeira obra de Mariana Coelho, datada de 1908, na qual ela destacava os intelectuais paranaenses do início do século, apenas uma mulher mereceu seu reconhecimento, Júlia da Costa, considerada a primeira literata paranaense<sup>5</sup>. O controle do acesso à palavra por meio da educação das mulheres pode explicar, em parte, o processo de fechamento da escrita para elas. Segundo Eleutério (2005),

(...) escrever (...) constitui[a]-se numa espécie de ensaio de identidade e autonomia. Ao produzir um texto, a mulher de então não est[ava] interessada apenas em expressar um saber ou em dar expansão aos seus anseios, mas sim de dar conta e de propor uma reflexão de si mesma e da sociedade que até então só se reconhecia através do foco da interpretação masculina. (p. 19).

No que tange à categoria de intelectuais usada neste estudo, estão sendo consideradas duas perspectivas. Uma das premissas metodológicas adotada por este trabalho parte da contribuição de Vieira, que destacou quatro características como sendo comuns aos intelectuais das primeiras décadas do século XX, entre os quais inclui-se aqui Mariana Coelho. Nos diferentes projetos formativos em disputa nesse período, Vieira (2010) enfatizou que esses agentes sociais se destacaram por:

1) sentimento de pertencimento ao estrato social que, ao longo dos séculos dezenove e vinte, produziu a identidade social do intelectual; 2) engajamento político propiciado pelo sentimento de missão ou de dever social; 3) elaboração e veiculação do discurso que estabelece a relação entre educação e modernidade; 4) assunção da centralidade do Estado como agente moderno de reforma social (p. 3 e 4).

Ainda em relação à categoria de intelectuais, adotou-se nesta pesquisa a perspectiva de que Mariana Coelho foi uma intelectual intérprete de seu tempo, capaz de nominar e categorizar experiências que traduziam seu contexto. (BOURDIEU, 1990, p. 179). Mariana Coelho viveu em um contexto

---

<sup>5</sup> Julia da Costa nasceu em Paranaguá e viveu em Santa Catarina junto com o marido boa parte da vida. É descrita como uma poetisa romântica e pessimista. Foi colaboradora em diversos periódicos de Curitiba, Paranaguá e Porto União (NICOLAS, 1977 e COELHO, 1908).

marcado pelas transformações que aconteciam com o nascimento e o desenvolvimento da urbe curitibana e com o crescimento sem precedentes das ciências e da tecnologia que aconteciam em âmbito mundial. Experimentou, portanto, transformações que modificaram profundamente os modos de vida e as práticas sociais da época, deixando registrados por meio da linguagem vestígios das mudanças que acompanhou.

O investimento em uma análise de sua trajetória do ponto de vista da história da educação justifica-se pela singularidade de sua participação na esfera pública, no campo cultural, bem como no âmbito educacional. Em um contexto no qual a visibilidade das mulheres nestes espaços ainda era restrita, Mariana Coelho encontrou brechas para uma intensa participação na vida pública e cultural da capital paranaense.

Neste sentido, com o presente trabalho, buscou-se compreender como Mariana Coelho usou seus capitais sociais e culturais para inserir-se e legitimar-se no nascente campo cultural curitibano. A partir dos muitos lugares sociais ocupados por essa mulher e das relações sociais que manteve com seus pares, pode-se vislumbrar seus acordos e desacordos, as tensões que envolveram suas decisões e opiniões, bem como compreender suas crenças e visões de mundo.

Por meio de sua trajetória educacional procurou-se também vislumbrar os projetos educacionais em que ela esteve engajada, refletindo em que medida sua maneira de pensar a educação expressava elementos comuns ao seu contexto e o que revelava de singular. Com isso espera-se contribuir para uma interpretação do cenário intelectual e educacional de Curitiba durante um período que se estendeu de 1893, ano de chegada de Mariana Coelho à capital paranaense e início de sua participação na vida pública, até 1940, ano em que deixou de atuar regular e intensamente na cena pública.

No que se refere a sua trajetória, destaca-se a importância que teve para Mariana Coelho seu pertencimento à elite letrada da época, o que lhe permitiu acesso à cultura erudita. Embora ela não tenha tido certificação escolar, visto que a documentação encontrada não revela sua formação inicial e seu atestado de óbito mencione “Do Lar” como sua profissão, acreditamos que ela encontrou outros meios para acumular capitais culturais e sociais que lhe

permitiram atuar na cena pública<sup>6</sup>. A presença de seu irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho na trajetória de Mariana Coelho, a sua participação em instâncias culturais regionais, nacionais e internacionais, bem como uma tendência ao autodidatismo, foram considerados neste trabalho como aspectos fundamentais que contribuíram para sua entrada e permanência no mundo letrado<sup>7</sup>.

O vínculo com seu irmão, por exemplo, foi um fator decisivo para seu rápido ingresso, socialização e mesmo aceitação em meio à comunidade literária curitibana. O fato de ser irmã de Teixeira Coelho não garantiu a Mariana Coelho acesso automático ao mundo letrado, mas é possível afirmar que ela soube utilizar as oportunidades e experiências que essa fraternidade podia lhe proporcionar. Escrever nos periódicos do irmão ou mesmo relacionar-se com a maçonaria – reduto de vários intelectuais livres-pensadores – foram iniciativas que lhe renderam, ao menos em parte, a legitimação de sua escrita. O irmão manteve-se sempre atuante no campo cultural e em constante contato com os intelectuais livre-pensadores paranaenses, isto permitiu que Mariana Coelho também pudesse desfrutar da amizade destes mesmos intelectuais. Contar com uma rede sólida de relações era um fator decisivo para qualquer

---

<sup>6</sup> A analogia que Bourdieu faz ao aspecto econômico quando se refere a capital, pode ser explicada pelas propriedades do mesmo: ele se acumula por meio do investimento, pode ser transmitido por herança, permite que sejam extraídos lucros segundo a oportunidade que o seu detentor tiver para operar as aplicações mais rentáveis. Essas características fazem com que o uso desse conceito não esteja limitado apenas à área econômica, mas, que possa se dar, por exemplo, no âmbito cultural. Bourdieu afirma que é possível distinguir quatro tipos de capital. O capital econômico que é representado pelo conjunto de bens econômicos, tais como: renda, patrimônio, etc. O capital cultural que é definido como o conjunto de qualificações intelectuais, sendo que pode ser transmitido pela família ou pelo sistema escolar, o qual pode existir em três formas: em estado incorporado, quando torna-se uma disposição duradoura do corpo; em estado objetivo, enquanto bem cultural; e em estado institucionalizado ou seja, sancionado por instituições (certificação, ou título acadêmico, por exemplo). O capital social é o conjunto de relações sociais mais ou menos institucionalizado de interconhecimento e inter-reconhecimento de que dispõe um grupo ou indivíduo. O capital simbólico é um elemento indicador de prestígio, confere crédito e autoridade ao agente que o possui e é definido como o conjunto de rituais ligados à honra e ao reconhecimento. Entretanto para Bourdieu não é suficiente possuir ou acumular qualquer tipo de capital, pois isso não garante ao agente distinção social ou legitimação, é a sua trajetória e seu movimento nos diferentes campos e nas relações que ele estabelece com eles que definirá o sucesso ou fracasso de seus investimentos.

<sup>7</sup> Carlos Alberto Teixeira Coelho (1866-1926) era o irmão mais velho de Mariana Coelho e fixou residência em Ponta Grossa no ano de 1892. Teve sua formação inicial na Universidade de Coimbra no curso que formava Boticários e atuou, na época em que chegou ao Paraná, como farmacêutico oficial da cidade de Ponta Grossa, pertenceu à Liga Anticlerical e à Loja Maçônica Amor e Caridade nesta mesma cidade. Também foi editor e proprietário de vários periódicos alinhados aos ideais do livre-pensamento, do anticlericalismo e do anarquismo.

indivíduo inserido na comunidade literária de então, e não apenas para uma mulher, o que nos leva a considerá-la mais como pertencente ao grupo de intelectuais livre-pensadores curitibanos, do que como alguém excepcional ou favorecido por sua condição social. Neste sentido, concorda-se aqui com Sirinelli (1996) quando argumenta que

No meio intelectual, os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo; quer haja um fenômeno de intermediação ou, o contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto elemento de referência explícita ou implícita. Além disso, e exatamente por esta razão, o esclarecimento dos efeitos da idade e dos fenômenos de geração no meio intelectual vai além do procedimento apenas descritivo ou taxionômico; reveste-se, em determinados casos, das virtudes explicativas, pois esses efeitos dos fenômenos não são inertes: são às vezes engrenagens determinantes do funcionamento desse meio (p. 255)<sup>8</sup>.

Na mesma direção, Bourdieu (190) afirma que embora os intelectuais possam muitas vezes divergir acerca de como determinadas questões devam ser tratadas, existe um acordo em relação a quais delas devam ser discutidas. É por meio das chamadas *problemáticas obrigatórias* que um pensador reflete que ele passa a pertencer à sua época, possibilitando ao historiador situá-lo e datá-lo (p. 207).

Temas como feminismo, profissionalização da mulher, laicização do ensino, anticlericalismo, cientificismo, eugenia, entre outros, foram abordados por Mariana Coelho em suas produções. Embora essa pluralidade de temas possa dar a impressão de uma miscelânea de ideias, na verdade, foram resultantes de sua ação pedagógica e de sua identidade com os intelectuais de seu tempo.

As obras de Mariana Coelho foram analisadas em trabalhos recentes que tiveram como objetivo recuperar alguns aspectos da trajetória da autora. Em tese de doutoramento, Kamita (2005) analisou uma parte significativa dos escritos de Mariana Coelho centrando-se na questão do feminismo., a tese foi

---

<sup>8</sup> Em relação a questão geracional, de acordo com Vieira (2010), a mesma não deve ser compreendida apenas do ponto de vista do tempo cronológico, e sim como um conceito que favorece a perspectiva do “[...] encontro de horizontes, a comunhão nas formas de pensar e de agir” (p. 3). Dessa forma, é possível pensar que intelectuais que viveram e atuaram em contextos temporais distintos, podem compartilhar de formas de pensar e agir geracionalmente.

importante, pois trouxe à público documentos de autoria de Mariana Coelho que ainda não haviam sido explorados do ponto de vista acadêmico.

Na tese, Kamita (2005) atribui a Mariana Coelho o papel de pioneira feminista. Em seu texto, além de dedicar-se à análise das obras de Mariana Coelho, faz um histórico do feminismo em âmbito mundial e brasileiro e resgata reivindicações de outras mulheres pertencentes ao contexto do entresséculos que divulgaram ideias feministas como: Nísia Floresta, Leonilda Daltro, Bertha Lutz, Joana Paula Manso de Noronha e Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

Por fim, destaca o contexto de Curitiba no final do século XIX e primeiros anos do século XX - período de produção intelectual de Mariana Coelho – voltando-se principalmente para a condição da mulher nesse período. Destaca também outras mulheres escritoras que atuaram no Paraná na virada do século como: Escolástica de Moraes Vellozo, Maria Cândida de Jesus Camargo, Júlia Maria da Costa e Rosy Pinheiro Lima. A autora ressalta que as obras produzidas por essas mulheres se distanciavam da proposta de escrita de Mariana Coelho, visto que se tratavam, em sua maioria, de poesia romântica.

Em trabalho monográfico não publicado na área de história Silvestrin (2000) investiu na análise da figura do intelectual na perspectiva de Mariana Coelho. Na pesquisa, a autora faz uma revisão do papel do literato no início do século XX a partir da obra *O Paraná Mental* (1908). Em sua análise destaca principalmente a seleção e a classificação que Mariana Coelho empregou ao arrolar três gerações de intelectuais paranaenses e destaca a importância da obra para a auto-representação da elite cultural curitibana.

Seixas (2007), também em trabalho monográfico, estudou a questão do feminismo, situando o pensamento da autora em questão, relacionando-o a um grupo mais amplo de mulheres do contexto, centrando-se na análise da obra *A Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história* (1933). No que tange à monografia citada o espaço ocupado pelas análises da obra de Mariana Coelho é relativamente pequeno, pois a autora teve como preocupação central o resgate da história do feminismo.

Entende-se que tais investimentos foram importantes, pois tirando Mariana Coelho do silêncio, retomaram questões importantes do pensamento da autora. Entretanto, acreditamos que a análise do pensamento desta

intelectual não está esgotada, e que a problematização das suas obras, dentro de um quadro mais amplo, procurando incluir a temática da educação, tão cara aos intelectuais do período estudado, é uma contribuição valiosa para história intelectual e, mais particularmente, para história da educação.

Compõe o corpus documental principal deste trabalho, as obras escritas e publicadas por Mariana Coelho entre 1908 e 1940. São elas: *O Paraná Mental* (1908), *Evolução do Feminismo: subsídios para sua história* (1933), *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1935), *Linguagem* (1937), *Cambiantes* (1940) e *Palestras Educativas* (obra póstuma, 1954).

O *Paraná Mental* (1908) é uma obra de crítica literária. Encomendado para as comemorações do centenário da abertura dos portos brasileiros às nações amigas, o livro apresenta três gerações de intelectuais paranaenses. Dividido em quatro capítulos, destaca a vida cultural paranaense desde sua emancipação política, contemplando os escolhidos de Mariana Coelho na literatura – poetas, prosadores e jornalistas –, no teatro e nas Belas Artes, sendo que um capítulo foi dedicado à Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná. Por se tratar de um livro encomendado, é possível supor que o mesmo tenha passado por muitas negociações para decidir quais intelectuais iriam compor o livro, quanto espaço cada um receberia e sob quais adjetivos seriam destacados. Esta obra foi prefaciada por Rocha Pombo, intelectual que na época gozava de reconhecimento nacional no campo cultural e foi publicada pela Tipografia Econômica de Curitiba<sup>9</sup>. Foi premiado com medalha de prata pelo Juri do Distrito Federal, na Exposição Nacional do Centenário da abertura dos portos às nações amigas, no Rio de Janeiro no ano de sua primeira publicação.

No prefácio do livro *Palestras Educativas* (1956) Leonor Castellano<sup>10</sup> afirmou que o livro recebeu muitas críticas. Algumas das críticas citadas por

---

<sup>9</sup> Intelectual nascido em 1857, José Francisco da Rocha Pombo foi mestre-escola em Morretes-Paraná. Em 1880 mudou-se para Curitiba e foi atuante jornalista neste período. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1897, onde foi professor e jornalista. Foi presença constante na apreciação das obras de Mariana Coelho, algumas vezes se dirigindo diretamente a ela por meio de cartas, outras, tecendo comentários em periódicos acerca de suas obras.

<sup>10</sup> Leonor Castellano nasceu em Curitiba em 1899, foi romancista, cronista e conferencista. Atuou como Presidente do Centro Paranaense Feminino de Cultura e também do Centro de Letras do Paraná (1949-1952). Participou ainda da Academia de Letras do Paraná e do Centro Cultural Euclides da Cunha em Ponta Grossa. Leonor, conforme relata no prefácio ao livro

Castellano foram encontradas no jornal *A República* de 1908. O crítico – que não assinou as notas e que argumentava ter recebido um exemplar do livro na redação do jornal – em sua apreciação mencionava que o livro de Mariana Coelho errava ao criticar os intelectuais simbolistas, pois segundo sua opinião, a escola estava em plena ascensão na capital paranaense. Considerava também que a autora teria deixado fora da obra alguns intelectuais paranaenses que o crítico considerava importantes. Nos números posteriores à publicação da crítica, Mariana Coelho escreveu em *A República* várias réplicas em que se defendia das críticas recebidas. Neste mesmo ano o irmão de Mariana Coelho, Carlos Alberto Teixeira Coelho, escreveu e publicou o livro *A Crítica paranaense ao Paraná Mental*. Embora não tenha sido possível conhecer o conteúdo da obra, a data da publicação e o título da mesma apontam para uma publicação que intencionava defender Mariana Coelho das críticas recebidas. *Evolução do Feminismo: subsídios para sua história* (1933) é a obra de maior fôlego de Mariana Coelho. De acordo com um registro da própria autora, o livro demorou cerca de vinte anos para ficar pronto. Com mais de 600 páginas em sua primeira publicação, é uma fonte que nos fornece elementos importantes para analisar o contexto do nascimento do feminismo no início do século XX, bem como nos dá um panorama interessante da visão de mundo e crenças de Mariana Coelho. O livro foi prefaciado por Rocha Pombo e Dario Vellozo e foi publicado pela editora Imprensa Moderna do Rio de Janeiro e, tal como *O Paraná Mental*, foi reeditado em 2002 com ortografia atualizada<sup>11</sup>. Segundo relato de Mariana Coelho documentado na obra, o livro havia sido concluído em 1926, entretanto, ao viajar para o Rio de Janeiro levando os originais para publicação, a autora teve um capítulo roubado e voltou a trabalhar no mesmo só concluindo seu trabalho em 1933, ano da

---

Palestras Educativas foi aluna e amiga pessoal de Mariana Coelho e ficou responsável pela publicação póstuma deste mesmo livro.

<sup>11</sup> Nascido em 1869 na cidade do Rio de Janeiro Dario Vellozo mudou-se para Curitiba. Foi professor atuando como lente de História Universal e do Brasil, além de lecionar outras disciplinas como Literatura e Língua Portuguesa, no Ginásio Paranaense e na Escola Normal. Publicou diversas obras de cunho pedagógico e de História, além de ter intensa participação no cenário intelectual paranaense da época. Fundou em Curitiba, o Instituto Neopitagórico, participando também da fundação de diversos periódicos que serviram à difusão de suas ideias. Neles é possível encontrar diversos textos de autoria de Mariana Coelho, a maioria de cunho literário. Faleceu em Curitiba em 1937 (MARACH, 2007).



publicação. No ano seguinte à publicação do livro, o mesmo recebeu várias críticas positivas de jornais e revistas nacionais e internacionais.

Um brado de revolta contra a morte violenta (1935) é o registro de uma palestra que Mariana Coelho realizou em 1934 no Centro de Cultura Feminina – instituição que ajudou a fundar e da qual foi diretora por dois anos – na qual discutia as consequências negativas da Primeira Guerra Mundial, declarava-se pacifista e mencionava a possibilidade de um novo conflito, a Segunda Guerra Mundial, bem como a importância da preservação da paz para manutenção da vida humana. Linguagem (1937) foi uma tese apresentada por Mariana Coelho ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil, realizada no Rio de Janeiro, em maio de 1936, na qual a autora defendia a unificação da ortografia brasileira e portuguesa e que foi transformada em livro e editada posteriormente pela gráfica Cruzada de Curitiba.

Essas duas obras são mais curtas e, embora sejam importantes do ponto de vista do lugar de onde foram proferidas, mostram-se empreendimentos de menor envergadura do que, por exemplo, Paraná Mental (1908) ou Evolução do feminismo: subsídios para sua história (1933).

Cambiantes (1940) é um livro que reúne os primeiros contos e poesias escritos por Mariana Coelho. Com textos curtos e repletos de lições moralizantes, o tema mais recorrente na obra é o anticlericalismo. Publicado em 1940, o texto original foi enviado para Dario Vellozo, que prefaciou a obra em 1934, mas faleceu antes de a mesma vir a público. Foi editada pela gráfica “Revista dos Tribunais” de São Paulo e recebeu ilustrações do artista Guido Viaro<sup>12</sup>.

Palestras Educativas (1956) é uma obra póstuma. Trata-se da reunião das palestras proferidas por Mariana Coelho em datas comemorativas na Escola Profissional Feminina durante o final da década de 1930 e que foram anteriormente publicadas no periódico escolar A Primavera. A obra foi prefaciada por Leonor Castellano e publicada pelo Centro de Letras do Paraná.

---

<sup>12</sup> Guido Viaro nasceu em 1897 em Badia Polesine, Vêneto, Itália. Chegou ao Brasil em 1927 e em Curitiba no ano de 1930. Ao chegar ao Brasil trabalhou em São Paulo como ilustrador e caricaturista em jornais da cidade, onde faleceu em 1971. De acordo com Osinski (2005) foi considerado por muitos como responsável pela introdução na modernidade das artes plásticas. Foi um artista bastante produtivo e ficou conhecido no contexto cultural por meio de suas obras gráficas e pictóricas (p. 2).

Em relação a esse material pode-se afirmar que, por se tratar de obras que foram escritas em diferentes períodos da trajetória de vida de Mariana Coelho, com diferentes propósitos e temáticas variadas, nos possibilitam compreender sua visão de mundo, as crenças, adesões, mudanças e revisões que cercaram sua produção escrita, ao mesmo tempo, essas fontes nos fornecem pistas de sua atuação no âmbito educacional e cultural.

Além de sua intensa participação na esfera pública como literata, Mariana Coelho atuou como proprietária, professora e diretora de escolas em Curitiba. Em relação a sua atuação em instituições escolares, no ano de 1902, ela fundou o Colégio Santos Dumont. Na escola Mariana Coelho oferecia inicialmente “[...] o ensino primário para ambos os sexos, e secundário de prendas domésticas e música aos alunos do sexo feminino” (A República, 05/01/1902, p. 1).

Em 1918 passou a atuar como secretária e professora de datilografia na Escola Profissional Feminina, instituição da qual foi diretora a partir de 1926, depois de um desentendimento com a antiga diretora da escola Maria de Lima. Nesta instituição permaneceu até 1940.

Para compreendermos sua atuação no âmbito educativo, foram utilizados no presente trabalho, artigos, notas e discursos de autoria de Mariana Coelho que abordaram essa temática e que foram publicados em periódicos de Curitiba, desde o final do século XIX até a década de 1940.

Entre as fontes jornalísticas também foram analisados artigos que Mariana Coelho escreveu sobre o feminismo em 1901 no periódico Diário da Tarde e que renderam uma discussão polêmica e acalorada com intelectuais locais, episódio que será tratado no segundo capítulo do presente trabalho.

As fontes jornalísticas, dentro da perspectiva adotada por esse trabalho, são observadas enquanto registros que pelas

[...] características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao acontecimento, o caráter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto único e insubstituível como fonte para o estudo histórico e sociológico da educação e da pedagogia (NOVOA, 2002, p. 131).

Também fazem parte da documentação consultada os ofícios da década de 1930 referentes à correspondência da Escola Profissional Feminina onde

Mariana Coelho atuou como professora e diretora. Estes documentos nos permitem vislumbrar de forma mais clara a experiência desta intelectual em uma instituição educativa voltada à profissionalização de mulheres<sup>13</sup>.

Além das fontes de autoria de Mariana Coelho, foram incluídas neste trabalho uma parte da documentação referente à administração estatal, especialmente aquelas relativas à esfera educacional, cujo o uso possibilitou compreender algumas ações do Estado neste âmbito.

No primeiro capítulo deste trabalho, *Construindo uma trajetória intelectual no além-mar*, procuramos delinear alguns aspectos da trajetória de Mariana Coelho, buscando compreender suas múltiplas pertencas, investindo na análise de suas experiências familiares profissionais e de associação e de sua formação cultural, bem como os condicionamentos sociais a que esteve submetida.

No segundo capítulo, *Trajetórias entrecruzadas: Mariana Coelho e os intelectuais paranaenses*, buscamos compreender os lugares institucionais ocupados por Mariana Coelho, investigamos as formações de suas redes de sociabilidade que viabilizaram sua produção escrita e publicação. Nesses espaços sociais examinamos os processos de lutas, conflitos, desacordos e tensões entre ela e seus pares e desafetos.

No terceiro capítulo, *Experiências Educacionais*, nos detivemos a analisar duas experiências singulares de Mariana Coelho no âmbito educacional: o Colégio Santos Dumont (1902—1917), instituição privada de propriedade da intelectual, onde atuou como professora e diretora e a Escola Profissional Feminina (1918—1940), instituição pública na qual atuou como professora e diretora.

---

<sup>13</sup> Em 1886 foi criada por Mariano de Lima a *Escola de Belas Artes e Indústrias*. Em 1902, em meio a uma crise, seu proprietário deixou Curitiba e pediu exoneração de suas atividades na escola. Neste mesmo ano a escola passou por uma reformulação em sua orientação pedagógica, sua direção passou para d. Maria de Aguiar de Lima, esposa de Mariano de Lima e a escola começou a dar ênfase à profissionalização das mulheres. Em 1917 a escola, que já funcionava em um prédio do governo do Estado e recebia subvenção, tornou-se estatal denominando-se *Escola Profissional Feminina*. Em 1932, em meio a uma crise financeira, a instituição passou a se chamar *Escola Profissional República Argentina*. A escola passou por uma nova reformulação e teve seu nome alterado para *Centro de Artes Guido Viaro*, sob o qual funcionou até 1992 (SANTANA, 2004).

## **1. CONSTRUINDO UMA TRAJETÓRIA INTELECTUAL NA CAPITAL PARANAENSE**

### **1.1 “MEMÓRIAS” LUSITANAS**

Para além de meras informações biográficas, a análise da trajetória intelectual de Mariana Coelho a que nos propomos, busca entender o seu ingresso no mundo das letras e sua atuação no âmbito da educação. Entendemos que o momento histórico em que Mariana Coelho viveu foi propício para sua participação na cena intelectual curitibana. Como mencionado anteriormente, acontecia à época uma emergência do campo cultural curitibano e brasileiro, ainda do ponto de vista do contexto estrutural, o país passava por um processo de profissionalização da mulher que acontecia em virtude da crescente urbanização, e que foi observado atentamente pelo nascente movimento feminista, do qual Marina Coelho fez parte.

A personagem em que se centra a presente análise compartilhou, com outros homens e mulheres de seu tempo, a relação entre ciência e política, via pela qual se afirmava a função social do intelectual. Parte significativa da intelectualidade brasileira da virada do século XIX, e dos primeiros anos do século XX, preconizava a ciência como instrumento de civilização e progresso da nação. A educação, neste contexto, teve um papel preponderante, tema eleito por esses intelectuais para os debates públicos e que podia ser entendido sob várias perspectivas. Entre elas podemos citar: a aplicação social da ciência e a ampliação e difusão do conhecimento sistematizado a toda população, por meio de reformas no sistema de ensino nas quais se incluía a adoção de métodos modernos de ensino, formação do magistério, arquitetura escolar, higiene, entre outros. Dessa forma, o tema da educação foi assumido pelos intelectuais do período como o meio possível para salvar uma nação de analfabetos e doentes.

Na direção desta argumentação, vários grupos intelectuais buscavam legitimidade para interferir nas políticas públicas do país, construindo e

consolidando um espaço social de atuação intelectual. Essa busca ampliou as possibilidades de acesso de novos agentes sociais no cenário público, inclusive de mulheres, visto que elas passavam a ter um maior acesso à educação e à profissionalização, mesmo que estas tivessem como fundamento papéis que fossem apropriados a elas, o que aconteceu, por exemplo, com a função materna.

De acordo com Kappeli (1991) o próprio movimento feminista de representação dualista colocou a faculdade maternal da mulher – qualidade definida não apenas fisicamente mas também psíquica e socialmente – como preponderante na aquisição dos direitos femininos<sup>14</sup>.

Por tanto, dentro do discurso do movimento feminista dualista, por exemplo, a dimensão da maternidade para mulher é uma questão que esteve sempre presente e serve de argumento a favor de reformas educativas e legislativas. Discutir os direitos à educação e à profissionalização feminina, não significava necessariamente o abandono de seu principal papel dentro da sociedade, a maternidade. Esse elemento, presente com recorrência nos discursos de intelectuais feministas, pode ser analisado sob dois pontos de vista distintos, tanto na identificação das mulheres com esse papel social que lhes era atribuído quanto como uma estratégia de aceitação social<sup>15</sup>.

Embora o presente estudo não se pretenda biográfico, entende-se que seja necessário resgatar alguns aspectos da trajetória de Mariana Coelho que considera-se relevantes para marcar seu lugar social<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Kappeli (1991) divide o feminismo dos anos finais do século XIX em duas vertentes: dualista e igualitarista. Na primeira vertente os direitos das mulheres são defendidos a partir da dualidade masculino/feminino e da família. No feminismo igualitário o fundamental era a unidade sócio-política da individualidade e da cidadania, esta segunda perspectiva estava pautada na filosofia das luzes e na Declaração dos Direitos Universais do homem.

<sup>15</sup> Por estratégia estamos entendendo as articulações entre as escolhas individuais dos agentes sociais e os constrangimentos sociais que condicionam estas escolhas. As escolhas não podem ser vistas como produto de uma ação inconsciente, mas também não são produtos de um cálculo consciente e racional. Como argumenta Bourdieu (1990) ao definir estratégia “ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando de atividades sociais [...]” (p. 81).

<sup>16</sup> Estamos entendendo *trajetória* dentro da perspectiva apontada por Bourdieu (1996), que se refere a ela como sendo “[...] a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos (p. 292)”.

Mariana Coelho nasceu em Portugal, Vila Sabrosa, distrito de Vila Real, provavelmente no dia 10 de setembro do ano de 1872 – os verbetes e trabalhos escritos sobre ela não dão conta de precisar sua data de nascimento.

Kamita (2005), afirma que Mariana Coelho teria nascido em 1857, procura demonstrar que as divergências entre as datas de nascimento dela se deram em função de que os documentos oficiais, tais como a certidão de óbito, dicionários e outras obras biográficas, apontavam que ela teria falecido com 74 anos, mas que na pesquisa que desenvolveu, os que conviveram com ela afirmavam que ela teria vivido mais<sup>17</sup>.

Contudo, 1872 é a data mais citada pelas obras biográficas sobre ela, entre as quais, O Dicionário de Mulheres do Brasil (SHUMAHAR, 2000, p. 418); Dicionário mundial de mulheres notáveis (OLIVEIRA, 1999, p. 267) e Dicionário de Mulheres (FLORES, 1999, p. 129). A esta observação, soma-se o indicativo de que seu irmão, Carlos Alberto Teixeira Coelho, que sempre foi referido por ela como mais velho, nasceu em 1866. Também Leonor Castellano, em prefácio na obra Palestras Educativas (1956), afirmou que Mariana Coelho teria jubulado no cargo de diretora da Escola Profissional Feminina, isto, segundo mostram as fontes da escola, teria acontecido em meados dos anos de 1940. Se tomássemos por referência de ano de nascimento 1857, teríamos que supor que ela teria saído da escola com mais de oitenta anos. Pelo que se expôs, adotamos como ano de nascimento da autora 1872.

Há poucos vestígios da vida de Mariana Coelho no período que antecedeu a sua chegada em Curitiba, que se deu em 1892, aos vinte anos de idade. Alguns trabalhos apontam que já em Vila Real ela teria investido na escrita de artigos em periódicos, entretanto não foi possível encontrar tais artigos. Os periódicos citados por Muzart (2003) são O Commercio de Villa Real, Jornal da Manhã e A Voz Pública. O Commercio de Villa Real teve como editor responsável José Maria Pires da Silva e circulava nas terças e sextas-feiras na localidade de Vila Real, em Portugal, de 1875 a 1881. O Jornal da Manhã circulou na cidade do Porto entre 1872 e 1888 e sua publicação era diária. A Voz Pública era um jornal diário da cidade do Porto e circulou entre 1891 e 1909, tendo como editor responsável Diogo Macedo Motta (RAFAEL e

---

<sup>17</sup> Outras obras de referência mencionam os anos de 1872, 1873, 1857 e 1858.

SANTOS, 2002, p. 180/342). Os artigos mencionados por Muzart não foram encontrados, o que se pode afirmar sobre seus perfis é que os mesmos tiveram vida efêmera e repercussão local, o que era bastante comum no final do século XIX.

Mariana Coelho pouco relata de sua vida em Portugal. Suas lembranças da terra natal foram comentadas principalmente, em forma ficcional, em *Cambiantes* (1940), que foi uma das últimas obras publicadas por ela, embora se trate de uma coletânea de contos escritos pela autora em várias épocas, desde o final do século XIX até meados da década de 1930. Neste livro ela faz referência a uma Vila Lusitana como, “[...] um arcaico amontoado de capelas e brasões [...]” (p. 19) a pitoresca imagem é simbólica e contrasta melancolicamente com a descrição que faz de sua chegada ao Paraná, da qual revela em ricos detalhes as impressões que teve das expressões de modernidade e progresso encontradas no estado.

À medida que a locomotiva avança, aparece e desaparece por entre os quinze túneis que perfuram com extrema graça estes assombrosos morros e rochedos, desenrola-se sucessivamente, à vista do expectador deslumbrado, o quadro mais variado e surpreendente que se pode imaginar – embelezado ainda pela vista deliciosa de estrepitosas e lindas catadupas despenhando-se em cachões alvíssimos e ruidosos, e dos rios que serpeiam cristalinos ao fundo dessas colossais montanhas! Depois, todo este empolgante conjunto de atrativos desaparece atrás da locomotiva, na aproximação da estação de Piraquara, aonde ela chega, enfim vencedora, vertiginosa e soluçante, num misto de riso e pranto, vomitando uma intensa nuvem que se estende em direção oposta à sua marcha, semelhando uma cabeleira enorme que flutua, com esquisita elegância, impelida pela força da aragem provocada pela velocidade do trem. (COELHO, 1908, p. 20).

Esses trechos fazem parte da primeira obra publicada por Mariana Coelho, em 1908, *O Paraná Mental*, e descrevem sua impressão ao chegar ao Paraná. Para além das lembranças de uma estrangeira que volta seu olhar para o novo, podemos entrever em seu discurso alguns signos da modernidade: a estrada de ferro e a locomotiva.

As locomotivas tiveram um impacto profundo na vida daqueles que presenciaram seu surgimento. O século XIX se viu assombrado com esta invenção que alterava significativamente as percepções de espaço e tempo da humanidade,

[...] Inegável e triunfante, a tecnologia moderna era extremamente visível. [...] os maiores e mais potentes motores do século XIX eram os mais visíveis e audíveis de todos. Eram 100.000 locomotivas que puxavam seus quase 2,75 milhões de carros e vagões, em longas composições, sob bandeiras de fumaça. Elas faziam parte da inovação de maior impacto do século sequer sonhada cem anos antes [...] Vastas redes de trilhos reluzentes, correndo por aterros, pontes e viadutos, atravessando túneis de mais de quinze quilômetros de extensão, por passos de montanha da altitude dos mais altos picos alpinos, o conjunto das ferrovias constituía o esforço de construção pública mais importante já empreendido pelo homem [...] (HOBSBAWN, 2001, p. 48).

De acordo com Andreazza e Trindade (2001), no Paraná da virada do século XIX, a estrada de ferro que ligava Paranaguá a Curitiba, era vista como indício de modernidade e do progresso que chegavam ao estado. Era promessa de mobilidade, de [...] Paranaguá, em 1880, os trilhos se estenderam a Ponta Grossa; para o sul, até União da Vitória e para o norte, na direção de Wenceslau Braz, integrando todas essas regiões” (p. 66). Na tentativa de levar o progresso para o interior, a locomotiva por fim, revelou as privações em que viviam essas regiões, [...] insalubres, mórbidas e despidas de infra-estruturas, [...] apresentavam-se como palco de epidemias, endemias e doenças” (p. 68). Entretanto, para os intelectuais paranaenses a locomotiva foi encarada com entusiasmo, pois trouxera para o estado a possibilidade de progresso econômico, incrementando o comércio, fazendo de Curitiba uma “cidade grande” com o movimento febril das primeiras fábricas (POMBO, 1900, p. 115).

Mariana Coelho falava sobre indícios e a importância que tinha a locomotiva como símbolo de modernidade:

Quando pisei terras paranaenses, a maravilha que honra a engenharia brasileira, me surpreendeu a estrada de ferro que galga a serra do Mar, e cujo conjunto de belezas, em que a Arte e a Natureza se dão amoroso amplexo, fascina e entusiasma os estrangeiros que tem a ventura de admirar! Parece incrível que o homem levasse à conclusão uma estrada cercada de tantos e tão medonhos precipícios, costeando e atravessando uma cordilheira de soberbas e escarpadas montanhas, belas no seu grandioso aspecto atraente e terrífico, aliando todas as belezas imagináveis do abismo, que se impõem ao viajante como um dos mais majestosos atrativos do Belo! (COELHO, 1908, p. 20).



Desafios naturais eram vencidos pela tecnologia e pela engenharia. Era o homem desafiando a natureza e mudando a vida de todos, era o impulso para o desenvolvimento. Mais do que isso, era a expansão das possibilidades de comunicação entre as pessoas e a abreviação do tempo de espera.

Para SEVCENKO (2001) no Brasil da *Belle Époque* foi um período marcado por um tempo cada vez mais acelerado e pela vitória do progresso e da modernização a qualquer custo<sup>18</sup>. A sociedade de então via seus padrões e valores se modificando, a comunicação entre as pessoas se alterando radicalmente com as inovações tecnológicas, transformando o fluxo de conhecimentos e o próprio acesso a eles (p. 27).

Ainda que as motivações que levaram Mariana Coelho e sua família a deixar Portugal e seguir para o Brasil, neste contexto, não são conhecidas, alguns indícios levam a pensar na viuvez de sua mãe, que na impossibilidade de manutenção da família sem a presença do marido, viu-se forçada a mudar-se para casa de parentes brasileiros. Rocha Pombo (1908) em prefácio à obra *O Paraná Mental*, esclarecia que, “[...] tendo parentes em Curitiba, viera ela, de Portugal para ali, com toda a família (mãe, dois irmãos e uma irmã), deixando o pátrio céu, que sei quanto lhe é caro, à procura destes ares novos da América [...]” (p. 11). Este livro foi dedicado à memória do seu pai, “por entre as atribulações da minha existência perpassa sempre tua imagem querida apontando-me, com um sorriso envolto em lágrimas, o caminho do dever” (s. p.), essa dedicatória ao pai nos remete aos motivos que fizeram a família deixar Portugal.

Se existem muitas dificuldades em seguir suas pegadas no velho mundo, sua presença em Curitiba e o sentimento de pertença a Portugal e a Europa, deixaram mais indícios.

Assim que chegou ao Paraná Mariana Coelho teve abertas várias oportunidades de publicação na imprensa da capital. Escreveu principalmente nos periódicos dedicados à literatura, como, *Fanal*, *O Sapo*, *O Beijo*, *Olho da Rua*, entre outros. Pombo (1908), ao prefaciар sua obra *O Paraná Mental*,

---

<sup>18</sup> Embora a *Belle Époque* possa ser definida, muito mais como um estado de espírito do que por um balizamento temporal, SEVCENKO (2001) toma como referência para o período os anos entre 1889, ano da Proclamação da República brasileira, a 1922, ano de realização da Semana da Arte Moderna.

assim se manifestou: “pode fazer-se uma ideia [...] de como estrelou D. Mariana Coelho na imprensa paranaense, cercada de uma vasta e carinhosa simpatia de todo mundo” (p. 13).

A relação que Mariana Coelho manteve com sua memória foi de muito zelo. Ela era uma mulher muito organizada e provavelmente tinha a ambição de que sua memória fosse resgatada em algum momento.

Entre os documentos que foram produzidos e preservados por ela está parte da documentação administrativa da Escola Profissional Feminina, referente ao período em que se manteve como diretora da instituição. Metódicos e ricos em detalhes, esses documentos tratam da rotina da escola, bem como os desentendimentos que teve ao longo de sua trajetória com funcionários, subalternos ou superiores<sup>19</sup>. Incluem-se nesses registros, anotações ao rodapé sobre viagens de férias que tinha feito ao Rio de Janeiro e Espírito Santo, reclamações sobre a desorganização do livro de ofícios, nomeações de professoras feitas a contra gosto, desgosto ou apoio às mudanças políticas<sup>20</sup>. Outros documentos são de caráter privado como o caderno em que ela reunia os artigos que escreveu e as notas que saíam sobre si<sup>21</sup>. Esses registros mostram o cuidado que Mariana Coelho tinha com a própria memória e uma preocupação com o sentido que gostaria de dar a ela.

Conforme citado anteriormente, as fontes que foram possível encontrar não se mostraram suficientes para precisar a formação inicial desta intelectual; em seu atestado de óbito, como profissão ficou registrado *Do lar*. Outros registros, como uma pasta encontrada na Casa da Memória de Curitiba, que contém várias notas sobre ela, a definem como linguista, intelectual e educadora.

---

<sup>19</sup> Conforme mencionado anteriormente a Escola Profissional Feminina era uma escola voltada à profissionalização da mulher e manteve cursos como, corte e costura, desenho, pintura e bordado.

<sup>20</sup> A título de exemplo, em outubro de 1930, Mariana Coelho enviou correspondência ao Interventor do estado do Paraná, posicionando-se favoravelmente a Revolução e colocando-se à disposição para exercer quaisquer atividades que pudessem ajudar na reorganização do estado.

<sup>21</sup> Embora Kamita (2006) afirme ter recebido esse documento de familiares de Mariana Coelho, o mesmo não fez parte de suas análises. Como o documento encontra-se com Kamita (2006) e não conseguimos ter acesso ao seu conteúdo integral, não temos como fazer uma análise mais precisa do mesmo.

De acordo com Perrot (2007), durante o século XIX o pensamento que vigorou foi o de que “[...] a instrução [era] contrária tanto ao papel das mulheres, quanto à natureza delas: feminilidade e saber se excluía. A leitura [abria] as portas perigosas do imaginário (p. 63). Em sua perspectiva se fazia cada vez mais necessário instruir meninas com saberes relacionados ao convívio social e para que pudessem exercer seus papéis de dona-de-casa, de esposa e de mãe. Ideia endossada por D’Incao (2006) que afirma que durante o final do século XIX e início do século XX o papel feminino de guardiã do lar e da família foi cada vez mais enfatizado, principalmente por parte dos médicos, educadores e jornalistas (p. 230).

Em famílias de posições sociais mais abastadas era comum que as mulheres tivessem preceptores que lhes davam uma boa educação. Em geral essas mulheres aprendiam equitação, línguas estrangeiras, música, declamação e artes úteis à apresentação feminina nos salões (PERROT, 2007). Não temos como precisar se esse seria o caso de Mariana Coelho, mas não podemos deixar de considerar como uma hipótese, visto que ela teve uma educação bastante refinada: falava inglês, francês e, desde muito cedo, se dedicou à vida literária.

A família de Mariana Coelho que veio para o Brasil junto com ela era composta por sua mãe, Maria do Carmo Meirelles Coelho, dois irmãos, Thomaz Coelho e Carlos Alberto Teixeira Coelho, e uma irmã cujo nome não sabemos. Seu irmão mais velho, Teixeira Coelho (1866-1926), teve sua formação inicial na Universidade de Coimbra, no curso de Boticário.

A Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra foi fundada em 1836 e funcionava anexa à Faculdade de Medicina da mesma universidade. Embora o curso tivesse um caráter fundamentalmente prático também incluía no currículo cadeiras preliminares de caráter teórico. Antes da matrícula no curso de Boticário era obrigatório que os candidatos ao curso obtivessem aprovação em vários preparatórios que incluíam Química Orgânica e Inorgânica e Botânica. Esses preparatórios eram ofertados na Faculdade de Filosofia de Coimbra e nas Escolas Politécnicas de Lisboa e do Porto (CARVALHO, 2001, p. 539).

O capital cultural que possuía Teixeira Coelho não era comum entre a comunidade letrada da sociedade da época. De profunda erudição, Teixeira Coelho falava francês, inglês, grego e latim e participou intensamente da vida intelectual da região dos campos gerais, atuando como jornalista no periódico “Gazeta dos Campos” e como diretor, em 1905, do jornal “Luz Essência” de orientação maçônica. Seu nome consta na lista dos obreiros da Loja Maçônica Amor e Caridade de Ponta Grossa, tendo assumido, em 1902, o cargo de diretor da escola Luz Essência mantida por esta loja na mesma cidade. Sua participação na maçonaria é um fator relevante para explicar os laços de Mariana Coelho com esse movimento. Ela manteve relações muito próximas com os intelectuais que participaram da Loja Maçônica Acácia Paranaense e, em iniciativa com outras mulheres, esposas de maçons pertencentes à loja, fundou a Loja de Adoção Filhas de Acácia.

Curitiba experimentou, como se disse, no final do século XIX e primeiros anos do século XX uma intensa movimentação no campo literário, que se manifestou principalmente na disputa entre clericais e anticlericais. As lojas maçônicas, tradicional reduto de intelectuais, foram fundamentais para o encontro, a admissão e a propagação dos ideais apregoados pelos intelectuais livres-pensadores (TRINDADE, 2003, p. 101). A maçonaria, que tinha como premissa a liberdade e o direito às crenças individuais, garantida por suas leis, códigos, regulamentos, regimentos e estatutos, tentava se esquivar das formas radicais de pensamento político ou religioso e era o refúgio seguro para diferentes correntes de pensamento.

A Instituição Maçônica, minhas Ilr.s, á qual já temos a honra de pertencer é, não só a mais altruística e abnegada que conheço, como também a mais pura. Para avaliarmos o seu altruísmo, a elevada nobreza de seus fins, basta-nos-á ponderar a sua cativante tolerância, pois que recebe à mesa da comunhão dos seus sublimes ideais, Irmãos de todas as crenças - políticas como religiosas; e para avaliarmos a sua pureza é suficiente reconhecer que não admite no seu seio, não pode admitir nem consentir, um caráter reconhecidamente indigno. Só detestando o ateísmo e a impiedade, ela faz uma guerra moral, constante, ao vício e à ignorância. Sempre perseguida e caluniada pelos seus tradicionais detratores, ao mesmo tempo que protegida e ilustrada por vultos das primeiras posições sociais, ela acompanha majestosamente serena, sublimemente silenciosa e com um critério verdadeiramente providencial, a marcha evolutiva dos séculos, surgindo e ressurgindo triunfante e imaculada na eloquência incontestável dos fatos (COELHO, 1902, s. p.).

O congresso maçônico que aconteceu em Curitiba no ano de 1902 foi marcado pela regularização da Loja de Adoção e Mariana Coelho foi oradora na sessão. As lojas de adoção tinham uma estrutura muito próxima às lojas masculinas, mas se caracterizaram por admitir mulheres em seus trabalhos. Essas lojas eram adotadas por uma loja masculina ligada a alguma Obediência legal, normalmente funcionavam em anexo e suas reuniões aconteciam sempre depois da sessão masculina, sendo que as mulheres sempre entravam posteriormente na sala onde os irmãos já estavam trabalhando. Pouco tempo depois de criadas, as lojas de adoção foram consideradas pelo Grande Oriente como irregulares, pois se considerou a não-iniciação de mulheres como um ponto crucial da instituição maçônica<sup>22</sup>.

A loja de adoção de Curitiba foi fundada em 15 de dezembro de 1901 e funcionava aos sábados no Templo da Loja Acácia Paranaense. Junto com Mariana Coelho, as seguintes mulheres participaram da abertura do templo: 1ª Vig. – Mad. Francisco Simas; 2ª Vig. – Augusta Schleder; Secretária – Leopoldina Stresser Schleder; Tesoureira – Mad. Robine; Secção de Beneficência – Baronesa do Serro Azul (Maria José Correia); Guarda da Torre – Maria Graitz; Mestre de Cerimônias – Zoraide Guimarães. Edelvira Rocha Vellozo; Josephina Pereira da Rocha.

A documentação consultada revela que a fundação e a regularização da loja de adoção foram autorizadas pelo Grande Oriente Brasil como podemos observar em ofício enviado pela secretária da loja onde a mesma afirmava que:

Tendo a Sob.ª Ass.ª Ger.ª do Gr.ª Or.ª do Brasil, resolvido em sua alia sabedoria conceder-nos Breve Constitutivo, temos o prazer de convidar essa Resp.ª Loj.ª a fazer se representar na Ses.ª Solene de regularização que deverá ter lugar em 7 de Abril, pelas 7 horas da noute, no Templ.ª da Aug.ª e Resp.ª Loj.ª "Acácia Paranaense". Que a Gr.ª Arch.ª do Un.ª vos ilumine e guarde.  
Secret.ª da Aug.ª Loj.ª d'Adopção "Filhas da Acácia", Cl.ª de Curityba, em 22 de Março de 1902 ( E.ª.V.ª ) (1902, s. p.).

---

<sup>22</sup> Grande Oriente é a designação das “cúpulas”, que dirigem e governam as Lojas Simbólicas, de um país, estado ou território. O Grande Oriente Brasil, na época da inauguração da Loja de Adoção Filhas de Acácia, ficava no Rio de Janeiro (FIGUEIREDO, 2002, p. 415).

No ato da regularização desta loja, Mariana Coelho fez um discurso no qual destacava o valor da maçonaria enquanto uma instituição que abrigava todas as religiões e afirmava ter confiança de que a inauguração era a confirmação da participação das mulheres em pé de igualdade na maçonaria<sup>23</sup>:

[...] com a alma a transbordar de entusiasmo, empolgada pela mais profunda comoção, destas que raras vezes se sentem na vida, para felicitar a distinta Loj.ª. Acácia Paranaense, em particular, e à Maçonaria do Estado, em geral, pela sua feliz iniciativa da criação utilitária e simpática de um Loja de Adoção nesta capital. Respeitemos, caríssimas Irmãs, este fato tão digno de bem impressionar não só os espíritos liberais e altruístas deste grande e adiantado país, como todo o mundo verdadeiramente civilizado; e afaguemos a esperança de que as Filhas da Acácia hão de saber cooperar condignamente na grandiosa obra secular, e talvez pré-histórica, do progresso moral e intelectual da humanidade, por cujo feliz êxito tantos obreiros se tem esforçado, abnegados e resolutos (COELHO, 1902, s. p.).

Embora o êxito da regularização da loja não tenha perdurado, visto que alguns meses depois o Grande Oriente Brasil iria voltar atrás em sua decisão e considerar a Loja de Adoção irregular, Mariana Coelho demonstrava em seu discurso a esperança de que as mulheres pudessem ter encontrado mais um espaço social de atuação. Ao lado de sua participação na abertura da Loja de Adoção Filhas de Acácia, Mariana Coelho manteve sempre uma relação muito estreita com intelectuais ligados à maçonaria, inclusive colaborando com poesias em jornais de orientação maçônica, como, O Fanal e A Penna. Podemos sugerir que a convivência de Mariana Coelho com o irmão Teixeira Coelho, que era maçom, tenha concorrido para inspirar sua participação na mesma.

Teixeira Coelho desde que chegou ao Paraná manteve-se alinhado aos intelectuais livre-pensadores e anarquistas do início do século. Junto com Mariana Coelho fundou em 1908 o jornal “O Escalpello”. Esse periódico circulou em Ponta Grossa, foi semanal e teve colaboradores intelectuais anticlericais e anarquistas importantes do período, como, J. K. Becker e Silva, Antonio Gomes, Hugo Reis e Gigi Damiani<sup>24</sup>. Seus artigos versavam

<sup>23</sup> Regulação de acordo com Figueiredo (2002) é a instalação autorizada de uma Loja Maçônica recém-fundada (p. 234 ).

<sup>24</sup> Gigi Damiani (1876-1953), nascido na Itália, imigrou para o Brasil em 1897, fixando-se em São Paulo. Depois morou no Paraná e em Santa Catarina, foi jornalista, poeta e artista

principalmente sobre críticas a crenças religiosas, usando o recurso da sátira para afirmar os valores do livre-pensamento: a razão, o direito e a ciência.

Carlos Alberto Teixeira Coelho fez parte ainda do Círculo Socialista “Leon Tolstoi”, foi redator do jornal “O Jubileu Operário” que circulou em 1.º de maio de 1903, e atuou no periódico “O Anticlerical”, no ano de 1909, também em Ponta Grossa. As temáticas de “O Anticlerical” se aproximavam muito das encontradas em “O Escalpello”, sendo que este último, de circulação quinzenal, era expressão oficial do Centro Anticlerical de Ponta Grossa. Além de fazer críticas às instituições religiosas, também fazia análises sobre a educação religiosa e a submissão da mulher (ARAUJO e CARVALHO, 1992, p. 45).

A participação do irmão de Teixeira Coelho na imprensa foi intensa e sua atuação aconteceu em diferentes frentes, ora como articulista e colaborador, ora como proprietário e diretor. A imprensa da qual participou se autodenominava condutora da classe operária e chamava para si a responsabilidade de instruí-la e esclarecê-la, imbuía-se, portanto, de um papel fundamentalmente educativo. Mariana Coelho encontrou nos jornais do irmão um espaço propício para divulgar suas ideias, escrevendo principalmente sobre a submissão da mulher, a importância de sua educação, muito próxima, portanto, dos ideais anarquistas. Anos depois da sua chegada ao Brasil, na obra *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1934), ao falar sobre a sociedade que esperava para o futuro, ela comentava:

[...] eu tenho uma íntima fé, Senhores, nas classes trabalhistas, nas classes proletárias, nas multidões operárias grevistas – limpas de tudo o que se relacione com o terrorismo sectário. Eu tenho uma fortalecida fé nessas classes modestas que, quando seguramente possuídas da precisa instrução – pois que sem ela não há progresso nem liberdade – impelidas pela consciência do seu valor, amparadas pela justiça social, farão a greve geral, permanente, intransigente, pela paz do mundo! (p. 10).

Em consonância com as ideias anarquistas, a educação ocupava no discurso de Mariana Coelho um poder transformador, que junto com a organização e união dos operários era a fórmula ideal que sustentava sua posição revolucionária. A questão operária foi vista por ela como universal e a

---

libertário, militando pela causa anarquista em todos os lugares por onde passou, foi expulso do Brasil no ano de 1919 (ARAUJO e CARDOSO, 1992, p. 27).

arregimentação para essa emancipação era a educação, única lei capaz de harmonizar todos os homens. A falta de instrução dos trabalhadores era vista por ela como obstáculo para expansão das ideias libertárias.

Ela depositava suas expectativas na classe operária, a qual, segundo ela, seria o futuro da humanidade. Declarava ainda que em sua memória ficaram guardadas lembranças de quando era criança:

[...] as classes proletárias inspiravam-me, na sua atraente humildade, uma simpatia tão grande quanto é grande a esperança que hoje me incutem. Nas delirantes e ruidosas manifestações do dia 1º de Maio, sem eu mesma ainda compreender a sua significação [...] eu acorria à janela para apreciar a simbólica passeata dos alegres e entusiastas operários com a sua boina característica, o seu clássico: -“Viva a Revolução social” – e reclamando em vibrantes discursos mais fraternidade por parte do capitalismo absoluto, mais justiça para a sua precária situação econômica, hoje bastante melhorada, mas que só atingirá moral e materialmente o escopo a que aspiram os seus direitos, num futuro mais progressista e mais libérrimo [...] (COELHO, 1934, p. 11).

A idealização do movimento operário percebido na escrita de Mariana Coelho e aceitação de alguns temas anarquistas foram características que marcaram os intelectuais das elites letradas que estiveram ligados ao anarquismo. Tomados pelo sentimento do dever social, o engajamento político desses intelectuais no movimento operário significou para muitos uma possibilidade de intervenção direta nos problemas da humanidade. O projeto de um mundo civilizado idealizado por esses intelectuais envolvia a questão da industrialização e o desenvolvimento técnico que era impensável sem a presença de operários devidamente instruídos. Atraídos pela importância atribuída à educação e à cultura no ideário anarquista, alguns intelectuais acreditavam que poderiam contribuir para a formação e melhoramento cultural dos trabalhadores, principalmente por meio de sua educação.

Buscando despertar o trabalhador para os ideais anarquistas, os intelectuais que foram simpáticos a este movimento entendiam o povo como força política que deveria ser aliada na busca por espaço no campo político.

É possível afirmar que no pensamento de Mariana Coelho a temática anarquista que aparecia com mais vigor era a emancipação e a profissionalização da mulher por meio de sua educação. Igualdade de direito entre os sexos e a exploração no trabalho operário, apareciam com ênfase em



seu discurso já que para ela significava a união dos esforços individuais na luta contra a injustiça.

Em 1908 ao falar sobre as produções dos intelectuais paranaenses, ela mencionava também o seu ideal de revolução:

Que às vezes, é verdade, simpatizo-me com a revolução – quando é nobre o seu fim. Por exemplo: como não simpatizar com a revolução francesa de 1789, apesar de todos os horrores de que se revestiu? Já rolaram 118 anos sobre este grande acontecimento, e parece que o alarme “À Bastilha! À Bastilha!”, atravessando os séculos, vem ecoar eternamente na nossa alma! Há pouco mais de um século que a este rugido unísono do mais grandioso alcance social, que irrompia fatal e espontâneo do oprimido peito do povo francês, tombou, ao fim de um ataque de algumas horas, a formidável fortaleza, aniquilando, na sua assombrosa derrocada, os mais revoltantes pactos do secular despotismo feudal. Há pouco mais de um século que esse monstruoso entrave ao rútilo sol da suspirada liberdade dos povos caiu, ruindo pelos seus mais profundos alicerces, ao embate da possante investida de um punhado de heróis tão sedentos de justiça que lhe sacrificaram em magnânimo holocausto o seu sangue precioso. Há pouco mais de um século! Um momento na voragem do tempo, e entretanto, se volvermos um olhar consciencioso para as tenebrosas épocas feudais... quanto não temos caminhado! (COELHO, 1908, p. 79).

Destacamos que, ainda que Mariana Coelho tenha sido simpática ao anarquismo, sua adesão a ele era limitada, visto que ela afirmava que não concordava, por exemplo, com a violência extremada do movimento, dizia que “conquanto nos seja simpática a causa do socialismo moderado, racional, não perfilhamos, absolutamente, o terrorismo, pela repugnância que nos inspira – pois que não pode achar guarida num bem formado espírito feminino” (COELHO, 1933, p. 89).

Em geral as críticas anarquistas dos jornais de Teixeira Coelho, nos quais Mariana Coelho escreveu, tinham endereço certo: clero, confissão, celibato e dogmas católicos, os quais eram vistos como dominação social praticada pelos religiosos sob a liberdade individual (ARAUJO e CARDOSO, 1992, p. 72). Pombo (1908), ao prefaciar o livro de Mariana Coelho, O Paraná Mental, observa muito bem o capital cultural da família da intelectual. Ao falar de Teixeira Coelho, por exemplo, assim se expressa, “[...] homem de letras, poeta e prosador, que não é desconhecido no velho reino. No Paraná tem ele feito jus à simpatia e à alta estima das boas rodas” (p. 11).

A erudição que Mariana Coelho herdou da experiência cultural lusitana pode ser medida por sua atuação em diferentes frentes de movimentos sociais e políticos, nos quais as mulheres curitibanas da época raramente se incluíam, como o movimento anticlerical e o feminismo.

É possível vislumbrar a importância que teve Teixeira Coelho na formação de sua irmã, pois as temáticas que foram escolhidas por ele para compor seus periódicos foram recorrentes na escrita dela, ele também abriu muitas oportunidades de publicação para a irmã nestes jornais, a dedicatória que fez ao irmão na obra *A Evolução do Feminismo: Subsídios para sua História*, reafirma esta importância quando diz que fora o irmão que a inseriu no mundo das letras: “À tua bondosa memória, querido irmão de sangue e de espírito – guia solícito dos meus primeiros passos literários [...]” (COELHO, 1933, s. p.).

Mariana Coelho participou ainda de outras instâncias culturais em âmbito local e nacional. Foi a representante do Estado no Primeiro Congresso da Associação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1922, instituição que no cenário nacional figurou como a primeira a defender a emancipação feminina por meio da ampliação de sua educação. Em 1934 foi eleita para o Centro de Letras do Paraná e posteriormente ocupou a cadeira de n.º 30 na Academia Paranaense de Letras e também foi presidente do Centro Feminino de Cultura em Curitiba.

Outros familiares de Mariana Coelho parece não terem optado pelo caminho das letras. A irmã casou-se cedo. Thomaz Coelho, seu outro irmão, segundo Rocha Pombo (1908), ausentou-se do cenário intelectual para se dedicar à vida familiar, o que pode ser confirmado pela simples inexistência de obras de sua autoria, sequer vestígios de sua participação na imprensa paranaense.

Embora Mariana Coelho aparentemente não tenha participado de instâncias formais de educação, pode-se afirmar aqui que ela teve uma consistente formação intelectual familiar, proporcionada por seu irmão Carlos Alberto Teixeira Coelho, que foi quem lhe proporcionou, entre outros, o contato com autores anarquistas e socialistas. Também foi o irmão que lhe abriu as primeiras oportunidades de publicação nos jornais em que atuava como

redator, diretor e proprietário. Mariana Coelho, por sua vez, encontrou nas instâncias culturais da capital paranaense uma oportunidade para uma maior participação na vida pública, ampliando sua rede de sociabilidade e seus capitais sociais e culturais.

## 1.2 UMA VOZ PORTUGUESA EM CURITIBA

Mariana Coelho nunca deixou de se sentir portuguesa e usou a origem de maneira estratégica. Em algumas circunstâncias usou sua procedência para ganhar distinção no campo intelectual, como quando, por exemplo, se aproximou dos intelectuais livres-pensadores por intermédio do irmão. Noutras vezes o fato de ser estrangeira foi usado como justificava para os inúmeros desentendimentos que teve com intelectuais e, posteriormente, já no serviço público, com seus funcionários.

A sentença do ofício que enviou ao Diretor da Instrução Pública em 1930, reclamando sobre a forma como era tratada por algumas funcionárias, pode servir de exemplo do duplo uso que fazia da imagem de portuguesa: “na malquerença injusta e ingrata de algumas funcionárias para comigo, descortino dois motivos: a inveja do meu cargo (!) e o fato de eu ser estrangeira – apesar de ter servido a esta terra com tanto amor como se nela nascesse” (COELHO, 1930, p. 16).

A afirmação tem um forte efeito retórico. Mariana Coelho se colocava no papel de vítima, de uma situação que não acreditava ter causado, pois em seu parecer, o que desencadeou o desentendimento com as funcionárias foi a debilidade moral das mesmas, qualificadas como invejosas e xenófobas. Por outro lado, o seu pertencimento a Portugal pode ser tomado como elemento de persuasão e envolvimento com o leitor, era o que lhe dava autoridade para lembrar que embora estrangeira, sua vida sempre foi de servidão e amor pela terra que escolheu para viver.

A discussão que teve com Júlio Pernetta<sup>25</sup> nos periódicos *Diário da Tarde* e *O Commercio* também é modelar para observarmos como usava sua nacionalidade para mostrar conhecimento. O episódio foi publicado nos dois periódicos e registrado por esta intelectual em *O Paraná Mental* (1908). Ela, enquanto colaboradora do periódico *Diário da Tarde*, escreveu uma nota fazendo uma apreciação crítica ao livro *Pelas Tradições* de Júlio Pernetta.

No primeiro artigo desse episódio, publicado no *Diário da Tarde*, a intelectual comentava que a obra de Júlio Pernetta lhe atingia diretamente, pois desprezava e atacava a colonização portuguesa, bem como defendia seus primeiros habitantes, os índios, que eram, de acordo com Pernetta, os verdadeiros donos da terra.

Ele, por sua vez, escreveu uma réplica no periódico *O Commercio*, no qual buscava justificar seu livro, que em sua opinião teria sido mal interpretado por Mariana Coelho. A representação que ele fazia do indígena, de seus usos e costumes, considerava o índio como um elemento essencial para a formação da identidade nacional. Defendia a fusão da cultura indígena à branca, o seu livro, segundo argumentava, não estaria negando os benefícios da ação civilizadora dos portugueses e sim acusando os jesuítas pela destruição da cultura local.

O livro de Júlio Pernetta, segundo Bega (2001) não colocava em questão o ideário civilizador do homem branco e sim a questão do imigrante como empecilho para o desenvolvimento de uma cultura genuinamente nacional (p. 293). Essa, segundo Pernetta, deveria estar pautada nas tradições regionais, defendidas por ele em seu artigo. Não se tratava de simples regionalismo, mas sim de unir as diferentes tradições regionais, para que juntas formassem a legítima cultura nacional.

---

<sup>25</sup> Júlio David Pernetta (1869-1921) nasceu em Curitiba. Firmou-se profissionalmente como graduado funcionário público no poder Executivo. Em 1883 foi oficial do Batalhão Patriótico da Revolução Federalista do lado florianista, sob o comando de Domingos de Nascimento. Iniciou sua carreira como Delegado de Polícia em Antonina, depois foi secretário da Câmara Municipal no mesmo município, depois Promotor em Morretes. Em Curitiba atuou como chefe da seção da Secretaria da Agricultura, e também ocupou cargos nas Secretarias do Interior, Justiça e Instrução Pública. Jornalista e polemista, Júlio Pernetta participou da fundação e direção de vários jornais em Curitiba. Escreveu nos seguintes jornais: *O Futuro* (1892), *Correio da Manhã*, *A Noite*, *A Tribuna*, *A Republica*, *Diário da Tarde*. Escreveu também nas revistas: *Almanach do Paraná*, *Almanach Paranaense*, *A Evolução*, *A Capital*, *Galaxia*, *29 de junho*, *Breviário*, *Electra*, *Avenida*, *Stellario*, *O Olho da Rua*, *A Bomba*, *Revista do Povo*, *Terra dos Pinheirais* e *O Cruzeiro* (BEGA, 2001, p. 287).

Mariana Coelho escreveu uma nova carta publicada no Diário da Tarde, em que se detinha a defender sua terra natal. Para iniciar o artigo, a autora usava como estratégia a ironia e o patriotismo:

Como Va. Exa. sabe, não disponho de suficiente cópia de conhecimentos para sustentar discussões substanciais; e, pois que *noblesse oblige* respondo hoje a sua carta, cujo ponto predominante de réplica é o ataque direto aos primeiros colonizadores do nosso caro Brasil. [...] É, pois, na essência desse ponto principal a que aludo, que o meu espírito se fortalece para impor à minha humilde pena a dignidade de cumprir o imperioso dever de patriota. Hei de, porém, fazê-lo com um patriotismo calmo, que não melindre, pois reconheço que é sempre pernicioso, mesmo em defesa de um nobre ideal, tocarmos aos extremos, que por sua vez nos podem arrastar a tocar a ofensa (COELHO, 1908, p. 45).

Diante da visão de Júlio Pernetta sobre a colonização portuguesa, ela insistia no fato de que ele não se sentindo autorizado a falar sobre Portugal, procurava vozes mais autorizadas para falar por ele:

O ponto principal da sua carta é bastante cruel para a bela Lusitânia antiga, para reforço da qual Va. Exa. cita autores que vêm em auxílio, da mesma forma que eu também os poderia citar para reforçar a opinião por mim expendida. Não lanço, porém, mão de tão maçante sistema, porque creio que o meu prezado contendor pensa como eu; isto é, não subordino o meu “modo de ver” ao de pessoa alguma por mais autorizada que pareça (COELHO, 1908, p. 45).

O artigo escrito por Pernetta em O Commercio, segundo ela, acusava os colonizadores portugueses de terem assassinado os índios brasileiros de forma cruel, mandado para as terras brasileiras a escória de Portugal e usando a mão de obra escrava de índios e negros de maneira impassível. De acordo com sua perspectiva, as mortes dos indígenas eram justificadas pela, “constante luta [dos portugueses] com os índios” nas quais eles corriam constante risco de vida, o que atenuava o homicídio, pois estavam matando para salvar a própria vida.

Quanto à acusação de que Portugal teria enviado para o Brasil condenados, ela reconhecia que isso tinha mesmo acontecido, mas não entendia porque Júlio Pernetta era tão exigente com Portugal, visto que, segundo ela, era muito compreensível que “[...] o Portugal do século XVI enviasse condenados a um país de feras e selvagens, que eles tinham de

combater em defesa da própria vida e da boa marcha da colonização”. De qualquer maneira, em sua perspectiva esse “erro” que Portugal cometeu de maneira alguma “[apagava] o brilho de seus grandes feitos”, sendo apenas um meio que atendeu as necessidades do momento.

No que se referia ao uso de indígenas e negros como escravos, ela também tinha uma justificativa afinal “[...] os portugueses aproveitaram duas raças selvagens para sua obra imortal de colonização neste Brasil-colosso [...]” e completa à luz da história que os indígenas durante o período colonial teriam “trucidado famílias inteiras de brasileiros e estrangeiros” (COELHO, 1908, p. 47).

Deixava claro também que, ao contrário do que pudesse parecer, ela não sentia “a menor indiferença pelos brasileiros primitivos afirmando que sempre que contemplava “[...] os graciosos grupos errantes de silvícolas” sentia por eles “[...] uma atração que é quase amor”. Seguia atribuindo aos antepassados portugueses os maiores elogios, convencida de que os portugueses estavam incumbidos de fazer o sacrifício de enfrentar os indígenas. Orgulhosa de sua origem encontrava no passado de Portugal a grandeza de seus bravos antepassados

Ah! Lusitanos, lusitanos! Vejo-vos ainda, através das brumas do passado, pálidos de emoção respeitável desfilar à eterna e viva luz da história, arrastados pelo furor da conquista, pela atração do desconhecido, vencendo, destemidos, os pavorosos vagalhões de “mares nunca dantes navegados”, e afrontando resolutos a morte para levar o facho luminoso da civilização à África, à Índia, à Oceania, à América, arroteando e destruindo para edificar, insistindo sempre ovantes para diante na assombrosa obstinação de um impetuoso furacão civilizador impelido pelo destino! (COELHO, 1908, p. 1).

Para concluir sua carta e a discussão ela se posicionava de maneira firme e mostrava sua maneira de ver as motivações portuguesas para colonização brasileira, bem como, a importância que teve essa colonização naquilo que encarava como processo de evolução da sociedade brasileira.

Não é só o sentimento do amor pátrio, que me comove, é igualmente o do amor ao progresso; pois sou de tal forma evolucionista, que desejava ter uma clarividência tão ilimitada que me permitisse abranger de um só golpe, desde o início dos tempos pré-histórico até

a consumação dos séculos, o maravilhoso e surpreendente efeito do constante e afanoso destruir e reconstruir da evolução (COELHO, 1908, p. 48).

Mesmo tendo sido calorosa a discussão com Júlio Pernetta, Mariana Coelho não deixou de incluí-la em sua obra *O Paraná Mental* (1908), se referindo a ele como “[...] distinto poeta e prosador” (p. 40). No entanto, não deixava de satirizar o colega o chamando de *nephelibata*<sup>26</sup> e ressaltava que, no que concernia ao seu exacerbado patriotismo falhava, pois acreditava que o seu país deveria permanecer nas trevas da selvageria (p. 41).

Tanto a carta publicada por ela no *Diário da Tarde* em réplica ao artigo de Pernetta, quanto o texto publicado em *O Paraná Mental* (1908) deixam muito claro sua postura de europeia civilizada e o seu olhar para um Brasil selvagem. É possível perceber que ela mobiliza um conjunto de conceitos e crenças das quais é partidária para justificar aquilo que via como uma etapa evolutiva, acontecimento inevitável e necessário para realização de um Brasil futuro.

A natureza exuberante do Brasil é citada como inspiradora e ela fazia elogios à terra que escolheu para viver “[...] um país onde inevitável e infalivelmente afluem representantes de nacionalidades diversas [...] onde este belo cosmopolitismo campeia e se impõe mais atraentemente à admiração dos povos [...] e isto torna superior em simpatia, às outras nações, com as quais neste sentido, se não pode comparar” (COELHO, 1908, p. 42).

Apoiada na crença de que o processo de colonização lusitana fora apenas uma etapa, possível, esperada e necessária para evolução de um Brasil de natureza selvagem, Mariana Coelho sustenta uma visão autoritária e eurocêntrica do processo civilizatório. Em sua concepção, negar a importância da colonização portuguesa no Brasil era o mesmo que ignorar o progresso e a civilização e regredir historicamente para um mundo arcaico e incivilizado.

Os argumentos usados por ela em sua discussão com Pernetta tinham inspiração no evolucionismo, mais do que isso, revelam uma adesão a esta

---

<sup>26</sup> Expressão de Rabelais cujo significado seria “gente que anda nas nuvens”. É possível que estivesse se referindo ao fato de Julio Pernetta estar ligado à geração simbolista, pois no mesmo livro Mariana Coelho se refere a outros poetas simbolistas da mesma forma.

teoria, adesão que foi reiterada em sua obra de maior consistência: *Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história*

Por que somos feministas? – Eis uma pergunta ingênua de que várias vezes temos sido alvo, por parte do sexo masculino. Respondemos: porque é impossível a realização do progresso, sem a vitória da evolução; e o nosso fim principal é precisar e fomentar o progresso feminino. A evolução do feminismo – que é um dos assuntos mais palpitantes da atualidade, é um dos flagrantes pontos de convergência do progresso – “que é a realização da justiça” – e nós somos evolucionistas (COELHO, 1933, p. 29)

Ela, tal qual outros intelectuais de seu contexto, acreditava na evolução histórica, por isso cita e descreve eventos que encadeados levam a uma realidade melhor. Nesta percepção, a história tinha a chave explicativa para o progresso. Segundo indica a historiografia recente, muitas explicações para as transformações experimentadas pelos intelectuais que viveram entre o final do século XIX e início do século XX, partiam das teorias evolucionistas.

No Brasil deste período, as ideias de seleção natural e de luta pela vida, de Darwin, o recapitulacionismo de Haeckel, bem como a diferenciação progressiva de Spencer, eram interpretações pensadas como plausíveis para se tentar influir na modernização e transformação do país. Para que a nação entrasse no caminho do progresso e deixasse o atraso e a inércia, a Europa tornou-se modelo ideal de civilização. Conforme aponta Gualtieri (2008),

[...] na interpretação dos evolucionistas de matriz haeckeliana, do mesmo modo que um indivíduo, durante seu desenvolvimento biológico, recapitulava a história evolutiva do grupo ao qual pertencia, o processo civilizatório de um povo recapitulava a história de povos civilizados. Para a vertente spenceriana, os mesmos princípios que regiam a evolução dos seres vivos – do simples para o complexo – dirigiam o processo evolutivo das sociedades: as mais simples (menos evoluídas) se transformariam, seguindo os passos das civilizações mais complexas. As ideias de luta pela vida e seleção natural poderiam ser utilizadas para combater, em nome de transformações pretendidas, a pretensa apatia e incompetência de opositores (p. 13).

Sustentando suas convicções em ideias evolucionistas, Mariana Coelho podia ter uma perspectiva otimista em relação, por exemplo, à emancipação feminina, pois segundo ela o balizamento para essa conquista estava nas nações civilizadas. Para se chegar a essa emancipação bastava mirar-se em



seus modelos para obter sucesso.

O sentimento de pertencimento à Europa, como veremos no decorrer do trabalho, era recorrente nos escritos de Mariana Coelho e embora vivesse no Brasil, sua alma era portuguesa, europeia, sinal de distinção e de legitimidade.

A articulação que manteve permanentemente no Brasil com instituições e intelectuais – homens e mulheres – estrangeiros, em especial com os portugueses – é mais um indício de que ser estrangeira lhe dava relativa legitimidade para circular no campo intelectual.

Em dezembro de 1933 a revista feminista “Revista de Arte” de Lisboa publicou uma nota comentando a obra *A Evolução do Feminismo*: subsídios para sua história, e incluiu nos números seguintes à publicação de dois capítulos do livro (COELHO, 1940, p. 131). O livro também mereceu destaque no *Diário de Coimbra* em 10 de fevereiro de 1934, nota em que o articulista a chama de “[...] uma honrosa individualidade luso-brasileira que pelo coração e pelo talento pertence às duas pátrias irmãs”<sup>27</sup>.

Não se pode afirmar que os fatores que foram até aqui analisados tenham garantido a entrada da nossa personagem no cenário intelectual curitibano, mas não podemos negar que os mesmos foram elementos que, junto com um contexto muito particular que vivia o meio intelectual de Curitiba e do Brasil, facilitaram sua aceitação no mesmo. O contato que teve com a cultura lusitana deixou muitos traços no exercício de sua escrita, nas referências que a acompanharam e nas correspondências que manteve com a terra natal.

Sua produção foi marcada pelo engajamento a favor da emancipação feminina e por uma postura crítica em relação à sociedade em que vivia, bem como do lugar social que nela ocupava. Sua personalidade enérgica se deixa entrever nas páginas que escreveu, nas muitas disputas que travou, nos debates públicos que marcam suas adesões e disposições. Tal como manifestava Rocha Pombo (1908),

---

<sup>27</sup> Essas notas estão publicadas no livro *Cambiantes* (1940) de autoria de Mariana Coelho e também no periódico *Gazeta do Povo* em 21/01/1934; 23/01/1934; 15/04/1934; 15/05/1934; 16/05/1934; 25/05/1934; 02/06/1934.

[...] a mudança de aspectos que seu espírito sentiu passando de Portugal para aqui a intensidade em que as pompas desta incomparável natureza americana lhe pôs os esplendores do coração, dando-lhe, para amar a nova terra, a espontaneidade, o másculo vigor, a paixão, a ternura quase piedosa com que amar aquela outra – a pátria que lá ficou quem sabe se para sempre, e cujo culto dir-se-ia que revive no culto de que exalta ela agora (p. 13).

### 1.3 IDENTIDADE DE MULHER PÚBLICA

Desde seus primeiros escritos, Mariana Coelho manifestou-se feminista. Em 1901, como veremos no próximo capítulo, ela já advogava abertamente a favor dos direitos políticos das mulheres, condicionando sua aquisição ao maior acesso à educação.

Reivindicações relativas ao direito civil, bem como a contestação do casamento como sacramento também foram pauta de discussão para Mariana Coelho. Essas questões estiveram presentes desde as primeiras manifestações feministas no século XIX, as críticas à instituição do casamento tornaram-se mais radicais com os socialistas utópicos na década de 1830 e os anarquistas do início do século XX. Segundo Kappeli (1991), no início do século XX as primeiras feministas partilhavam da convicção de que o casamento podia limitar o pensamento feminino, por isso a “mulher nova” que saía para do mundo privado para o mundo público era celibatária e orgulhosa da sua força interior, “Alexandra Kollontai celebra no seu ensaio *The New Woman* (1913) a mulher que já não sacrifica a sua vida ao amor e à paixão. A maior parte das feministas, qualquer que seja a sua tendência, são então celibatárias por escolha” (p. 557).

Mariana Coelho acompanhou essa tendência e permaneceu solteira durante toda sua vida. De acordo com Leite (1984) a imagem feminina reforçada no período do entresséculos era de que a mulher deveria exercer as virtudes domésticas, fosse como esposa, mãe ou irmã. Isso acabou criando para as mulheres solteiras um estigma, gerando a denominação pouco acolhedora de solteirona, imagem reiteradamente associada às feministas da época, que eram qualificadas como feias por seus opositores. Uma das poucas

exceções feitas na época era para aquelas que se tornavam solteiras por necessidade e não por opção, como sacrifício pela família ou por uma missão superior (p. 26). Perrot (2007) argumenta que,

não era simples manter-se na condição de jovem solteira, neste período, com as restrições do corpo e do coração, quase sem liberdade de escolha quanto ao seu futuro, seus projetos amorosos, exposta à sedução, à maternidade indesejada, impedida de procurar o pai da criança. Ápice do “estado da mulher”, o casamento era a condição normal da grande maioria das mulheres [...] O celibato era considerado a situação das desprezadas, “das solteironas”, que seriam boas tias (deixando herança) ou intrigantes temíveis. (p. 46).

No caso de Mariana Coelho é difícil precisar se ela escolheu permanecer solteira, talvez sim, por acreditar que uma presença masculina poderia lhe tolher o pensamento e as atitudes. Por outro lado, podemos supor que a própria condição de feminista lhe constrangeu a conservar-se longe das virtudes domésticas vinculadas ao casamento. Defender abertamente uma maior participação da mulher na vida pública, para além dos afazeres domésticos, talvez gerasse constrangimentos aos possíveis candidatos a marido.

No último capítulo de sua obra *A evolução do feminismo: subsídios para sua história*, Mariana Coelho mostrava o que pensava sobre o amor, que segundo ela seria o amor ideal e não o sexual, no qual muitas vezes não era possível felicidade para mulher:

Como se sabe, a doutrina positivista tem “o amor por princípio”. [...] É natural que se dê o seguinte fato, que podemos sustentar sem receio de controvérsia, é no sexo feminino onde mais durável e mais intenso brilha, sublimando-lhe a existência, esse idealismo que é muitas vezes o sustentáculo – embora efêmero – da felicidade do coração humano. A base desta opinião, a que nos amparamos, achamo-la em vários autores, como por exemplo, Augusto Comte ao preconizar os casamentos castos, fundado em vários motivos dentre os quais se salientam os seguintes: o das pessoas que reciprocamente se amam, mas que, ou pela idade, ou para evitar a propagação de taras na humanidade, vivem felizes permutando-se esse belo amor etéreo, esse belo amor moral. E é o que tem mais longa vida – talvez pela sua aproximação da amizade (COELHO, 1933, p. 357).

Em 1908, Mariana Coelho mostrava insatisfação em relação à postura dos homens para com as mulheres cultas.

Se uma mulher se destaca um pouco do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos da Arte, manifestando em qualquer assunto desta – principalmente em literatura – a sua organização artística, quando aparece em público é ainda, [...] motivo de sorrisos alvarmente inteligentes, de frases saturadas de ridículo, acontecendo muitas vezes que, quando ela atravessa uma rua, atrai a curiosidade de quem vai ver o urso! Porque há escritores que em tudo admitem o progresso, menos no desenvolvimento intelectual e social do sexo feminino! Ora, tal absurdo não se impinge, a estas horas, em letra redonda! (COELHO, 1908, p. 93).

Em *Cambiantes* (1940) ela dava mais algumas pistas sobre a relação que manteve com os homens da época. Em um dos contos dessa obra intitulado *Um Urso*, usou o recurso da metáfora para falar da dificuldade que mulheres de “espírito culto” tinham em se relacionar com homens, o estranhamento que provocavam, e o equívoco que os rapazes cometiam ao se desviar de relacionamentos com mulheres cultas. Usando um tom irônico, que a acompanhou em vários de seus textos, descrevia sua personagem, um homem avesso à autonomia do pensamento e do desenvolvimento da intelectualidade feminina. Usando o urso como categoria sociológica, Mariana Coelho exemplificava na figura de sua personagem os homens que menosprezavam a capacidade intelectual das mulheres.

Logo, aquele ser animado que tão esquisitamente me prendeu a atenção, não era, absolutamente, na rigorosa acepção da palavra, um urso! [Eu] hesitava em decidir se aquela coisa animada seria, apenas, um ser irracional, ou se era realmente um desfrutável exemplar dos muitos que existem na variada espécie humana... (COELHO, 1940, p. 55).

Na trama além de mostrar as características da personalidade de sua personagem, Mariana Coelho deixava claro que ele representava uma classe de homens, aquela que não aceitava a emancipação da mulher,

rapaz afeito a vegetar numa baixa esfera social, com a qual estava irremediavelmente identificado [...] quando veio no conhecimento de que sua eleita vivia numa atmosfera mais elevada, que era, mais ou menos sensível aos requintes da civilização, confessou a sua pusilanimidade, o seu medo e a sua instintiva aversão ao melhoramento intelectual e social – desmentindo desleal e brutalmente a reciprocidade da referida afeição. (COELHO, 1940, p. 59).

Ao concluir o episódio, a intelectual se mostrava frustrada com a própria experiência, e mais uma vez usava o recurso da ironia

[...] a experiência me tem feito concluir que existem realmente tipos excepcionais que se gabam com o mais curioso desplante, da sua falta de coragem para ligar o seu destino ao de uma mulher de espírito culto – evidentemente inimigos da sociedade e flagrantemente refratários ao influxo civilizador. (COELHO, 1940, p. 59).

Nesse discurso, ainda que realizado na ficção, Mariana Coelho deixava entrever sua personalidade forte e denunciava seu ponto de vista acerca das relações que mantinha com o sexo oposto. Outras fontes apontam que muitos eram os constrangimentos sociais pelos quais ela tinha de passar, uma mulher solteira não disposta a assumir seu lugar de rainha do lar.

Vale notar que havia um discurso que circulava no contexto segundo o qual mulheres-professoras deveriam estar comprometidas com um projeto de castidade e celibato, o qual era consistente com as teorias da mãe espiritual em substituição à mãe biológica. Neste discurso, a condição de solteira favorecia um modelo educacional calcado na dedicação integral aos alunos e à escola e ao magistério, e que estava atrelado aos ideais de pureza, vocação e sacerdócio. Assim,

a fragilidade feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então, em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora. (DEL PRIORE, 2004, p. 454).

Alguns dos atributos e qualidades apontadas como características de Mariana Coelho por seus comentadores reforçaram a representação dos traços de sua personalidade feminina. Rocha Pombo, por exemplo, a destacava como uma mulher de “absoluta unidade moral”. Para ele, ao cuidar de sua mãe idosa a autora estaria mostrando a “(...) capacidade do instinto feminil. É nesta fase do seu ser – exaltada assim numa função sobre-humana – que a mulher se faz sacerdotisa, e a vida se lhe torna uma solenidade religiosa” (p. 12).

Sem negar seu papel dentro da sociedade, assumindo uma espécie de maternidade social ao cuidar da mãe idosa e atuando como professora,

Mariana Coelho usou dos espaços de publicação que encontrou para divulgar a causa feminista. A presença de mulheres letradas usando a pena para expressar sua insatisfação em relação às restrições que encontravam em diferentes espaços da vida pública em Curitiba pode ser encontrada em ensaios, poesias, biografias e artigos de cunho jornalístico publicados em periódicos especializados ou não. Fosse para propagar os ideais do feminismo nascente, pregando a emancipação feminina e sua participação na vida pública ou para reafirmar o papel de mãe, esposa e esteio da família, o contexto curitibano do início do século e primeiras décadas do século XX acompanhou o crescimento da participação de mulheres no emergente campo cultural. O simples registro da presença feminina neste campo é um indicativo de que a ordem social lentamente se modificava e permitia a promoção feminina no mundo das letras.

Mariana Coelho mostrou em suas obras uma capacidade de compreensão da realidade na qual vivia. Ela foi uma intelectual capaz de dar significado às questões colocadas por seu tempo, aproximando-se de questões como a educação e a emancipação da mulher e a reconfiguração do papel desta “nova mulher” naquela sociedade. Entender as suas contribuições no campo cultural curitibano é compreender também a inserção de outras mulheres letradas na esfera pública, é reconhecer o contexto em que se deu esse processo. Mudanças como a urbanização, o crescimento do mercado editorial, o nascimento e desenvolvimento de instituições culturais que passaram a abrigar a elite pensante tiveram um importante papel na integração dessa mulher no mercado intelectual.

## **2. TRAJETÓRIAS ENTRECruzADAS: MARIANA COELHO E OS INTELLECTUAIS PARANAENSES.**

### **2.1 ESPAÇOS DE DIVULGAÇÃO E CIRCULAÇÃO**

Mariana Coelho manteve durante sua trajetória uma rede de sociabilidade que permitia que sua escrita fosse publicada e bem recebida. Em suas obras essa rede estava estampada, sobretudo, nas dedicatórias aos familiares, principalmente aos pais, aos seus promotores e às amigas. Suas publicações foram sempre acompanhadas de cartas de amigos como Rocha Pombo e Dario Vellozo, que marcaram presença prefaciando seus livros ou lhe escrevendo cartas de apoio publicadas nos mesmos.

Assim como outras autoras de seu tempo, Mariana Coelho adotava uma prática comum entre os homens de letras, o hábito de enviar exemplares com dedicatórias às redações de jornais, instituições ou mesmo aos críticos da época. Essa era uma maneira segura de manter o vínculo editorial e ao mesmo tempo era uma estratégia de divulgação do seu trabalho. De acordo com Eleutério (2005), “os homens de letras viviam praticamente da imprensa e de seus cargos burocráticos para financiar suas obras. As mulheres, não tendo a possibilidade do cargo burocrático, precisavam fazer valer [suas] relações sociais e amizades” (p. 89).

Os telegramas recebidos e publicados com as obras dão conta da diversidade de lugares por onde circularam suas obras e mostram que a modéstia – característica cara às mulheres da época de Mariana Coelho – só era assumida estrategicamente, uma vez que a cada publicação ela enviava ao menos um exemplar para Instituições como a Universidade de Coimbra, Associação Brasileira de Imprensa e International Woman Suffrage Alliance, entre outras.

No exemplar de *A evolução do feminismo: subsídios para sua história* (1933) que enviou à Universidade de Coimbra Mariana Coelho deixou uma dedicatória. Dedicava o exemplar “aos talentosos estudantes brasileiros, que

tão condignamente representam o nosso grande Brasil – esta respeitosa homenagem da autora e admiradora” (COELHO, 1933, manuscrito). De cada uma de suas obras Mariana Coelho enviou um exemplar para a mesma Universidade, colocando assim à disposição de leitores brasileiros e estrangeiros o que havia publicado.

## 2.2 UMA PRESENÇA FEMININA ENTRE PARES MASCULINOS

A primeira obra de Mariana Coelho publicada no Brasil foi *O Paraná Mental*, e foi encomendada para a Exposição Nacional realizada no Rio de Janeiro em comemoração ao centenário da abertura dos portos às nações amigas. Tratava-se de uma obra de afirmação do campo cultural, uma vez que sua proposta era aglutinar informações sobre as primeiras manifestações literárias de Curitiba e reafirmar a identidade intelectual daqueles que, na opinião de Mariana Coelho, mereciam destaque. Em segundo lugar, podemos tomar esta obra como fruto de um investimento dos capitais de Mariana Coelho para legitimar-se no campo cultural, a começar pela escolha de seu prefaciador, Rocha Pombo.

A obra de Bega (2001) sobre a geração simbolista do Paraná destaca que entre os apoiadores e escritores desse movimento os únicos que conseguiram reconhecimento no campo cultural em esfera nacional foram Rocha Pombo e Nestor Victor, o primeiro na área de história e o outro na área de crítica literária. A escolha de Rocha Pombo para prefaciar a obra *O Paraná Mental* (1908) revela que Mariana Coelho conhecia as regras do jogo e que sustentou os acordos necessários para seu reconhecimento no campo cultural.

Rocha Pombo, prefaciou três dos seis livros desta intelectual, *O Paraná Mental* (1908); *Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história* (1932) e *Cambiantes* (1940). Dentre os três, o prefácio mais longo foi o da obra *O Paraná Mental* (1908). Neste Rocha Pombo apresentava os irmãos de Mariana Coelho como sendo seus tutores intelectuais e constrói uma argumentação que permitia a visibilidade dela como uma intelectual pertencente ao estrato social



da *intelligentsia* curitibana, identidade que ela teria conquistado por meio de sua relação com a cultura de sua época e por sua atuação no âmbito educacional, dizia ele que

[...] além de se impor pela sua lúcida inteligência e pela sua cultura, esta senhora se impôs ao respeito e estima geral por um conjunto de qualidades que realmente a destacam como um nobre tipo de mulher do seu tempo: segura do seu grande papel, ansiosa por desdobrar as aptidões do seu espírito nesse fecundo apostolado de caridade moral que se chama a função de instruir e educar (POMBO, 1908, p. 13).

Pombo empenhava-se em mostrar que ela tinha espaço e reconhecimento nas letras paranaenses por sua cultura, erudição e fibra moral, três elementos que, segundo sua perspectiva, eram essenciais para construção de uma carreira intelectual.

Ainda no prefácio Rocha Pombo fazia uma referência à importância de O Paraná Mental (1908) para o campo literário curitibano: “[...] neste trabalho ela [Mariana Coelho] resume um dos aspectos de nossa vida [paranaense]; assinala, a traços gerais, mas com perfeita fidelidade, tudo que apresenta de significativo o esforço de duas ou três gerações no domínio das letras e das artes” (p. 14). Embora ressaltasse que o livro tinha sido preparado rapidamente para a Exposição Nacional em comemoração ao centenário da abertura dos portos às nações amigas explicava que o mesmo era uma lição, pois informava sobre a tendência notável do povo paranaense para as coisas do espírito. Era “[...] uma cópia exata da abundância e espontaneidade com que temos por ali a nossa visão dirigida para um vasto horizonte de larga vida moderna” (POMBO, 1908, p. 15).

No firme propósito de que a capital paranaense figurasse como uma cidade moderna e de intensa produção cultural, Rocha Pombo, intelectual reconhecido nacionalmente, converteu o seu capital simbólico a favor de Mariana Coelho. Ela, por sua vez, usou de sua capacidade intelectual, suas redes de sociabilidade e seu prestígio familiar para escrever e publicar. É interessante perceber como suas relações familiares foram importantes para sua inserção no campo intelectual, como reconheceria Dario Vellozo em 1932, no prefácio de sua obra A Evolução do Feminismo: subsídios para sua história,

ao mencionar que “é por si suficiente para salvar do olvido o nome do autor e realçar o da família. Parabéns a si e aos seus!” (p. 27).

Mais do que simplesmente organizar e coligar os nomes de maior proeminência no Paraná, nas artes e na literatura, Mariana Coelho selecionava e qualificava os intelectuais paranaenses. A geração simbolista era sem dúvida a que mais se destacava na obra. Nomes como Dario Vellozo, Romário Martins<sup>28</sup>, Rocha Pombo, Silveira Netto, Emiliano Pernetta<sup>29</sup>, Julio Pernetta e Nestor de Castro figuravam na obra como verdadeiros guardiões da cultura e das letras paranaenses.

O grupo de intelectuais que foi escolhido por ela para compor seu livro se destacou por ter sido o primeiro a criar suportes culturais na capital paranaense, entre esses suportes, a imprensa se constituiu na mais importante ferramenta de divulgação de suas ideias. Essa elite letrada possuía expressivo capital simbólico e veiculava seus projetos políticos e sociais nos jornais e revistas da época na tentativa de impor um modelo cultural que queriam consolidar (BEGA, 2001).

A imprensa foi entendida, neste período, como um meio de expressão e promoção social dos projetos em disputa no espaço social e permitiu aos intelectuais, de diferentes contextos, marcarem presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos letrados (VIEIRA, 2007, p.15).

Ela foi um instrumento decisivo para instituir o debate público em dimensões inéditas no Paraná. Seu florescimento e consolidação permitiram aos intelectuais assumirem um lugar privilegiado nas páginas dos periódicos sustentando a convicção da sua condição/identidade de portadores de uma missão social civilizadora, a qual esteve marcada pela tarefa de guiar o povo, racionalizar as ações do Estado e inserir a nação no contexto mundial da modernidade, por meio da educação.

---

<sup>28</sup> Alfredo Romário Martins nasceu em 1876 na cidade de Curitiba. Na vida escolar foi colega de Ermelino Agostinho de Leão e João David Pernetta, líder positivista e mais tarde seus companheiros de vida legislativa. Depois de concluir os estudos disponíveis na cidade, ingressou no ofício de tipógrafo do jornal *O Dezenove de Dezembro* e depois foi auxiliar de redação no jornal *A República*, chegando a redator-chefe.

<sup>29</sup> Emiliano Pernetta inicia sua carreira literária no jornal *Clube juvenil* e escrevendo poesias que foram publicados nos jornais e revistas da época. Fez os preparatórios em Curitiba e aos 18 anos escrevia no jornal *A Vida Literária*. Enquanto acadêmico, tornou-se abolicionista e republicano. Os registros de sua juventude o descrevem como um jovem impetuoso e militante ardoroso (BEGA, 2001, p.186).

Embora Mariana Coelho tenha dado um grande destaque aos intelectuais simbolistas, deixava claro que não comungava de todas as suas concepções. Suas divergências se davam principalmente em relação à postura de alguns desses intelectuais diante da colonização portuguesa. Como defensores do livre-pensamento, esses intelectuais condenavam o catequismo jesuítico que, em sua perspectiva, esfacelara a cultura nacional, nesta crítica incluíam a valorização dos indígenas, como já observado na discussão desta intelectual com Julio Pernetta. Mariana Coelho concordava parcialmente com essa questão. Ela criticava duramente a presença da igreja católica no país. Conforme os intelectuais livre-pensadores ela era contra o ingresso de ordens religiosas estrangeiras que, independente de sua origem, eram classificadas como jesuíticas:

Urge, no momento que atravessamos, que forcemos quanto possível for o dique oposto por nossos Ilr. e por todos os espíritos liberais e cultos, à onda invasora do jesuitismo que, na continuação do seu tremendo labutar de séculos, ameaça submergir e perder os incautos desta parte do Novo Mundo, no conhecido e abismal oceano do mais absurdo e caduco obscurantismo. Levantemos, vigilantes e sem demora, uma firme barreira, digna do século XX, ao sinistro espectro desse tronco secular, cujas ramificações desde Loyola até nosso dias se tem espalhado por toda a terra, usufruindo a herança que o seu ridículo fundador lhe legou, e onde se tem multiplicado impunemente mercê de uma tolerância, que na Europa expira, enfim, até nos países mais fieis ao catolicismo romano. (COELHO, 1902, s. p.).

Entretanto na avaliação que Mariana Coelho fazia da postura radical de alguns intelectuais livre-pensadores ligados ao simbolismo – como a de Júlio Pernetta – estes letrados, ao valorizar a presença indígena na cultura nacional, negavam a grandiosa obra civilizatória dos portugueses.

Romário Martins, por exemplo, recebeu uma crítica interessante a respeito de o seu livro História do Paraná, pela censura que fazia à colonização portuguesa. Segundo Mariana Coelho faltava a ele enquanto historiador a isenção e a imparcialidade para falar sobre os portugueses. Em suas palavras:

[...] a história tem de refletir-se absolutamente imaculada no puríssimo espelho da verdade; e, para tal conseguir, o historiador é obrigado a reconhecer e transmitir, simultaneamente, às gerações presentes e futuras, o bem e o mal de um governo, indivíduo, sociedade etc. Desde que só destaque uma das duas qualidades, o

seu procedimento ressalta ao leitor sensato e consciencioso claramente intencional e a sua História perde, consequentemente a principal essência (COELHO, 1908, p. 54).

Na compreensão de Mariana Coelho, a história da colonização portuguesa serviu para salvar o Brasil do estado de barbárie e abandono em que se encontrava, por isso para ela as críticas que Romário Martins fazia aos colonizadores eram apenas exageros patrióticos. O livro *História do Paraná*, de seu ponto de vista, falhava, pois não tratava dos fatos históricos com neutralidade, envolvendo-se com a parcialidade das emoções pátrias.

Não obstante a provável real motivação desta crítica, a dizer, a origem portuguesa de Mariana Coelho, podemos perceber que a concepção de mundo nela presente estava muito próxima do modelo positivista e evolucionista da escrita da história. Vale salientar ainda que a concepção de história que era esboçada por ela naquele momento aproximava-se muito da mencionada por Rocha Pombo no seu livro *História do Brasil*, que segundo argumentos do próprio autor, fundamentava-se nas proposições científicas de Comte e Spencer. Pombo caracterizava a história enquanto uma ciência passível de compreensão positiva, cujo papel era descobrir as leis que regulavam o funcionamento e a formação das sociedades por meio de extensa documentação coligida pelo trabalho do historiador (POMBO, 1905: v-vi).

Certamente esta perspectiva do trabalho historiográfico estava presente nas obras de Romário Martins, que foi contemporâneo a Rocha Pombo. Isso leva a pensar que a crítica feita por Mariana Coelho fundamentava-se na sua identificação com a cultura portuguesa, no seu patriotismo, por isso colocaria em julgamento o parecer de Romário Martins. Importante ressaltar que essa foi a mesma motivação que causou o desentendimento dela com Júlio Pernetta. Assim, embora Mariana Coelho condenasse a parcialidade de Romário Martins na obra *História do Paraná*, ela mesma enunciava abertamente suas opiniões sobre a colonização portuguesa, ignorando completamente a história “espelho da verdade” válida apenas quando a verdade em questão fosse favorável aos seus argumentos.

Não obstante criticasse Romário Martins, Mariana Coelho demonstrava que conhecia as relações de força do campo. Segundo Bega (2001) para que

uma produção tivesse visibilidade e caísse no gosto dos letrados neste período, era necessário que intelectuais do porte de Romário Martins investissem seus capitais simbólicos e econômicos e garantissem o reconhecimento da obra, por isso o verbete de Mariana Coelho sobre Romário Martins era concluído com um tom bastante elogioso.

Antes de arrolar os grandes nomes da literatura do Paraná, Mariana Coelho fazia uma crítica severa aos que ela considerava como falsos intelectuais,

Há apenas uma classe, socialmente falando, que, querendo impingir importância intelectual e atrair a consideração geral, obtém exatamente o contrário. Esta classe de indivíduos acentuadamente ridículos, que vive, por toda a parte, à sombra do mundo civilizado, compõem-se, na maioria, de verdadeiras nulidades que invadem a sociedade moderna, e por esta designados com um nome característico: pedantes.

Quase sempre um tipo grotesco de valete de ouros, olhando impunemente com sarcástica petulância para tudo e para todos, o pedante envolve tudo o que o cerca numa esfera muito inferior à sua presumida individualidade intelectual; e em face das suas variedades e picarescas exibições não há compleição nevrótica que se não sinta vivamente agitada, como não há espírito baseadamente culto que se não revolte. (...)

Quase não há classe social que não conte algum membro afetado deste revoltante contágio, tanto mais odiosa que consegue muitas vezes empanar a pureza do brio pátrio e que, para uns, se resume e baseia simplesmente nestas palavras: falsa orientação intelectual; para outro, para os mais graduados, numa pretendida e oca erudição. (COELHO, 1908, p. 29)

Segundo a perspectiva de Mariana Coelho, em um tempo que assinalava para rupturas com a ignorância, que apontava para a excelência e a realização, encontrar pessoas de alma mesquinha e ignorante era contrário à marcha da civilização, pois elas levavam consigo os signos do velho, do obscuro, do antigo, de tudo que se queria extirpar da sociedade de então. Em um momento marcado pelas maiores realizações da humanidade, potencializadas pela ciência e pela razão, o falso intelectual se opunha a todos os anseios da verdade e do conhecimento científico, constituía-se, portanto, em uma ameaça visível aos verdadeiros intelectuais paranaenses, pois sabia também fazer uso da palavra, mas era em si um ignorante.

Além dos autores já citados, mereceram destaque também em sua obra, Fernando Amaro, Leôncio Corrêa, Dr. Emiliano Pernetta, Silveira Netto, Emilio

de Menezes, Domingos Nascimento, Julia da Costa, Antonio Braga, Alfredo Coelho, Dr. Dias da Rocha Filho, Ricardo Lemos, Antonio Camargo, José Moraes, Gabriel Pereira, Dr. Claudinho dos Santos, Dr. Bastos Junior, Paulo Assumpção, Gastão Busquet, Jayme Ballão, Lucio Pereira, Romário Martins, Dr. Sebastião Paraná, Dr. João Evangelista Espindola, Dr. João David Pernetta, Dr. João Itiberê, Dr. Saldanha Sobrinho, Chichorro Junior, Machado Lima, Monsenhor Alberto Gonçalves, Monsenhor Manoel Vicente da Silva, Padre Antonio Joaquim Ribeiro, Padre Julio Ribeiro de Campos, Theophilo Soares Gomes, Bento Cego, Dr. Moyses Marcondes

Clarimundo Rocha, Therezio Porto, M. da Cunha Sobrinho, Albino Silva, Alfredo Munhoz, Cons. Manoel Francisco Corrêa, Celestino Junior, Dr. Ermelino de Leão, Dr. Azevedo Macedo, Urbano Carrão, Dr. Leocádio Corrêa, Dr. Nilo Cairo, Dr. Emilio Westaphalen, Reinaldo Machado, Dr. Manoel Francisco Corrêa, Dr. José Henrique de Santa Ritta, Domingos Duarte Vellozo, Teixeira Coelho, Euclides Bandeira, Leite Junior, Helvidio Silva, Seraphim França, Ildefonso Serro Azul, José Celbecke, Alcides Munhoz, Adolpho Munhoz, Generoso Borges, Ismael Martins, Aluizio França

Hypolito Pereira, Thiago Peixoto, Cicero França, Santa Rita Junior, Thales Saldanha

Isidoro Costa Pinto, Leocadio Corrêa, Leite Junior, Thales Saldanha, Gabriel Ribeiro, Alcibiades Plaisant, C. Teixeira de Freitas, Antonio de Paula, Raul Gelbck, Aguilar de Moraes Gilberto Beltrão, Heitor Valente, Romeu Balster, Julio Cezar Hauer, Arthur Gaissler, Didio Augusto, Aldo Silva, Zeno Silva, Florido Cordeiro, Didio Costa, Miranda Rosa Junior, Roberto Faria, Augusto Rocha, Raul Gomes, Ricardo Costa Junior, Alberico Figueira, Antonio Gomes, Daniel Cleve e Telêmaco Borba.

Embora os grandes destaques de sua obra fossem os intelectuais livre-pensadores de renome, que segundo ela ocupavam posições importantes na sociedade curitibana como professores, autoridades de ensino, advogados, ou médicos, também estavam presentes em sua obra três intelectuais católicos e outros autores de menor expressão, que atuavam e ajudavam a manter o campo cultural em movimento, garantindo a periodicidade de publicação de revistas e jornais literários.

Ao caracterizar os intelectuais paranaenses, Mariana Coelho afirmava que “nas suas produções de arte [havia], manifestações de socialismo, anticlericalismo, espiritismo e, quantas vezes, colocando-se, nos grandes acontecimentos sociais ao lado dos oprimidos, com assomos de verdadeiros revolucionários” (COELHO, 1908, p. 79). A presença dos temas sinalizados por Mariana Coelho nas produções dos intelectuais paranaenses aponta para os projetos de intervenção social em jogo neste período, os quais pretendiam encaminhar a sociedade brasileira para o desenvolvimento e o progresso intelectual.

A edição deste livro, como já dissemos, foi uma encomenda para a Exposição Nacional em comemoração ao centenário da abertura dos portos brasileiros às nações amigas e Mariana Coelho foi escolhida entre outros intelectuais, homens e mulheres, para escrevê-lo. A tarefa foi recebida por ela com honra e na introdução do livro aproveitava para justificar possíveis ausências de intelectuais:

Impelida pelo veemente e justo desejo de provar a minha grande dedicação a este belo e hospitaleiro estado, resolvi dar a lume um livro em que salientasse o lisonjeiro e respectivo desenvolvimento da arte paranaense, e onde coligisse tudo sobre a bela mentalidade de alguns de seus ilustres filhos tenho escrito.

A precipitação com que este livro foi coordenado não me deu margem para desenvolver detida e devidamente, como tanto desejava, a apreciação, a que todos têm direito, do seu merecimento na literatura e nas artes. Oportunamente, porém, numa outra edição, farei as diligências possíveis por apresentar uma obra mais completa [...]

Quisera, neste grande momento, que o meu livro pudesse rivalizar em méritos com o do meu imortal patrício ascendente – o príncipe dos poetas do seu tempo: Camões! – para, ao arriscar este passo temerário, levantar bem alto o meu livro de estreia, com o fim de salvá-lo... do naufrágio da crítica severa e erudita (COELHO, 1908, p. 24).

A obra, segundo Leonor Castellano, foi bastante criticada. Ao falar sobre uma possível reedição ampliada da mesma dizia que

[...] também, a consagradora beletrista confiara-nos a honrosa tarefa de re-publicar, ampliado, o livro “Paraná Mental”, editado em 1908, que sofrera, ao seu aparecimento, as restrições e os ataques pérfidos dos apedrajadores ferrenhos, dos inimigos de tudo o que representa a coragem do idealismo, ou a força triunfante da fé em si mesmo (CASTELLANO, 1956, p. 8).

Por ter se tratado de uma obra de encomenda que figurava como uma referência da efervescência cultural do Paraná, termômetro da evolução social do estado, é possível pensar que a mesma tenha sido alvo de negociações entre a autora e os outros componentes da comissão que selecionou os materiais que fizeram parte da Exposição Nacional. O livro reunia os melhores produtos da intelectualidade curitibana, ter o seu nome relacionado no livro significava ser reconhecido por sua criação, genialidade e atuação no campo literário. Para os intelectuais que ficaram de fora da produção restava a possibilidade de reclamar a ausência.

Neste livro Mariana Coelho considerava como marco zero da produção intelectual do Paraná a emancipação política do estado, O Paraná Mental tinha, neste sentido, motivações políticas, uma vez que, o estado recém-emancipado de São Paulo, começava a dar mostras de uma literatura regional. Nacionalmente a literatura foi encarada como fator e reflexo de progresso e também enquanto instrumento de mudança da realidade social, ao por em relevo a produção intelectual paranaense, a autora estava incluindo o estado no cenário nacional e ao mesmo tempo, reafirmando o grau de evolução do mesmo no caminho das nações civilizadas.

A obra sinalizava também para uma questão comum do período, o movimento de construção de identidade regional e nacional, o estado do Paraná, assim como outros, buscava definir seu lugar no estado nacional, delimitando suas especificidades e lutando por autonomia nas disputas do campo político.

### 2.3 EMANCIPAÇÃO FEMININA EM DEBATE

O grupo de intelectuais livre-pensadores de Curitiba, cujos ideais em muitos pontos convergiam com os de Mariana Coelho, combateu principalmente a favor da liberdade de pensamento individual e do poder esclarecedor da razão. Suas reivindicações se pautavam naquilo que chamavam de necessidade de autonomia intelectual da sociedade, com



liberdade de agir, pensar e julgar sem a tutela da igreja católica. Sua batalha era contra todo tipo de dogmatismo e obscurantismo da igreja católica que para eles representava a submissão e o condicionamento ao automatismo intelectual.

De acordo com Bega (2001), as tendências anticlericais estavam divididas em três vertentes diferentes. A primeira seguia o modelo clássico do ideário livre-pensador, combatendo duramente a Igreja-Estado e defendendo a liberdade de fé religiosa, o livre-arbítrio, a justiça e o ensino laico. A segunda via na monarquia o sinônimo da Igreja: enquanto a monarquia era entendida como atraso e decadência, a República era vinculada à racionalidade, ao progresso e à ciência. A terceira vertente, que segundo a autora predominou em Curitiba, lutou contra as práticas temporais da Igreja.

As posições eram polarizadas e os temas recorrentes e embora esse grupo defendesse algumas causas comuns, como a liberdade integral do pensamento do homem, a recusa aos dogmas católicos, a crença na razão e na ciência, no interior de cada uma dessas causas havia divergências. Por exemplo, enquanto alguns anticlericais aceitavam a moral cristã, contestando apenas a postura incoerente da igreja católica em relação a esta, outros se afirmavam contra qualquer tipo de religiosidade ou coerção moral exterior.

Dario Vellozo, Nestor de Castro<sup>30</sup>, Silveira Netto<sup>31</sup>, entre outros letrados da capital paranaense, formaram, no início do século XX, o grupo denominado *anticlericais*. Eles foram os primeiros protagonistas, no cenário cultural paranaense, a constituírem – uma identidade de grupo, de *intelligentsia*. Foram também os primeiros a apresentarem um projeto amplo de

---

<sup>30</sup> Nestor Pereira de Castro (1867-1906) nasceu em Antonina. Órfão de pai e mãe foi internado aos 10 anos em um Seminário em São Paulo. No Seminário redigiu um jornal manuscrito chamado de *O Reflexo*, em 1884 foi colaborador no jornal *O Iguapense*. Deixou o seminário e regressou a Antonina em 1886, dedicando-se nesse período ao comércio. Em 1887 casou-se e do casamento teve doze filhos, dos quais apenas quatro sobreviveram. Transferiu-se para Curitiba em 1887 e tornou-se jornalista profissional, trabalhou no *Dezenove de Dezembro*, na *Gazeta Paranaense*, no *Sapo*, na *Tribuna do Povo*, *n'A Notícia*, no *Diário da Tarde*, *n'A Federação*, *n'A Estrela*. Em 1902 assume a direção jornal oficial do partido dominante, A República. Junto com Euclides Bandeira e Romário Martins, formou a tríade virulenta e polêmica que dominava o jornalismo local (BEGA, 2001, p. 267).

<sup>31</sup> Manuel Azevedo da Silveira Neto (1872-1942) nasceu em Morretes. Foi líder operário, fundou a Sociedade Protetora dos Operários. Frequentou o Ginásio Paranaense e mais tarde estudou gravura e desenho em Pedra na Litografia do Comércio. Foi redator do jornal *A Luta*, colaborou com a revista *A Arte* (BEGA, 2001, p. 253).

reforma da educação no Estado, baseado nos princípios dos tempos modernos (VIEIRA, 2007, p. 18; BALHANA, 1981, p. 29; MARCHETTE, 1997, p. 41).

São testemunhos destas manifestações e dos debates públicos ocorridos neste contexto a produção crescente de periódicos, tanto aqueles alinhados aos ideais católicos, quanto os aliados aos anticlericais. Nesta imprensa o embate marcava presença nas propagandas difundidas em larga escala, nos convites para reuniões e cultos, na abertura de clubes e agremiações, que procuravam inspirar a ainda insipiente opinião pública.

Denipoti (1998) em estudo historiográfico sobre a capital paranaense do entresséculos menciona que este foi um momento de muita agitação intelectual e de uma indiscutível diversidade cultural. Segundo ele a representação dos intelectuais paranaenses sobre o momento é a de que o mesmo significou uma ocasião sem precedentes de criatividade e notoriedade nacional no campo das letras e das ideias (p. 8). Na concepção de um intelectual da época Alcebiades Plaisant (1908)

Nas letras, o Paraná conta hoje com intelectuais cujo mérito não se pode contestar. E essa afirmação não é somente nossa; vem de mais longe, de diversos Estados do Brasil, da própria capital da Republica, onde o nosso meio literário é conhecido, é lido e apreciado (p. 177).

Outro intelectual do período, Rocha Pombo (1900), também se referindo à vida intelectual curitibana do período assinalava que a vitalidade intelectual deste momento era do [...] mais ativo e fecundo movimento literário, [...] que tal configuração assegurava [...] uma eclosão mais completa e mais brilhante do gênio nacional e que não haveria naquele momento um ponto do Brasil onde se cultivasse as pátrias letras com mais esforço e mais sinceridade e isto “[...] numa terra onde não há grande público leitor para as obras literárias e onde não é fácil encontrar-se editores [...]” (p. 126/127).

O panorama vislumbrado por Rocha Pombo nos dá uma noção da atmosfera cultural que vivia Curitiba do início do século XX, e exprime a constatação de um problema que se tornava cada vez mais central no discurso intelectual desse período e que, de acordo com as elites, precisava de um enfrentamento urgente: a formação de um público leitor, o que não poderia acontecer sem a instrução da população curitibana. De acordo com Denipotti

(1998), “em um contexto propício à leitura e à escrita, a importância da palavra escrita assume ares relativamente grandiosos, e é vista como catalisadora das qualidades de um povo” (p. 13).

Contudo, é necessária alguma cautela ao tomarmos os discursos da época, em virtude de que seus enunciadores desejavam o ingresso de Curitiba no cenário intelectual nacional e a valorização dos intelectuais que animavam a cena da cultura curitibana. Alguns trabalhos da historiografia contemporânea afirmam que entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX Curitiba foi envolvida por um entusiasmo literário (MARACH, 2007, p. 39; TRINDADE, 2001, p. 89; DENIPOTI, 1998, p. 8). Esses mesmos trabalhos, entretanto, apontam que a maioria da população local permanecia ausente desse processo, pois essa ampliação cultural ocorria principalmente entre as camadas médias e altas da sociedade.

Por se tratar de uma fase de acúmulo de expectativas em relação à República brasileira, a vida social desse período se intensificou e isto acabou se refletindo também no ambiente cultural paranaense que desde a emancipação política do Paraná-província, tornou-se propício para ampliação da produção intelectual.

O jornalismo [...] valeu-se da nascente indústria gráfica, aliada e veiculadora das ideias críticas das relações sociais no processo de produção, que se implantava. Já ao final do século XIX, era uma indústria desenvolvida e possibilitava jornais com tiragens diárias (ARAUJO e CARDOSO, 1992, p. 65).

Esses jornais ampliaram as possibilidades de debates e polêmicas públicas do período, desse modo,

a imprensa permite uma ampla visada da experiência citadina: dos personagens ilustres aos anônimos, do plano público ao privado, do político ao econômico, do cotidiano ao evento, da segurança pública às esferas cultural e educacional. Nela encontramos projetos políticos e visões de mundo e vislumbramos, em ampla medida, a complexidade dos conflitos e das experiências sociais. (VIEIRA, 2007, p. 13).

Conforme apontou-se anteriormente neste trabalho, embora a publicação e o consumo de livros tenham entrado num processo de

crescimento que aumentou a importância da palavra escrita e daqueles que a produziam, a participação das mulheres no círculo letrado ainda era rara.

Em Curitiba mulheres cronistas escreviam em periódicos locais, principalmente versando sobre assuntos considerados femininos como moda, casamento e etiqueta. Cristalizando suas experiências e marcando o seu lugar social, essa foi uma das entradas possíveis para uma população que pertencia à elite letrada, mas que ainda estava à margem da produção intelectual.

Desde o início do século XX periódicos como o Diário da Tarde investiram neste tipo de produção<sup>32</sup>. As primeiras participações de nossa personagem no mundo letrado deram-se nestes meios. Ela iniciou sua vida intelectual em Curitiba escrevendo poesias e contos publicados em jornais literários<sup>33</sup> e manteve uma coluna mensal publicada no periódico Diário da Tarde chamada Chronica da Moda. A primeira crônica que encontramos da autora é datada de 1º de fevereiro de 1901, e tratava entre outros assuntos das tendências francesas para a moda feminina da estação e de novas regras do *savoir vivre*, consideradas por ela como indispensáveis para suas leitoras:

Diz-nos um bom jornal de modas parisiense, que [...] O homem deve ser sempre o primeiro a saudar uma senhora, e ela deve sempre corresponder. Não o fará, porem, sem que ela autorize a tempo com um olhar, expressão do rosto ou um d'estes indícios fugitivos afirmando ser reconhecida.

Se, ao contrario a mulher não quer ser vista, uma impassibilidade absoluta, o vago dos olhos que não vos indicam suficientemente que não quer ser saudada.

Um homem deve saudar uma senhora a quem foi apresentado, com a qual conversou n'um salão, á mesa ou em alguma reunião. Se, por qualquer circunstancia, principalmente se ela é fútil, ou por um importuno *malentendu*, ele deixa de o fazer, doa a quem doer a frase, este homem não é um cavalheiro (COELHO, Diário da Tarde, 01/02/1901, p. 1).

Um primeiro olhar para esta fonte causa certo estranhamento, afinal, que motivos teriam levado Mariana Coelho a escrever sobre regras de etiqueta?

<sup>32</sup> O *Diário da Tarde* foi o diário de maior longevidade do Estado e ao mesmo tempo é considerado o primeiro a expressar os ideais do jornalismo empresarial no Paraná (VIEIRA, 2007, p. 14).

<sup>33</sup> Algumas das revistas e jornais em que Mariana Coelho colaborou com poesias, contos e crônicas foram: O Cenáculo, Almanaque Paranaense, Almanaque do Paraná, A Penna, O Sapo, O Beijo, Breviário, Folha Rósea, Olho da Rua, Fanal, A Bomba, Comércio do Paraná, Senhorita, Prata da Casa, A Sempre-viva.

Uma mulher que defendeu a emancipação feminina, os direitos civis e políticos das mulheres, bem como o papel essencial da educação dessas nesse processo, escrevendo sobre um assunto que em 1933 chamaria de fútil? Em primeiro lugar, falar com suas leitoras sobre moda, chamava a atenção para sua coluna e conquistava um público fiel.

Importa salientar que as regras de etiqueta citadas por Mariana Coelho em sua coluna eram uma parte importante da educação feminina. Ser mulher significava na época estar sujeita a regras sociais bastante rígidas do ponto de vista da aproximação com o sexo oposto. Como dizia a coluna de nossa personagem, essas regras exigiam que a mulher tivesse sempre uma postura contida e de distanciamento em relação aos homens.

De acordo com Maluf e Mott (1998) as mudanças de comportamento e sensibilidades que ocorreram em meio ao processo de urbanização pelo qual passava o Brasil entre a virada do século XIX e início do século XX, embora tenham tornado corriqueira a presença das mulheres nas ruas das cidades, cobrava seu preço, “[...] que a senhora soubesse conservar um ‘ar modesto e uma atitude séria, que a todos impunha o devido respeito’”, caso contrário, estaria exposta à maledicência e comprometeria sua honra (p. 369).

A coluna foi também um espaço estratégico para que Mariana Coelho falasse às suas leitoras sobre o feminismo. No dia 1º de março de 1901, ela iniciava a coluna defendendo o sufrágio feminino e defendendo o feminismo:

Que entusiástico alvoroço, que delirante expansibilidade não terá produzido nas altas regiões feministas a aprovação francesa ao projeto que concede, finalmente, o voto á mulher? E com que desfrutável cara a receberiam os renitentes antagonistas da emancipação feminina, reconhecendo-se impotentes para deter a corrente infalível, a marcha triunfante e “assustadora” do progresso social e intelectual feminino – verdadeiro terror que assoberba e confunde uma grande parte do sexo “forte”! (COELHO, Diário da Tarde, 01/03/1901, p. 01).

Ela aproveitava um espaço que o jornal lhe concedeu em uma coluna aparentemente voltada às preocupações femininas e inicia uma discussão sobre os direitos da mulher, seus deveres diante da construção de um mundo

guiado pela racionalidade e progresso<sup>34</sup>. Para isso mencionava uma notícia sobre o movimento sufragista na Europa e a partir dela dissertava sobre o movimento feminista e sobre a educação da mulher. Interessante notar também que embora ela fizesse referência à aprovação de um projeto que teria dado o direito de voto à mulher na França em 1901, a efetiva legalização dos direitos políticos femininos na França só seria efetivada em 1945.

Mariana Coelho defendia a ideia de que as mulheres eram excluídas da participação social em função de sua ignorância de sua falta de instrução. A privação das mulheres quanto ao desenvolvimento de sua educação seria o motivo que as levaram à situação de submissão. De acordo com sua análise somente a educação poderia tirá-las de tal situação e traria a desejada igualdade entre os sexos.

Sim. Mas para derrocar pela base o erro que a ingenuidade ou incompetência feminina pode ocasionar, bastará dar á sua educação um mais consciente impulso – tornando-a cada vez mais solícita e logica, dando ao seu espirito sequioso de ilustração possível e de que ele é capaz. A cegueira é sempre fatalmente funesta, qualquer que seja o campo que ela encare. [...] Sendo convenientemente preparada, poderá também exercer qualquer profissão, furtando-lhe d'esta ao sofrimento de inevitável martírio moral, o que os antigos preconceitos muitas vezes a obrigam. (Ibid, p. 01)

É na educação que Mariana Coelho depositava suas expectativas de transformação da realidade para o sexo feminino. De seu ponto de vista o acesso à educação levaria as mulheres à tomada de consciência e ao progresso.

Em estudo sobre o movimento feminista do século XIX Kappeli (1991) afirma que na maioria dos países europeus as reivindicações relativas a educação das mulheres antecederam outras solicitações feministas e marcaram presença em muitas discussões e ações que buscavam melhorar o acesso à formação feminina. A educação mostrava-se cada vez mais indispensável à vida das mulheres que além de estar imbuídas de um papel civilizador – pois eram as responsáveis pela educação das crianças – também

---

<sup>34</sup> De acordo com o artigo publicado em 06 de março de 1901, no mesmo Diário da Tarde Mariana Coelho afirmava que recebeu um convite do editor do jornal para escrever a coluna *Chronica da Moda*.

começavam a compreender que o acesso à independência econômica passava pela aquisição e pelo reconhecimento de conhecimentos profissionais (p. 557).

Mariana Coelho não apenas defendeu publicamente a educação feminina, mas também encontrou uma maneira de intervenção efetiva no âmbito educacional com a iniciativa de fundar o Colégio Santos Dumont em 1902. Preocupada em ver uma mudança no papel social exercido pelas mulheres de seu tempo – do espaço restrito do lar para uma maior participação no espaço público – por meio da educação, conforme veremos no terceiro capítulo, ela mobilizou homens e mulheres para que seu projeto se concretizasse.

Mariana Coelho sabia como ocupar o espaço que lhe era concedido para publicação. Embora tenha iniciado sua crônica de moda fazendo alusão ao acesso aos direitos políticos pelas mulheres, na sequência do artigo ela muda de assunto e cita a volta dos colletes para próxima estação e um novo manual de etiqueta publicado na França. Com tom irônico ela descrevia os detalhes do novo manual que ensinava a comer ovos na casca e concluía que as regras de polidez nele presentes eram “minuciosamente ridículas” e que sua autora era apenas uma “francesinha desfrutável”.

Não obstante, ao defender publicamente uma postura ousada como os direitos políticos das mulheres, Mariana Coelho logo encontrou resistências e desafetos. As primeiras discussões acaloradas a esse respeito foram encontradas nas páginas do Diário da Tarde na mesma semana<sup>35</sup>.

Em um artigo escrito em francês e intitulado *La Femme Electeur*, Georgina Mongruel opõe-se ao artigo de Mariana Coelho argumentando que o mesmo devia chamar-se “A emancipação feminina e o direito ao voto”. No corpo do texto Mongruel defendia o direito da mulher à educação, em tudo que é grande, belo e nobre e natural, ou seja, para que pudesse cumprir sua missão: educar corretamente sua família. Não se mostrava contrária à profissionalização da mulher, pois considerava que uma mulher poderia ser

---

<sup>35</sup> Outras mulheres brasileiras e paranaenses defenderam o voto feminino na mesma época que Mariana Coelho, entre elas podemos destacar no cenário nacional Nísia Floresta. No cenário paranaense tiveram muito destaque as ideias de Escolástica de Moraes Vellozo esposa de Dario Vellozo. É interessante notar que embora essa discussão seja iniciada no entresséculos as primeiras iniciativas de organizações sufragistas femininas datam de 1910 e os direitos políticos só foram regulamentados em 1934.

médica, visto que essa profissão tinha um valor social indiscutível. Mas condenava o voto feminino, bem como o abandono do lar para sua participação na vida pública. Para ela o direito ao voto tiraria da mulher seu principal direito: a maternidade e o lar e a levaria para os cafés e a praça pública para discutir política. Concluía sua nota perguntando à Mariana Coelho, de maneira irônica, como se comiam ovos na casca em Portugal (MONGRUEL, Diário da Tarde, 02/03/1901, p. 1).

Georgina Leonard Mongruel (1861- 1952), também foi figura importante na capital paranaense. Ela nasceu em Charleroi, Bélgica e foi educada por seu avô em Paris. Voltou para Bélgica e diplomou-se na Escola Normal Superior de Mons., Bélgica em 1885. Veio para o Brasil em companhia do marido. Morou em São Paulo e no Rio de Janeiro e em 1895 passou a residir em Curitiba. Aqui deu aulas de canto, piano, violino e pintura na Escola de Belas Artes. Colaborou em alguns periódicos em Bruxelas, na Bélgica, e em Paris no jornal *Mercure de France*. Escreveu ainda no Diário da Tarde e na revista *Fon Fon* no Rio de Janeiro. Participou do Centro de Letras e também do Instituto Néo-pitagórico (NICOLAS, 1974, v. 2, p. 319).

Embora tenha tido acesso a uma educação que a direcionou para participação no espaço público, tendo atuado profissionalmente durante toda sua vida, Georgina Mongruel mostrava-se reticente às mudanças sugeridas por Mariana Coelho. Surpreendida com a oposição de Georgina Mongruel, Mariana Coelho respondeu ao artigo dizendo que tinha sido mal interpretada e que não entendia a resistência de uma mulher ao movimento feminista. Expondo cada ponto de sua postura diante do quadro progressivo da participação feminina na vida pública ela argumentava “[...] eu quero-a [a mulher] intelectualmente preparada e prevenida para acompanhar condignamente o progresso social – cuja veloz marcha lhe impõe tal necessidade [...]” (COELHO, Diário da Tarde, 04/03/1901, p. 1).

Mostrando-se convenientemente moderada, ela defendia o ponto de vista de que seu artigo sobre a emancipação feminina não defendia a inversão dos papéis que a natureza indicava para cada sexo “[...] não ofereço o ridículo de entregar ao marido o cuidado de adormecer o bebê enquanto ela vai discutir política ou pleitear candidatura” (COELHO, Diário da Tarde, 04/03/1901, p. 1).



Entretanto afirmava que acreditava que a mulher tinha condições morais e intelectuais de acompanhar os debates políticos. Sustentava ainda que o fato de Mongruel se opor a um projeto francês acerca do voto feminino, que fora aprovado por 374 votos contra 101 votos, demonstrava a falta de solidariedade para com suas compatriotas. Ela acrescentava que compreendia as preocupações de Georgina Mongruel com a participação da mulher na esfera pública, discutindo o voto nos cafés, ou na praça, mas afirmava que a mulher tinha por natureza um inato recato e “[...] uma tendência para uma sã moral” qualidades que poderiam conviver tranquilamente com um espírito iluminado pela educação. Censurava a postura de Mongruel no que dizia respeito à aquisição dos direitos políticos pela mulher, pois não compreendia porque ela considerava que uma mulher poderia ser médica e não eleitora. Em sua concepção o mesmo tempo que seria roubado da mulher para exercer seu direito político também poderia ser subtraído por sua profissão. Em nenhum dos casos apresentados, segundo suas palavras, seria usurpado da mulher o seu “[...] atraente lugar que desde sempre lhe está marcado no lar [...]”.

A emancipação feminina, na compreensão de Mariana Coelho, não poderia furtar das mulheres as horas dedicadas à maternidade e ao lar. A “nova mulher” anunciada por ela devia conciliar os seus diversos papéis sociais empenhando-se em dividir-se entre os direitos que lhe foram naturalmente atribuídos no espaço do privado e as novas exigências de participação na vida pública. Responsável pela tarefa de proporcionar o desenvolvimento das qualidades intelectuais e morais das crianças, por meio de seus exemplos, a mulher era vista por ela como elemento indispensável para a construção do futuro da nação. Ou seja, a preocupação com a formação das mulheres do ponto de vista de Mariana Coelho passava também pela questão da educação das novas gerações cujo futuro estava nas mãos maternas: a educação das crianças: fossem elas mães naturais ou espirituais.

A discussão continuaria com a réplica de Georgina Mongruel que acusava Mariana Coelho de ter sido mal-educada ao nominar a autora do manual de etiqueta de “francesinha desfrutável”, visto que a França servia de parâmetro de civilização para a elite da época (MONGRUEL, Diário da Tarde, 05/03/1901, p. 1).

Tentando pôr fim à discussão Mariana Coelho respondeu ao artigo declarando que quando há “[...] insistência em esmiuçar exageradamente um assunto, corre-se o risco de descer trivialidades que podem roubar a elegância do artigo [...]” e seguia defendendo e reiterando seus motivos para o voto feminino e concluindo com um pedido de desculpas irônico “[...] longe estava de supor que n’esta modesta secção iria ferir a suscetibilidade da distintíssima Mme. Mongrue. Peço-vos que aceiteis o meu mais sincero respeito e profundo apreço” (COELHO, Diário da Tarde, 06/03/1901, p. 1).

Embora tivessem divergências em relação às condições de participação da mulher na sociedade, Mariana Coelho e Georgina Mongrue concordavam que a participação de mulheres na cena pública deveria estar condicionada à preservação dos deveres domésticos de mãe, esposa e filha. Esse modelo de comportamento da mulher fez parte do ideário positivista no qual existia um incentivo para participação das mulheres na cena pública, nas esferas sociais e culturais desde que esta não entrasse em desacordo com sua vida doméstica (TRINDADE, 1996, p. 149). Nesta concepção o sexo feminino poderia ser incluído no projeto educacional da república, pois, na formação inicial da criança eram as mulheres que iriam intervir no trabalho intelectual, estético, nas artes e principalmente na manutenção da moral positivista.

As discussões entre Mariana Coelho e Georgina Mongrue no periódico continuaram sendo frequentes em momentos posteriores, pois as duas tinham posturas muito diferentes a respeito do que a mulher do período deveria reivindicar para sua emancipação.

Mongrue, que tinha uma trajetória interessante enquanto uma mulher pública, educada, culta e profissional poderia ter apoiado Mariana Coelho em sua concepção de mundo, mas isso não aconteceu. Conquanto defendessem posições distintas no que tange à participação pública das mulheres na sociedade, mais tarde, em 1903, Mariana Coelho convidou sua colega Georgina Mongrue para trabalhar como professora de pintura, no Colégio Santos Dumont.

No que se refere ao enfrentamento das duas intelectuais, em dado momento, Nestor de Castro entrou no debate argumentando a favor dos direitos das mulheres. Seu artigo era endereçado a Georgina Mongrue.

Mme. Mongrue! entende e sustenta que os deveres da mulher estão naturalmente adstritos ao lar, e que qualquer ampliação dessa missão trará o aniquilamento da família.

A' primeira vista, parece que a verdade sobre o assunto reside nessa afirmativa, e que toda manifestação tendente a transformar o atual estado social da mulher, se reduz a uma profanação contra mulher, se reduz a uma profanação moral e a tranquilidade domésticas.

Um plano visual, porém, mais largo em torno da tese em baila, fará compreender que a felicidade humana só será completa e duradora quando for proclamada a incondicional emancipação feminina.

Esta revolução, tão necessária ao aperfeiçoamento dos costumes, está sobretudo confinada à amplitude dos meios pedagógicos à cultura intelectual da mulher.

E' para a integração educativa do sexo feminino, que se pede às nações a aceitação das senhoras nos diferentes ramos do ensino oficial.

(JACQUES, Diário da Tarde, 16/03/1901, p. 1).

Assinando com o pseudônimo João Jacques ele mostrava uma visão da emancipação feminina muito próxima a de Mariana Coelho. Educar a mulher para que ela, junto com o homem, também educado, atingisse o ideal da civilização. Visto que na época a educação foi considerada meio por excelência de intervenção social, ele reputava essencial educar as mulheres em consonância com as exigências do mundo moderno que evoluía rapidamente.

Mongrue! escreveu artigo em resposta a Nestor de Castro, contestando sua postura diante do papel social da mulher, pois enquanto ele defendia a profissionalização da mulher em áreas consideradas exclusivamente masculinas, ela argumentava que o envolvimento feminino com estas áreas feria a natural fragilidade feminina. Para ela não era possível que a mulher encontrasse um equilíbrio entre a profissão e o cuidado com o lar, e se este não era possível era melhor que a mulher escolhesse a vida doméstica. Em sua perspectiva não fazia nenhum sentido educar as mulheres para se ocuparem de profissões masculinas como o direito, por exemplo, pois para elas esse conhecimento iria se tornar inútil. Defendia a educação da mulher para que esta apurasse sua cultura, mas não em termos da ocupação de profissões tidas como masculinas, pois o tempo da mulher devia estar dedicado ao seu papel primordial na sociedade como esteio da família. Aceitava sim que a mulher exercesse profissões ligadas à filantropia ou a uma espécie de maternidade social como a medicina ou ainda o magistério. Condenava novamente o voto feminino, o que considerava uma abominação e não

entendia porque as mulheres deviam perder seu tempo participando de agitações políticas (MONGRUEL, Diário da Tarde, 18/03/1901, p. 1).

Nestor de Castro voltou ao jornal para esclarecer seu ponto de vista sobre o comentário que Mongruel havia feito acerca da inutilidade de uma mulher exercer advocacia, dizia que uma mulher poderia sim ser uma boa advogada, desde que tivesse a formação adequada. Para confirmar sua opinião, citava o nome de Joanna Chauvin que na época já ocupava o lugar de lente de direito no Liceu Normal de Paris. Afirmava ainda que o voto feminino seria uma consequência natural do processo de emancipação da mulher e para que isso acontecesse bastaria que ela apurasse sua cultura intelectual de acordo com a boa doutrina feminista. Concluía utilizando a história para mostrar algumas mulheres que segundo seu ponto de vista haviam contribuído para engrandecimento da nação. O que levaria ao abandono do lar pelas mulheres, segundo ele, não seria a ocupação com coisas públicas e sim o desvio de caráter (CASTRO, Diário da Tarde, 23/03/1901, p. 1).

A discussão sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho entre Mongruel, Mariana Coelho e Nestor de Castro acompanhava os debates públicos que ocorriam naquele período sobre a configuração de um novo lugar a ser ocupado pelas mulheres no espaço social. Em uma sociedade que passava pela experiência da urbanização, o espaço público era cada vez mais frequentado pelas mulheres e a discussão sobre sua inserção no mercado de trabalho se fazia necessária. Mulheres exercendo profissões como a enfermagem, a medicina e o magistério eram admitidas visto que as mesmas representavam uma espécie de maternidade espiritual e social. Este tipo de maternidade foi amplamente difundida e defendida por intelectuais que associavam, desde o século XIX, as profissões citadas anteriormente ao humanitarismo e uma atitude filantrópica. Essas tinham, conforme mencionava Mongruel em um de seus artigos, um forte apelo de trabalho social e estimulavam a missão social das mulheres, “a missão de salvar o mundo, profundamente ancorada na tradição evangélica, toma para certas feministas a forma de uma obra civilizadora” (KAPELLI, 1991, p. 560).

A questão do voto da mulher, que era defendida por Mariana Coelho e Nestor de Castro, aponta para o lugar social ocupado por estes dois

intelectuais. O voto era um meio de intervenção na ordem social, era visto como garantia de participação nas decisões da classe dirigente do país. Por isso, o voto era pensado como princípio de igualdade e como condição para realização da igualdade dos direitos na vida privada e pública. Embora o sufrágio feminino fosse apenas uma esperança de igualdade de direitos, merecê-lo, de acordo com esse pensamento, exigiria das mulheres uma melhor formação (KAPELLI, 1991, p. 556).

A campanha de Mariana Coelho pelo sufrágio feminino, oscilando entre o feminismo igualitarista e o dualista, consubstanciou-se numa prática que era ao mesmo tempo social e política e tinha como meta principal modificar as leis, para que se reconhecesse a mulher enquanto cidadã. A luta pelo sufrágio foi o grande carro-chefe das reivindicações de Mariana Coelho por reclamar não apenas uma condição de igualdade e cidadania para a mulher, mas por conduzir a uma discussão sobre o próprio exercício do poder.

Nos dois artigos Nestor de Castro apoiou a opinião de Mariana Coelho sobre os direitos políticos das mulheres e a emancipação feminina. Embora a nossa personagem não tenha tido apoio de Mongruel, contou com o apoio de um intelectual livre-pensador, que considerava o feminismo um assunto sério e de ordem sociológica<sup>36</sup>.

Talvez por isso, em artigo de 21 de março de 1901, ele voltou à arena pública para contestar uma das questões levantadas por Mariana Coelho que segundo ele teria atribuído ao egoísmo masculino o atraso moral e intelectual das mulheres.

É um fato historicamente bem provado, que esse atraso vem, não do egoísmo, de quem quer que seja, mas da má orientação política dos primitivos organizadores da sociedade, e para os defeitos desta, é sabido, concorreram elementos vários, d'entre as quais podemos também destacar a influência direta ou indireta da mulher. Cleópatra, por exemplo, não só destruiu os esteios Moraes da família egípcia, como apertou os laços da escravidão naquele país, compreendendo homens e mulheres na terrível decretação dos seus editos [...]

---

<sup>36</sup> Provavelmente a referência ao feminismo como sendo um assunto de ordem sociológica, menção que tanto Nestor de Castro, como Mariana Coelho fazem em seus textos, esteja ligada às teorias sociais que deram origem às primeiras discussões sobre a emancipação da mulher, como as que foram desenvolvidas por Fourier, por exemplo.

E' fácil imaginar os estragos Moraes que mulheres deste jaez causam á sociedade em que vivem. (JACQUES, Diário da Tarde, 14/03/1901, p. 1)

Concluía enfim, que o egoísmo não era marca exclusiva dos homens e que os mesmos não podiam ser vistos como inimigos naturais das mulheres, pois não eram eles os responsáveis pela falta de liberdade feminina.

A discussão continuou com a réplica de Mariana Coelho

Dizer sua exa. Que atribuo ao egoísmo do homem todo o atraso moral e intelectual do sexo feminino, é ceder demasiadamente à sua fecunda imaginação – que exagera bastante a tal respeito. Sei (ora que reflexão a sua, ilustre sr. João Jacques)!... que atualmente a maioria do sexo masculino ilustrado se pronuncia francamente pela emancipação da mulher. (COELHO, Diário da Tarde, 22/03/1901, p. 1)

Em seguida, Mariana Coelho citava o exemplo da França, que, conforme tinha mencionado em seu primeiro artigo sobre o tema, era pioneira nas discussões sobre o feminismo. Ao mesmo tempo Mariana Coelho desafiava Nestor de Castro a usar seu nome no próximo artigo, pois, em seus artigos ele tinha usado o pseudônimo João Jacques (JACQUES, Diário da Tarde, 21/03/1901, p. 1).

Nestor de Castro escreveu outro artigo em 29 de março de 1901, utilizando o mesmo título, O feminismo, no qual ele mostrava seu conhecimento sobre a história da luta feminista em todo mundo, com o objetivo de mostrar a ela que o feminismo, ao contrário do que afirmava Mariana Coelho, não havia começado na França:

Devemos também acentuar que o feminismo começou em Chicago, no grande congresso realizado em 1883 sob a presidência da Sra. Patter Palmer.

Foi d'ali que se propagou pela Europa a ideia emancipadora; muito antes de ir a Paris, ela já tinha difundido pela Suécia e Noruega, e tanto que, n'um congresso presidido pelo mestre Ibsen, o extraordinário dramaturgo assumira a responsabilidade de escrever peças teatrais tendentes a melhorar as condições sociais da companheira do homem. (COELHO, Diário da Tarde, 29/03/1901, p. 1)

Voltando à cena, Mariana Coelho escreveu *Emancipação da Mulher*, nota em que se desculpava pela forma como tinha tratado Nestor de Castro e retomava a discussão do feminismo, agora suavizando a linguagem

Não afirmei, nem tal podia sustentar, que coubesse à França toda a primazia moral do grande movimento feminista, que a maior ou menor distancia tenho acompanhado, pois que me não é totalmente estranha a atitude respectiva da América do Norte e outros povos [...]. Se nos meus modestos artigos a respeito não me expliquei suficientemente, claro que essa omissão devida simplesmente à falta de reflexão, pois que, na realidade o que eu principalmente tentava frizar era o adiantamento das ideias. Seria, efetivamente, o mais ridículo absurdo querer atingir uma concessão de tal ordem, sem o competente acesso proporcionado pela conveniente preparação da intelectualidade feminina. Uma educação completa primeiro, e depois o resto virá fatalmente, quer os obstinados oposicionistas queiram, quer não.

De resto, felicito-me (se tal felicitação não é considerada uma imodéstia) por ter suscitado na digna e ilustre imprensa curitibana, com a desprestigiada “Chronica da Moda” do primeiro de Março, a discussão interessante sobre o árduo assunto da emancipação da mulher – que tão fulgurantes penas vão se desenvolvendo entre nós, e em defesa da qual com tanta fidalguia vem salientar-se o hábil contista, Nestor de Castro, meu brioso cirineio, repito. Que ora veio auxiliar-me n’este difícil angulo que se me deparou no trajeto agrodice da espinhosa vereda da imprensa, secundado generosamente pelo ilustre ponta-grossense, exm. sr. Lourenço de Souza (COELHO, *Diário da Tarde*, 02/04/1901, p. 1).

As discussões que Mariana Coelho e Nestor de Castro mantiveram no jornal durante quase duas semanas mostram que, embora os dois discordassem em alguns aspectos em relação à questão do feminismo, ambos eram enfáticos em afirmar que a emancipação feminina seria alcançada com a evolução natural da sociedade e o preparo intelectual das mulheres. Lourenço de Souza que foi chamado no artigo de apoiador, era proprietário do periódico *Diário da Tarde*, o intelectual que convidara Mariana Coelho para publicar a coluna. Nascido em Campo Largo em 1875, Lourenço de Souza diplomou-se na Escola Normal de Curitiba e foi professor de várias escolas públicas da capital paranaense. No ano de 1920 formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina do Paraná. Participou ativamente de campo cultural paranaense. Além de ser proprietário do jornal *Diário da Tarde* até 1902, também escreveu vários livros, sendo um deles intitulado *Educação da Mulher* (NEGRÃO, 1927, p. 435).

A coluna mensal de Mariana Coelho circulou sob sua assinatura até abril de 1902. Neste espaço, entre as novidades da moda da estação, ela voltaria a defender a emancipação da mulher por meio de sua educação. No mês de maio de 1902 o proprietário, Lourenço de Souza, vendeu o periódico *Diário da Tarde* e Mariana Coelho deixou de assinar a coluna *Chronica da Moda*. Embora nos meses seguintes do mesmo ano a coluna continuasse a ser publicada, esta passou a ser assinada por Mme. Courtois e se voltou especificamente para as questões de moda e elegância, perdendo a característica política adotada por Mariana Coelho.

Em 09 de abril de 1901 Mariana Coelho iria se desentender novamente com Nestor de Castro. Atendendo a sugestão do cronista Erasto, Mariana Coelho escreveu um artigo no qual se propunha a falar sobre O chapéu feminino. Embora o título do artigo aponte para a moda e os usos do chapéu feminino, Mariana Coelho utilizou o espaço para criticar àqueles que em sua opinião abusavam do uso de citações em sua escrita.

Na presente resumida elaboração do meu solicitado parecer acerca do uso do chapéu, não vou, por certo, tentar fazer do aludido objeto um histórico mais ou menos completo, pois que jamais me empolgou a pretensão de atingir a perfectibilidade em qualquer assunto, costumando quase só contar com o que a minha deficiente pena possa desenvolver. [...]

É o barão de Teuchteralben que proclama que “o gênio é a verdade”, e, fazendo uma alusão indireta transcreve os mestres, diz que o que constitui a originalidade do talento é a arte de nos interrogarmos a nós mesmos em vez de consultar os livros (COELHO, 09/04/1901, p.1).

Uma dura crítica ao uso abusivo de citações em artigos jornalísticos, pois, em sua opinião, essas tornavam a leitura difícil e quase sempre isentavam os autores de emitir sua própria opinião ou que esse uso exagerado poderia significar que o autor não tinha nenhuma opinião a respeito do assunto discutido. O recurso da citação foi usado de forma recorrente pelos intelectuais do período como demonstração de erudição e Mariana Coelho também fez uso do recurso que criticava. No livro *A Evolução do Feminismo: Subsídios para sua história* (1933), por exemplo, há citações que excedem a uma página.

No dia seguinte à publicação de Mariana Coelho, Nestor de Castro veio a público ofendido pessoalmente com a nota, pois de acordo com ele a mesma



estaria sendo endereçada a ele por seus últimos artigos. Segundo seu relato ele teria recebido em casa um exemplar do periódico com a menção *Lê e admira* escrita à caneta em cima do artigo de Mariana Coelho. Como este era o nome da coluna que ele escrevia em outro periódico da capital, Nestor de Castro entendeu que o artigo de Mariana Coelho estava endereçado a ele.

Hoje, recebi pelo correio um exemplar d'aquela folha, [Diário da Tarde] com a seguinte notificação á margem de um artigo da exma. sra. d. Mariana Coelho: "Lê e admira".

Efetivamente, li e admirei o contexto assinalado, que de viva aresta encerra uma desagradável alusão aos meus escritos ultimamente aqui publicados.

Diz a exma. sra. d. Mariana Coelho que condena, sem derimentos nem atenuantes, a todo o individuo que escreva longas tiradas com citações textuais dos mestres da ciência. [...] Acho isto muitíssimo louvável, principalmente quando se trata de uma senhora cujo nome fulgure com extraordinário vigor de notoriedade literária. Com o que, porém, não posso concordar é com a egoísta pretensão de registrar-se os conceitos competentes quando as nossas próprias opiniões não representam autoridade de espécie alguma sobre qualquer assumpto que se discuta.

Em todas as esferas da intelligencia humana, as opiniões dos mais autorizados estão em texto para formar teoria e raciocínios dos que se julgam menos competentes (CASTRO, Diário da Tarde, 12/04/1901).

Mariana Coelho responderia o artigo defendendo-se da acusação:

Não podia deixar de surpreender-me o artigo do exm. sr. Nestor de Castro, subordinado, á epigrafe – Citações, pela íntima convicção com que sua ex. repele uma suposta alusão aos seus artigos ultimamente publicados?

Admiro, antes de tudo, a ingenuidade com que o ilustre articulista prontamente partilhou a opinião da pessoa que lhe remeteu o meu artigo, notificando á margem a frase claramente intencional: Lê e admira, pois era de esperar de Nestor de Castro uma exata e immediata penetração em presença de tal fato, do qual devia concluir que "essa pessoa" se denunciava, evidentemente suspeita.

Antes de prosseguir cumpre-me declarar que distingo as breves citações, cuja elegância confesso, das longas transcrições, cujo desaire reprovo. E partindo d'este principio, fácil é depreender do meu artigo ultimo que não condenei, como de forma alguma o podia fazer as citações que, bem escolhidas, raras e muito a propósito, dão, na verdade, um certo realce e vigor a toda e qualquer produção, principalmente (sim) quando a nossa opinião precisa ser corroborada com a dos grandes autores; e tanto, que d'este recurso "não me eximo" (COELHO, Diário da Tarde, 15/04/1901).

O desentendimento parece ter terminado no artigo de Mariana Coelho, pois o jornal não registrou outras respostas de Nestor de Castro. Importante

destacar que o contexto do início do século XX, quando essas discussões ocorreram, foi marcado pela busca pelo poder da palavra o que tornou o espaço público o *locus* da polêmica por excelência, logo, participar de uma polêmica era uma forma de incluir-se na cultura da época.

Nestor de Castro era um intelectual de certa visibilidade na capital paranaense. Os pedidos de desculpa e os supostos mal entendidos entre ele e Mariana Coelho na imprensa faziam parte das regras do jogo. Para ela, o desentendimento com um intelectual que detinha as condições materiais e simbólicas para garantir espaço de publicação não era interessante, ao mesmo tempo manter a polêmica garantia a atenção do público leitor para o jornal.

Ser uma mulher atuante na cena pública, nesse período, significava estar voltada às especificidades da condição feminina e de ser cobrada por isso. A inserção das mulheres no mundo público, como estudantes, consumidoras, atuando em organizações caritativas ou filantrópicas se tornava cada vez mais frequente, no entanto, havia um discurso que reforçava a ideia de que a mulher não poderia deixar suas funções sociais primordiais: o cuidado com o lar e a maternidade.

De acordo com D'íncao (2007), durante o século XIX a sociedade assistiu “[...] ao nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade” (p. 223), essa reforçava a ideia da fragilidade feminina, um estereótipo que mantinha a atuação dessas mulheres no ambiente doméstico.

Os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira ocorridos nos primeiros anos do século XX, contribuíram significativamente para modificar o modo como as mulheres eram vistas na sociedade, ao menos aquelas que pertenciam aos estratos médios e altos da sociedade. Essas mudanças, no entanto, não significaram uma aceitação mais ampla de sua participação social. Para algumas delas a alteração do quadro social significou a oportunidade de demonstrar seu desejo de maior participação na cena pública. Entre suas reivindicações estavam a autonomia de pensamento, o acesso da mulher à educação e os direitos civis e políticos femininos.

### 3. EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

#### 3.1 VOCAÇÃO E SACERDÓCIO: Mariana Coelho e a missão do ensino

Conforme indicado anteriormente nesta pesquisa, Mariana Coelho teve uma significativa produção no campo cultural. De acordo com Leonor Castellano, no prefácio da obra *Palestras Educativas* (1954), ela teria “[...] principiado a escrever em 1887 [...]” (p. 9). Entretanto, não era como escritora que a intelectual garantia o seu suporte financeiro, mas como educadora.

Também foi sua atuação na área educacional que permitiu que ela experimentasse algumas das teorias pedagógicas em que acreditava, foi ainda pela temática da educação que conseguiu o apoio de intelectuais como Sebastião Paraná e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo, com quem manteve interlocução direta.

Como educadora manteve-se sempre a serviço da missão do ensino. Em 1902, como aludido acima, fundou o Colégio Santos Dumont, instituição que possibilitou uma maior visibilidade do projeto educacional no qual esteve envolvida. Os Relatórios da Secretária da Instrução Pública afirmam que a escola usava “moderno método João de Deus” para o ensino primário e o curso de prendas domésticas e música para as meninas.

Muito leves e isentos de pó  
**CONFETTI OURO E PRATA**  
Tão leves como os de papel  
**Serpentinhas e Relógios**  
Sortimento colossal e variado  
**David & C.**  
A maior fábrica do universo sem competidor em preços e qualidades  
81 Rua do Ouvidor 81  
Endereço telegraphico **DAVID, RIO**

**Collegio Santos Dumont**  
Curitiba—Rua 15 de Novembro n.º 105—Paraná  
DIRECTORA—**MARIANNA COELHO**

Este collegio, cuja abertura terá lugar a 2 de Janeiro do proximo anno, destina-se a ministrar o ensino primario ás crianças de ambos os sexos; e secundario, de prendas domesticas e musica, aos alumnos do sexo feminino. A duração do ensino das prendas domesticas é de uma hora diaria, admittem-se alumnos internos do sexo feminino. Será enviado mensalmente aos paes ou tutores das creanças um boletim com a indicação do aproveitamento e da conducta do alumno. O encerramento da matricula effectuar-se-á no fim de Dezembro.

**PREÇOS**

*Ensino Primario e Prendas*

Internos, por trimestre.	200\$000
Externos, sexo feminino, mensalidade	8\$000
Externos, sexo masculino.	7\$000

**PAGAMENTO ADEANTADO**

Far-se-á algum abtimento a todo o chefe de familia que tiver mais de um filho no collegio.  
Para esclarecimentos relativos ao ensino secundario e musica, na actual residencia da Directora. 30-2

**REVOLUÇÃO NA LAVOURA**  
**Machina Formicida**  
**„LUIZ BARRETO“**  
(para matar formigas)  
Privilegiada por decreto N.º 2202.  
Usado com maravilhosos resultados em varios Estados da Republica e principalmente no de S. Paulo, comprovada por inumeros attestados.

FIGURA 1 - PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT (1902)

FONTE: Diário da Tarde, 01 de janeiro de 1902

No ensino primário a escola usava para alfabetização de seus alunos a Cartilha Maternal ou A arte de leitura do poeta português João de Deus. Essa cartilha foi adotada em muitas escolas primárias de Portugal e, em 1882, tornou-se de uso obrigatório em todas as escolas lusitanas. No Brasil ela foi escolhida oficialmente como obra didática no Rio Grande do Sul, sendo também largamente difundida em São Paulo e Espírito Santo como método eficaz de ensino.

O método João de Deus, conhecido também como método da palavração, fundamentava-se em princípios da linguística. Basicamente consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra e depois analisá-la pelos valores fonéticos das letras. Havia uma grande discussão entre os intelectuais sobre a validade do método, mas entre os positivistas era bem aceito. Alguns

intelectuais acreditavam que esse método era uma fase científica e definitiva do ensino da leitura, bem como fator de progresso social

O método analítico para o ensino da leitura, que muito se aproxima do que era proposto por João de Deus e adotado no Colégio Santos Dumont, passou a ser obrigatório em 1890 em São Paulo, que teve a reformulação de sua instrução iniciada neste mesmo ano e tornou-se a principal referência para reformas educacionais de outros estados, inclusive a do Paraná. São Paulo havia se consolidado como força econômica principal do país durante esse período e apresentou-se como modelo imediato ao anseio de modernidade da intelectualidade paranaense.

O método João de Deus foi encarado como uma inovação no campo pedagógico. A fonte das letras grafadas nesta cartilha era mais arredondada que a fonte das cartilhas mais tradicionais, o que, segundo os especialistas da época, permitia uma leitura contínua e fácil, com elevado grau de legibilidade e de “higiene de leitura”, fazendo a reputação desse método baseado no sistema conhecido como língua viva (DEUS, 1878, p. 7). Iniciando o ensino por partes do alfabeto e não do todo como tradicionalmente se fazia, o método combinava elementos conhecidos das palavras para que os alunos se habituassem às letras e seus valores sonoros, sem a necessidade de seis silabários como era o costume “[...] em cuja série de combinações mecânicas não há de penetrar uma ideia!” (DEUS, 1878, p. 7).

Faz-se necessário observar que o método foi adotado por Mariana Coelho no Colégio Santos Dumont em 1902, mas que não permaneceu como método de ensino na instituição por muito tempo. Em propagandas da escola, publicadas em anos seguintes à inauguração, Mariana Coelho retomou a questão dos métodos de ensino, que eram apresentados por ela como

(...) os mais adiantados métodos pedagógicos, e n'elle têm os alunos preceitos de moral e higiene, rudimentos de Desenho, exercícios de ginástica de salão, recitativos, etc., dirigidos pela diretora, recebendo portanto, educação intelectual, física, moral e estética. (COELHO, 1908, p. 3)

Para Mariana Coelho, a abertura da escola significou um esforço no sentido de promover a modernização do ensino paranaense, incluindo um

método novo na instituição e oportunizando que as meninas tivessem acesso ao processo de escolarização, visto que o colégio aceitava para o ensino primário crianças de ambos os sexos e a inclusão de meninas na educação formal ainda era rara.

Conquanto tenha investido na educação de maneira geral, o projeto educativo de Mariana Coelho estava direcionado prioritariamente para a educação feminina. Feminista convicta, ela usou a imprensa como espaço privilegiado para apregoar os direitos civis e políticos das mulheres. Para ela, a evolução natural da sociedade levaria as mulheres à vida pública, mas a concessão desses direitos a elas só fazia sentido com a devida instrução, que serviria para que saíssem da “[...] tradicional treva da sua ignorância [...]”, que tivessem preparado o seu espírito de forma culta, educada para a Arte, para que deixassem de ser, em suas palavras, “um animal doméstico” (COELHO, 1908, p. 95).

Do ponto de vista da história das mulheres, as primeiras décadas do século XX no Brasil foram consideradas como fase inicial da profissionalização feminina, da qual decorreu em parte, a entrada das mulheres em instituições escolares, resultado das sucessivas reformas educacionais, ocorridas neste período. Na direção desta argumentação, podemos afirmar que ocorreu uma maior inserção das mulheres em diferentes níveis de ensino e um processo lento de acesso a carreiras profissionais anteriormente restritas aos homens. Esse ingresso no mundo público, conforme apontam Azevedo e Ferreira (2006) esteve relacionado ao processo de modernização burguesa do qual as mulheres participaram.

Tal como sugere Michelle Perrot (2005), “as mulheres nem sempre foram vítimas ou sujeitos passivos” da história. Algumas mulheres encontraram nas reformas educacionais que aconteceram no Brasil ao longo do século XX, brechas que foram intrínsecas ao processo de modernização do país e que deram origem a novas formas de sociabilidades e identidades. O quadro de urbanização e industrialização crescente que caracterizou o período, incentivou que algumas mulheres fossem incluídas em atividades econômicas e públicas no espaço social, no qual passaram a ser tanto produtoras quanto consumidoras.

Esse cenário permitiu a inclusão de mulheres no mercado de trabalho e algumas mudanças sutis nos costumes, nos padrões e no comportamento social. Mariana Coelho buscou defender neste contexto a emancipação da mulher por meio de sua educação e profissionalização. Entretanto, a educação proposta por ela não tiraria da mulher o espaço do lar, pois em sua opinião, a situação de inversão de papéis sociais, em que esta ocupasse apenas o espaço público, era compreendida como ridícula.

É também certo que nem toda a mulher educada tem uma compreensão devidamente nítida do que na realidade deva ser a sua emancipação. Muitas entendem, talvez, que, o emanciparem-se equivale a usurparem (é o termo) uma posição sempre igual à do homem, invertendo não raras vezes seus papéis profissionais – o que seria, necessariamente, de um insuportável ridículo que roubaria à mulher esposa e mãe (mas, note-se, só a esta) a sua mais preciosa e principal simpatia moral (COELHO, 1908, p. 95).

Como se observou anteriormente, a ideia de que a mulher precisava ser educada para a participação no espaço público esteve presente desde os anos finais do século XIX. Embora a profissionalização da mulher se apresentasse como uma possibilidade para esse novo lugar social a ser ocupado por ela, existia um limite aceitável para a mesma. Por isso Mariana Coelho, principalmente em seus primeiros escritos, defendia que a educação profissional dessa “nova mulher” devia se pautar nas chamadas virtudes femininas – a sensibilidade, a docilidade, a modéstia, a submissão entre outras – e que a mesma não poderia ultrapassar o espaço de atuação masculino.

Muito embora, conforme apontam os relatórios da instrução pública, o curso primário que Mariana Coelho oferecia no Colégio Santos Dumont era direcionado para ambos os sexos, inicialmente foi frequentado quase que exclusivamente por meninas. A iniciativa que Mariana Coelho teve ao fundar uma escola mista no início do século XX é um indício de sua convicção sobre o papel da educação para emancipação das mulheres, visto que a ampliação da educação feminina era uma das causas que mais defendia.

Na concepção de Mariana Coelho o direito das mulheres à educação tinha o condão de elevar a condição feminina, abrindo-lhes a oportunidade de participar da vida política e civil do país. Na tarefa de defender a emancipação da mulher pelo voto e pela elevação de sua educação, Mariana Coelho se

considerava uma missionária, cumprindo seu dever de revelar a urgência do preparo da mulher para que fosse útil na construção da prosperidade nacional.

Compartilhar da instrução ministrada aos homens foi a grande bandeira de Mariana Coelho. Para ela a educação feminina tinha como meta final os cuidados com o marido, a harmonia do lar, o diálogo igualitário no seio da família e o direito do sexo feminino à participação na vida social. Para que esta meta fosse alcançada se fazia necessário que as mulheres não fossem educadas apenas para as tarefas domésticas, mas que também tivessem ampliadas suas oportunidades educacionais.

Para ela a difusão do ensino primário era indispensável para formação adequada das futuras gerações, em artigo que escreveu no Diário da Tarde, assim se manifestava:

Não há diversão mais alegremente emocionante que mais íntima satisfação incute em todo o espírito progressista e ávido de ver a instrução prodigamente difundida do que a que lhe oferece, em toda a sua eloquente instrução, uma bem dirigida e concorrida aula de intervenção primária – base de todos os prodigiosos arrojos da Arte e da Ciência.

E' sob a ação frutífera do ensino pedagógico, que o embrionário espírito infantil se abre mais ou menos lentamente a esse fecundante, que vai animar e desenvolver sua inteligência para os mais nobres cometimentos da vida. (Diário da Tarde, 16/12/1901).

Além do curso primário, Mariana Coelho, oferecia também o curso de prendas domésticas e música, voltado às mulheres. Em 1903, Georgina Mongruel passou a compor o quadro de professores da escola ensinando pintura no curso de prendas domésticas. O ensino de prendas domésticas era considerado como um conhecimento complementar, que ampliava e refinava a educação das moças, aumentando suas chances de um bom casamento. Este curso garantia a Mariana Coelho a manutenção da escola, posto que tinha a duração de uma hora por dia e seu custo era o mesmo do curso primário.



Vende-se um fogão quasi novo por preço muito barato. Rua S. Francisco n.º 25 6—3

**Collegio Santos Dumont**

Previne-se os exmos, chefes de familia, que vai fundar-se neste collegio um curso de bellas artes sob a reconhecida competencia da distincta educadora M.<sup>me</sup> Georgina Mongruel, principiando desde já a parte musical, pelos preços seguintes :

Para os dois cursos, piano e canto, que funcionarão duas vezes por semana, mensalidade de . . . . . 158000

Sendo um só curso . . . 108000

A matricula será limitada.

Pagamento adeantado da mensalidade, por completo, principiando a leccionação nos dias 1º e 15 do mez.

As necessarias explicações serão ministradas neste estabelecimento de ensino á rua 15 de Novembro n.º 105, todos os dias uteis desde ás 5 horas da tarde em diante.

A directora—*Marianna Coelho*.

**OS IRMÃOS TABORDA** communicam que, tendo um dos socios desta firma vindo recentemente da Europa, onde pessoalmente fez um primoroso sortido

café, a vapor co- tences necessar- nhecida e acred- diaria de 120 kil- rija-se para me- ao sr. Nicolau P- chuelo.

**Os**

«Mercurio»

São esperac- primeiro á 10- gundo á 16, carregamento- ra Montevide- Rozario e Sa- Os agente- Marçallo & V- guá, M. B. C-

Roberto M- dentista, de- aos Campos- disposição e- guizes, no- são.

Tambem- fregueses q- dencia e ga- rua Riachue- receber as e-

**Co**

Com 10-

FIGURA 2 – PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT

FONTE: Diário da Tarde, 14 de abril de 1903

A liberdade individual e autonomia do pensamento foram os grandes projetos educativo da modernidade, entretanto, a liberdade não poderia ser pensada sem a conformação social dos partícipes desse contexto. Essa dimensão pedagógica da modernidade permitiu que a figura da mulher surgisse atrelada a um novo significado, a missão da maternidade e da educação, dimensão que era evidenciada por Mariana Coelho

Não é desta forma, absolutamente inaceitável, que a minha compreensão e o meu senso concebem a emancipação da mulher; ela deve ser relativa, e tão justamente compreendida que não isole o vulto feminino de toda essa atraente e doce poesia que o cerca no lar

– pois só aí encontrará o império que mais lhe compete e que melhor corresponde, em todo o sentido, à sua amável e melindrosa natureza (COELHO, 1908, p. 94).

O curso de prendas domésticas oferecido por Mariana Coelho em sua instituição era um exemplo da força que tinha a tese sobre as tendências intatas da mulher. Mesmo defendendo a ampliação da educação e a sua profissionalização das mulheres ela propunha um curso direcionado às moças que quisessem um melhor preparo para cumprir seus deveres de mãe e esposa. Tal como argumenta Louro (2006) para que realizassem bem o seu destino dentro do domínio da casa, era necessário que as mulheres estivessem plenamente preparadas.

O direito das mulheres à educação, na concepção de Mariana Coelho tinha o condão para elevar a condição feminina, abrindo-lhes a oportunidade de participar da vida política e civil do país. Na tarefa de defender a emancipação da mulher pelo voto e pela elevação de sua educação, Mariana Coelho se considerava uma missionária, cumprindo seu dever de revelar a urgência do preparo da mulher para que fosse útil na construção da prosperidade nacional.

Embora ela defendesse a ampliação da educação e uma maior participação feminina na cena pública, se colocava reticente em relação às reivindicações que considerava exaltadas, como por exemplo, “os detestáveis exageros impostos pela moda à toilette feminina” e o abandono do lar por parte das mulheres para ocuparem o espaço público (COELHO, 1933, p. 32). Para Mariana Coelho, esse tipo de reivindicação em nada promovia o “aperfeiçoamento moral da humanidade”, pelo contrário, era uma séria ameaça à família e à ordem social. E, em sua concepção, o ideal para a emancipação das mulheres casadas e mães de família, era a conciliação entre o mundo doméstico e a vida pública.

Contudo, não podia aceitar que o estado avançado da civilização ainda concebesse a ideia da inferioridade feminina. A mulher, dentro da perspectiva de Mariana Coelho, era indispensável para o equilíbrio social, visto que seu papel estava atrelado à complementação do homem. Mulheres que não esclarecessem seu espírito, não poderiam ser o “justo paralelo com o espírito masculino” (COELHO, 1908, p. 95).

Na empreitada de fundar o Colégio Santos Dumont, Mariana Coelho contou com o apoio de diversos intelectuais paranaenses. Entre aqueles que apoiaram sua iniciativa estiveram Sebastião Paraná<sup>37</sup>, que na época era inspetor da instrução pública do Paraná, e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo<sup>38</sup>.

Sebastião Paraná encarregou-se de uma ampla divulgação da escola de Mariana Coelho na imprensa. Nas inspeções que fez se esmerou em divulgar a imagem de uma escola que primava pela higiene, pelo método de ensino e pela moral de seus clientes.

Em 04 de janeiro de 1902, o periódico "A República" destacava a inauguração da escola por meio de um artigo intitulado Colégio Santos Dumont, assinado por Sebastião Paraná. No artigo além de informar que havia sido inaugurado em 02 de janeiro de 1902 "[...] um excelente estabelecimento de ensino [...]" (p. 01), também qualificava sua proprietária, "[...] sob a direção da ilustrada escritora exma. Sra. D. Mariana Coelho" (p. 01).

Na sequência ele tomava o espaço para falar de suas preocupações com a educação e sobre a importância das instituições particulares para difusão do ensino.

A iniciativa particular, que em todos os países é o grande elemento que anima a instrução publica, tem-se ultimamente mostrado muito prometedora e dá de si as mais flavas esperanças. Os estabelecimentos particulares de ensino primário e secundário de Curitiba fornecem magnífico contingente para aperfeiçoamento moral e intelectual da população. Outrora a instrução primaria que tinha vida oficial aqui era somente dada nas escolas publicas. Hoje, porem,

---

<sup>37</sup> Sebastião Paraná teve uma presença muito significativa entre a intelectualidade paranaense do entresséculos. Desenvolveu vários estudos sobre a geografia local e também tomou parte em importantes iniciativas culturais da época. Foi o primeiro diretor da revista *A escola*, fundou o jornal *A Tribuna*, dirigiu a revista *O Club Curitibano*. Participou dos círculos intelectuais mais importantes de sua época como o Centro de Letras e fundou o Instituto Histórico-Geográfico do Paraná. Ocupou importantes cargos públicos como o de Inspetor Escolar, diretor da Biblioteca Pública do Paraná, foi também lente catedrático da Universidade do Paraná, diretor e lente do Gymnasio Paranaens, da Escola Normal e participou do Conselho Superior do Ensino Primário do Paraná em 1913. (NICOLAS, 1954)

<sup>38</sup> Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo participou ativamente da vida intelectual paranaense. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e ocupou vários cargos públicos em diferentes épocas. Ocupou um cargo de oficial de gabinete durante o governo do Dr. Vicente Machado, também foi Diretor Geral da Instrução Pública, entre 1913 e 1915, no governo de Carlos Cavalcanti, desenvolvendo e apresentando um novo *código de ensino*. Foi deputado cinco anos mais tarde e lente de Direito na Universidade do Paraná, das cadeiras de Economia Política e Teoria do Estado.

graças à iniciativa individual, abrem-se escolas por toda parte, abrilhantando-se assim as searas da intelligencia infantil (A Republica, 04/01/1902, p. 01).

De acordo com a fala de Paraná se fazia urgente o avanço da educação em direção aos ideais de moralidade e civilidade, e iniciativas como as de Mariana Coelho não eram apenas louváveis, mas necessárias. De acordo com o artigo, quando os pais escolhiam a iniciativa particular para instrução dos filhos deviam estar atentos ao preceptor a quem vão entregá-los e recomenda

[...] como autoridade escolar e, especialmente, como paranaense, venho recomendar aos chefes de família o bem organizado Colégio Santos Dumont, pilotado por uma moça distintíssima, que se impôs ao respeito da culta sociedade curitibana pela nobreza de seu espírito delicado e viril. (A Republica, 04/01/1902, p. 01)

Sebastião Paraná usava de sua autoridade para recomendar a instituição escolar da amiga e ao mesmo tempo propunha uma imagem de Mariana Coelho como alguém que havia conquistado um espaço importante na vida cultural curitibana. Usava, portanto, o seu capital simbólico a favor da intelectual.

A escolha pelo nome de Santos Dumont por parte de Mariana Coelho é um aspecto relevante que merece ser também analisado. No período em que o colégio foi fundado, Dumont estava em grande evidência na imprensa nacional e internacional. Inclusive algumas de suas invenções já haviam obtido êxito.

Em “A Republica” as notas destacando os feitos de Santos Dumont se multiplicavam no início do ano de 1902. Suas experiências mereceram destaque internacional e eram assistidas por um público atento e ansioso. Segundo o periódico A Republica, Santos Dumont foi referido pelo periódico New York Herald, em artigo de 19 de janeiro de 1902, como: “mágico da atmosfera, a desvendar os segredos da natureza e que por suas proezas faz corar os feiticeiros e novelistas de outr’ora” (A República, 03/03/1902, p. 01).

Em uma sociedade que acreditava que por meio da ciência seria possível descobrir todos os mistérios da natureza, uma personagem como Santos Dumont ganhava uma dimensão simbólica, foi comparado – de acordo com artigo publicado em A República – pelo jornal New York Herald, ao Czar e

até maior do que ele, pois o que significava “[...] um rei comparado ao homem que pode andar pelos ares [...]” (A Republica, 03/03/1902, p. 01).

Certamente um cientista brasileiro de tamanha repercussão chamou a atenção de Mariana Coelho, que acreditava na ciência como instrumento de mudança e progresso, assim como elemento essencial para marcha da civilização.

A admiração que Mariana Coelho tinha por Santos Dumont foi anos depois transformada em amizade. Em maio de 1916 Santos Dumont, em visita ao Paraná, passou pela escola desta intelectual. Essa memória ficou registrada nas páginas dos periódicos da época e em uma foto tirada com ele ao lado de Mariana Coelho e seus alunos e alunas nas dependências da escola e também em uma taça de cristal, relíquia guardada pela família. A amizade que manteve com o aviator ficou registrada nas cartas que trocaram e que os familiares consideraram como sendo epístolas românticas<sup>39</sup>.

Na ocasião desta visita, além da grande festa em torno do patrono famoso, o registro do discurso de uma das alunas do colégio em homenagem a ele chama a atenção. No ano da visita o colégio de propriedade de Mariana Coelho já funcionava há quinze anos e, segundo a aluna que discursou “[...] desde a fundação do estabelecimento usa o nome celebrado de Santos Dumont considerado um dos mais cintilantes astros que figuram nos domínios da ciência moderna.” Acrescentava que a escolha pelo nome da escola prestava uma “pálida homenagem á grande beleza de sua alma e de vosso raro talento” (A República, 08/05/1916, p. 1).

---

<sup>39</sup> Tais cartas foram guardadas até poucos anos, quando foram entregues a um amigo da família que pretendia publicá-las. A família não teve mais notícias das mesmas.



FIGURA 3 – À ESQUERDA MARIANA COELHO CERCADA POR ALUNOS DO COLLEGIO SANTOS DUMONT. À DIREITA O ILUSTRE PATRONO SANTOS DUMONT EM VISITA À ESCOLA. FONTE: Acervo Nostalgia/Jornal Gazeta do Povo, Aviação 1915-1916, 15/10/2006.

A ampliação da rede escolar em Curitiba, bem como o processo de normatização pelo qual passou a mesma nos primeiros anos do século XX, com os primeiros regulamentos da instrução pública no Paraná, abriu novas possibilidades de investimento para Mariana Coelho. Com a abertura da Escola Normal e o magistério pouco a pouco se tornando um trabalho feminino, em 1907 a escola passou a oferecer preparatórios para o curso normal e ginasial. O Colégio Santos Dumont neste mesmo ano passou por uma reformulação geral. Propagandas de janeiro de 1908 mostravam que o curso secundário de prendas domésticas e música e o ensino primário, que já existiam na escola, continuaram a ser ofertados, mas que a escola passou a oferecer também o curso secundário preparatório para a Escola Normal e ginásio. Para concretizar tal mudança, Mariana Coelho contratou novos professores e passou a dividir a



direção da escola com um professor normalista. De acordo com várias propagandas veiculadas no periódico Diário da Tarde,

Os cursos primário e de prendas domésticas [eram] dirigidos pela diretora Mariana Coelho, e pelas professoras adjuntas d. Júlia Gomes e d. Herculana Lavier. Os cursos intermediário e complementar, que abrangem todas as matérias do 2º grau, [eram] dirigidos pela diretora e pelo professor normalista Júlio Theodorico Guimarães. [...]

O colégio incumba-se de preparar alunos para exame das diversas series dos cursos do Ginásio e Escola Normal, sendo as respectivas aulas dirigidas:

De Francês, Latim e História Natural, pelo dr. Laurentino d'Azambuja.

De Português, pelo dr. Azevedo Macedo, lente de Pedagogia e Lógica no Ginásio e Escola Normal.

De Matemática, Física e Química, pelo dr. Luis de Sá de Afonseca.

De Geografia, pelo professor normalista Lourenço de Souza.

De desenho, pelo engenheiro Carlos Regaler e de musica pelos professores Raul Messing e João Ricciardella. (COELHO, 1908, p. 3)

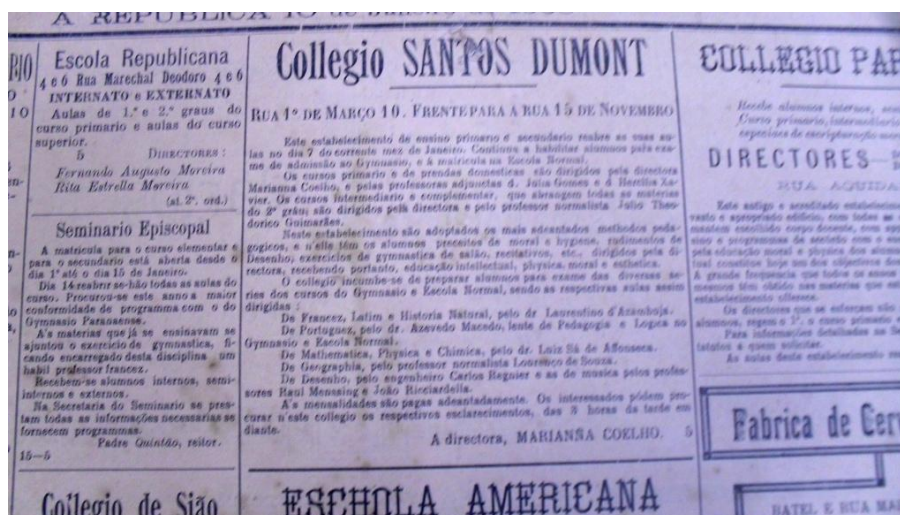


FIGURA 4 – PROPAGANDA DO COLÉGIO SANTOS DUMONT

FONTE: A República, 03 de janeiro de 1908

Do nosso ponto de vista, Mariana Coelho usou essa estratégia para que a escola não perdesse espaço na disputa com outras escolas do mesmo porte, uma vez que ela não tinha certificação escolar, buscou outros intelectuais que possuíam títulos escolares e que lhe garantiam a presença neste espaço.

Lourenço de Souza, que era proprietário do periódico Diário da Tarde, e Azevedo Macedo, que lecionava no Ginásio paranaense e na Escola Normal, foram professores na instituição. Intelectuais importantes no contexto

paranaense eram professores no colégio. Uma escola preparatória para o curso normal e ginásial que contava com a presença de um professor que trabalhava dentro das duas instituições certamente era um bom apelo para os pais curitibanos interessados em ver seus filhos e filhas ocupando cadeiras na Escola Normal e no Ginásio Paranaense. Intelectual atenta às mudanças de seu tempo, Mariana Coelho usou seu capital econômico e simbólico e se manteve à frente de um espaço de divulgação de suas ideias, mudando seu perfil e sua clientela.

Azevedo Macedo também contribuiu com a iniciativa de Mariana Coelho na iniciativa de fundar o Colégio Santos Dumont. Ele deu credibilidade ao colégio, inicialmente matriculando sua filha Anette Macedo na instituição e, posteriormente, em 1907, ocupando o posto de professor da escola. Este intelectual tinha uma concepção muito peculiar acerca da educação feminina. De acordo com opinião que manifestou na revista pedagógica *A Escola*, a mulher brasileira era privada da educação e por isso não possuía energia para lutar como chefe de família. Usava a linguagem metafórica e a comparava a uma planta de estufa, que não tinha contato com o ar livre. Sua sugestão para uma mudança no perfil desta mulher era investir em uma educação mais prática e utilitária, que fizesse dela uma planta que suportasse e resistisse a todas as rajadas da adversidade (MACEDO, 1907, p. 69)<sup>40</sup>.

Na trajetória de sua filha, Anette Macedo, as heranças de algumas convicções adquiridas pelo contato com a professora Mariana Coelho vão mostrar permanências. Na década de 1920, em um contexto diverso daquele vivenciado por Mariana Coelho no momento da abertura da sua escola e de suas primeiras reivindicações a favor da profissionalização da mulher, Anette Macedo iria reivindicar mais uma vez a entrada da mulher no campo profissional. Em suas palavras

Educai a mulher, preparai-a para concorrer com o homem para substituí-lo em qualquer profissão honesta e digna e tereis formado a nobre cidadã que há de colaborar com o homem e influir

---

<sup>40</sup> Anette Clotilde Portugal Macedo, filha de Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo (1894-1963), foi professora diplomada pela Escola Normal em 1911. Mais tarde tornou-se professora da Escola Normal. Além de professora foi também diretora e fundadora da Escola Maternal e Sociedade Socorro aos Necessitados (NICOLAS, 1974, p. 316)



poderosamente para que a política seja verdadeiramente filha da moral. (MACEDO, 1923, p. 172).

Sebastião Paraná fez várias inspeções na escola de Mariana Coelho e todas foram publicadas no jornal “A Republica”. Em uma delas o inspetor informava que a escola era “hábil e criteriosamente dirigida pela exma. Sra. Mariana Coelho nome acatado e muito conhecido neste estado.” (A Republica, 07/06/1902, p. 01). Novamente, portanto, a imagem atribuída a Mariana Coelho era a de uma mulher atuante na cena pública e reconhecida por seus pares.

Ao falar sobre a escola, Sebastião Paraná a descrevia como uma “[...] sala espaçosa, asseada, com todos os requisitos reclamados pela higiene escolar. Muitas meninas ocupando as carteiras semeadas pela sala ampla, onde a luz entra em golfadas, confortando os pulmões” (A Republica, 07/06/1902, p. 01).

De qualquer maneira, a descrição de Sebastião Paraná era categórica ao qualificar como “asseada” e pautada em “todos os requisitos da higiene escolar” sendo que a mesma era concluída com uma recomendação para que os pais matriculem seus filhos na escola.

Os modernos métodos de ensino usados na escola incluíam, além das disciplinas básicas do currículo do ensino primário e secundário, preceitos de moral, bem como exercícios de ginástica de salão, recitativos e rudimentos de desenho. A inclusão da ginástica apontava para a formação completa dos alunos, corpo e mente disciplinados, civilizados, transformados por meio da ação pedagógica e preparados desde a infância para tornarem-se aptos para intervir no futuro da nação. (Colégio Santos Dumont, Diário da Tarde, 03/01/1908)

Embora Mariana Coelho nunca tenha se dedicado a escrever sobre o método que utilizava na escola, algumas noções como preceitos relativos à moral, bem como a formação preconizada pela instituição, que de acordo com suas propagandas era física, moral e estética, apontam para um ideal de educação que se pautava nos valores da higiene como preponderantes no método da escola.

De acordo com Oliveira e Pykosz (2009),

[...] a partir do último quarto do século e, principalmente, nas três primeiras décadas do séc. XX, o que se viu foi uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados de alguma maneira à causa da instrução pública. O crescente movimento pela renovação pedagógica oferecia o esteio propício para que, pela via da biologia, da psicologia e da antropologia, principalmente, a higiene como corpo doutrinário ganhasse espaço no âmbito escolar. Daí as iniciativas em torno da sua implantação nas Escolas Normais, nas quais podemos localizar temas ou disciplinas tais como a própria Higiene, a Puericultura/Paidologia, Trabalhos Manuais, Prendas Domésticas, entre outras. De alguma forma todas elas relacionadas com os diferentes cuidados com o corpo da criança, da mulher, da família, da sociedade. Portanto, voltadas para um projeto de intervenção social que teria na escola um dos seus mais destacados vetores (p. 136).

As políticas estatais relativas ao modelo ideal para a escolarização da nação, bem como em relação à pedagogia moderna a ser utilizada neste processo, propagaram os ideais das prescrições higiênicas, isso se refletia na localização e na espacialização dos prédios escolares, e também nas práticas ali realizadas.

Neste sentido, para criar novas sensibilidades fundamentais para forjar o novo brasileiro, adaptado à sociedade que se modernizava de forma acelerada, novos espaços e tempos escolares foram definidos, assim como novas práticas de escolarização. Entretanto, conforme comentou-se anteriormente, esses projetos de intervenção social da sociedade brasileira não se manifestavam apenas na questão da escolarização, mas estendiam-se à outros aspectos da vida da população. Por meio da formação dos costumes pretendia-se incutir nos corpos escolares atitudes que remetiam à disciplina, à brincadeira organizada, ao recato, ao controle. A conformação dos corpos infantis teve nas propostas de reforma da educação brasileira e mundial um papel de centralidade. Nos programas escolares, a higiene preconizava os saberes que diziam respeito ao corpo e compunha um grupo de disciplinas que tinham esse mesmo objetivo, tais como Trabalhos Manuais, Prendas Domésticas, Ginástica, Exercícios Militares e Canto Orfeônico, e também esteve associada à disciplina História Natural (OLIVEIRA e PYKOSZ, 2009, p. 139).

Em relação a esse ideal da educação do corpo por meio da higiene, podemos afirmar que o mesmo se firmava na concepção de que era necessário que as crianças escolarizadas deixassem hábitos impróprios, trazidos de casa, e que levassem para o convívio familiar os bons costumes aprendidos na

escola, exercendo o papel de propagadoras dos mesmos, visto que se acreditava que era mais difícil ensinar novos hábitos de vida aos adultos.

Importa destacar que a adoção e direção dos chamados modernos métodos pedagógicos do Colégio Santos Dumont, estavam sob responsabilidade de Mariana Coelho. Talvez por isso suas qualidades como educadora tenham sido destacadas por vários de seus prefaciadores. Rocha Pombo no prefácio de seu livro *O Paraná Mental* (1908) a elogiava por sua

[...] lúcida inteligência e pela sua cultura, esta senhora se impôs ao respeito e estima geral por um conjunto de qualidades que realmente a destacam como um nobre tipo de mulher de seu tempo: segura do seu grande papel, ansiosa por desdobrar as aptidões do seu espírito nesse fecundo apostolado de caridade moral que se chama a função de instruir e educar. (p. 13)

Em sua fala, era no sacerdócio da instrução e na missão do ensino que a intelectual exercia seu papel de forma mais decisiva. Visto que a questão educacional tornou-se cada vez mais central no discurso e na ação dos intelectuais, estar ligada à formação de novos cidadãos era mais do que uma profissão, era um apostolado, tratava-se da construção da nação brasileira. Neste ideário, novas gerações passariam pela escola civilizadora e regeneradora, pautada na racionalização e no controle e se deixariam instruir para o progresso e a evolução.

Almeida (2006), afirma que a entrada das mulheres no magistério não pode ser caracterizada apenas como oportunidade de liberdade, autonomia e transformação concedida pelos homens às mulheres, mas que a mesma precisa ser analisada a partir das mudanças sociais ocorridas desde o fim do século XIX e que determinaram essa tendência. De seu ponto de vista, se fazia necessário que as mulheres fossem educadas e era importante que exercessem uma profissão para que colaborassem com a formação das gerações futuras, o magistério se tornou uma alternativa porque era encarado por alguns pensadores como uma extensão do lar (p. 79). A profissionalização das mulheres neste espaço, portanto, não significava uma concorrência profissional e intelectual com os homens, mas era considerada a opção mais adequada para o sexo feminino, postura que era mantida pela relação estabelecida entre a profissão e os atributos de missão, vocação e sacerdócio.

Sem muitos atrativos financeiros para a carreira masculina, vai ganhando força a vinculação identitária feminina com uma inclinação natural para o trato com crianças e a vocação para o magistério.

Segundo Almeida (2006) nas décadas iniciais do século XX:

O grande número de mulheres lecionando nas classes do primário era visto com agrado pelos dirigentes do sistema escolar. Mas o imbrincamento dos atributos de missão, vocação ou sacerdócio com o desempenho da docência não se referia apenas às mulheres, mas ao professorado de um modo geral. Professores e professoras estavam imbuídos do dever sagrado de conduzir as novas gerações no caminho da educação e da instrução, as quais, por sua vez, levariam ao progresso da nação. (p. 80)

Para alcançar os objetivos de civilizar a população e ao mesmo tempo mantê-la sob controle, a escola e a família se tornaram elementos essenciais, o que justifica o investimento que Mariana Coelho fez tanto no ensino primário, que foi um grande instrumento de moralização e civilização, assim como na proposta de educação feminina por ela proposta.

É possível supor também, como se enfatizou acima, que a falta de certificação escolar de Mariana Coelho a tenha levado a procurar um professor normalista – ou seja, alguém que possuía certificação escolar – para dividir a direção de sua escola, porque isso afiançava a ampliação e permanência da instituição, no momento em que medidas estatais iniciavam a normatização e a regulamentação e o funcionamento de escolas públicas e particulares<sup>41</sup>.

Acompanhando uma tendência da época, o Colégio Santos Dumont, passou de 38 alunos em 1902, ano da inauguração, para 90 em 1907, ano de sua reorganização, tudo indicava que a instituição caminhava muito bem (Relatórios da Instrução Pública – 1902 a 1916). As fontes consultadas não informam sobre a frequência dos alunos na escola nos anos subsequentes a 1907, somente em 1916 essas informações passaram a ser novamente

---

<sup>41</sup> Entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, houve por parte do governo do estado do Paraná um grande investimento em relação a legislação e normatização da Instrução Pública do estado. O primeiro Regulamento da Instrução Pública é datado de 1895, em 1901 um novo Regulamento foi aprovado e no ano de 1903 passou a circular o Regimento Interno das Escolas Públicas do Paraná. O Regulamento da Instrução Pública de 1907 substituiu o documento de 1901. De acordo com Souza (2007), na prática esse regulamento vigorou apenas por um mês, de 16 de janeiro a 26 de fevereiro de 1908. Em 1909 a instrução do Paraná passou por um novo processo de reorganização com a aprovação da Lei n. 894, de 19 de abril, que validava o Regulamento Orgânico do Ensino Público.

publicadas. Ainda que não se possa demonstrar se houve ou não uma queda crescente nos anos seguintes a 1907, em 1916, logo após a visita do patrono Santos Dumont na instituição, a escola teve uma queda significativa na clientela. As propagandas da escola continuaram a ser veiculadas com frequência nos anos que se seguiram a 1907, inclusive em 1917, último ano de funcionamento do colégio. Mas, conforme demonstram os relatórios da instrução pública, a escola passou de 10 professores contratados em 1907, para apenas 4 em 1916 e de uma clientela de 90 alunos, para 22, número bastante inferior àquele apresentado nos primeiros anos de existência da instituição. O Colégio Santos Dumont deixou de funcionar em 1918.

Embora não se tenha encontrado nenhum documento que pudesse elucidar a questão do fechamento da escola, podemos deduzir quais eventos contribuíram para a queda na frequência dos alunos e fechamento da escola. O ano de 1917 foi marcado por várias crises políticas, econômicas e sociais em contexto mundial. O fato de a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) estar em curso,— provocando uma crise econômica mundial que reverberou no Brasil, provavelmente tenha sido um componente que contribuiu para o evento da descontinuidade do Colégio. Soma-se a esse cenário a imprensa da capital paranaense estar um surto de febre tifóide que assustava e afastava de Curitiba muitas famílias paranaenses. Por causa desta doença contagiosa, no início do mês de outubro de 1917 as escolas públicas foram fechadas e em seguida o mesmo procedimento foi adotado pelas escolas particulares para evitar uma epidemia ainda maior. Estes últimos também são fatores que podem ter influído para a descontinuidade do Colégio Santos Dumont.

Não há registros da data exata em que a escola fechou, mas o colégio participou das comemorações de 07 de setembro de 1917, o que nos leva a acreditar que a mesma tenha encerrado suas atividades no final deste ano letivo.

### 3.2 ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA

Em 1918 Mariana Coelho passou a atuar na Escola Profissional Feminina. Conforme apontam os relatórios da instrução pública deste ano, em 23 de janeiro de 1918 ela substituiu a professora Maria da Luz Cordeiro Xavier, que ocupava o cargo de secretária e professora de datilografia da escola. Em 11 de abril do mesmo ano nossa personagem teve sua nomeação oficial para o cargo. Os ofícios da escola dão a entender que mesmo sem ocupar oficialmente o cargo de diretora, Mariana Coelho cuidava da administração da mesma. Para se entender o papel que esta intelectual desempenhou da Escola Profissional Feminina é importante retomarmos alguns aspectos da história desta instituição.

Criada em 1886, a Escola de Belas Artes e Indústrias era de propriedade de Antônio Mariano de Lima<sup>42</sup>. De acordo com Santana (2004) a ideia do proprietário ao fundá-la era a de criar “[...] uma instituição voltada para formação de artistas e profissionais qualificados, que pudessem, a seu tempo, auxiliar no processo de transformação do Paraná em uma região de progresso científico, artístico, industrial e – consequentemente econômico” (p. 8).

Ainda de acordo com a mesma autora, a instituição ensinava artes associadas à aplicação industrial, estando voltada para o ensino profissional. Na época de sua fundação a escola era frequentada por moças e rapazes de diferentes classes sociais e oferecia os cursos de desenho artístico, arquitetura, escultura, pintura e música, bem como marcenaria, ferraria, carpintaria e decoração de casas. Os métodos utilizados na instituição, bem como o currículo da mesma, fundamentavam-se na Escola Nacional de Belas Artes e no Instituto Nacional de Música, ambos referências nacionais no ensino de artes. No ano em que foi criada a escola, Mariano de Lima priorizou o ensino do desenho, pois segundo pensava este intelectual, este era

---

<sup>42</sup> Antônio Mariano de Lima nasceu a 4 de março de 1858 na cidade de Trás os Montes, em Portugal, e fez cursos profissionalizantes de pintura, modelagem, escultura e cenografia na cidade do Porto. Chegou ao Brasil em 1882 e permaneceu no Rio de Janeiro, onde permaneceu durante cerca de um ano. Em 1884 chegou a Curitiba onde fundou a Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná instituição na qual permaneceu até 1902, quando deixou a cidade.

indispensável para o desenvolvimento da pintura, bem como para o aprendizado de qualquer ofício (SANTANA, 2004, p. 44).

Com a saída de Mariano de Lima, que deixou Curitiba em 1902, a instituição foi perdendo as suas características originais. A direção foi assumida por sua esposa, Maria de Lima, e a escola passou a priorizar o ensino de artes para as moças. Entre 1909 e 1917, Alfredo Andersen, amigo do proprietário e entusiasta do projeto do mesmo, lecionou desenho e pintura no curso noturno para operários<sup>43</sup>. Em 1917, por problemas financeiros, a escola deixou de oferecer este curso, que era direcionado para clientela masculina. Desde 1916 a instituição passara a se chamar Escola Profissional Feminina e por meio do decreto 548, de 08 de agosto de 1917, passou oficialmente para as mãos do estado. De acordo com seu regulamento a escola era,

[...] destinada ao ensino de artes, economia doméstica e prendas manuais a alunos do sexo feminino, compreendendo as secções seguintes:

- a – de desenho;
  - b – de pintura;
  - c – de datilografia;
  - d – de corte e feitiço de vestidos e roupas para senhoras;
  - e – de corte e feitiço de vestidos para crianças;
  - f – de corte e feitiço de roupas brancas;
  - g – de fabrica de flores e ornamentação de chapéus;
  - h – de arte culinária em todos os ramos e de economia doméstica;
- (Regulamento da Escola Profissional Feminina, 08/08/1917, p. 352).

Interessa notar que o Estado, ao absorver a escola, preservou as aulas que eram consideradas na concepção original da instituição, as mais importantes para o ensino de artes e aprendizagem de ofícios, o ensino do desenho<sup>44</sup>. Dessa forma, alguns importantes artistas locais como Alfredo Andersen e Guido Viaro, continuaram a lecionar na instituição, mesmo depois da saída de Mariano de Lima. De acordo com o regulamento da escola o curso completo durava quatro anos, durante os quais as meninas tinham que passar por todas as disciplinas acima mencionadas.

<sup>43</sup> Alfredo Andersen (1860-1935) nasceu na Noruega, na cidade de Christiansand, foi pintor, escultor, decorador, Colégio Paranaense e diretor das aulas noturnas da Escola de Belas Artes e Indústrias do Paraná.

<sup>44</sup> No que se refere às análises da relação de Mariana Coelho com Estado embora a categoria teórica utilizada por este trabalho aponte para a centralidade do mesmo para os intelectuais do período, não foi possível aprofundar esta discussão.

Ainda no que diz respeito à grade curricular da escola destacamos que embora a maior parte das disciplinas fosse direcionada a trabalhos manuais que tendiam apenas a ampliar e refinar a educação de mulheres para o trabalho doméstico, o relatório apresentado ao Diretor da Instrução Pública em 1930, destacava possibilidades de maior participação destas meninas no meio profissional:

Das alunas que terminaram o seu curso, algumas acharam rápida colocação em pequenas casas de costuras, bordados e flores, outras leccionam particularmente e a maior parte espera vagas em estabelecimentos onde possam desenvolver a sua atividade de profissional.

Tomo a liberdade de lembrar a V. Ex. a necessidade de serem aproveitadas, como estímulo, as alunas que tenham concluído o seu curso com distinção, para cargos de professoras ou mestras ou como adjuntas destas, sempre que se derem vagas nesta Escola ou mesmo em casos de licença. Desta escola poderão sair, futuramente, as professoras de prendas para as varias Escolas Normais do Estado. (Relatório da Instrução Pública, 1929, p. 79).

O comércio era o destino de algumas, mas como mostra o relatório, a maioria ainda não tinha colocação. Entretanto, como destacam Maluf e Mott (2001) não se pode negar os pequenos poderes e liberdades conquistados por mulheres pois

[...] a execução de trabalhos manuais, sobretudo de agulha, como a costura, a tapeçaria, o bordado, a renda, o crochê e o tricô, pois, além de esses trabalhos serem valorizados pela economia que representavam para o orçamento e possível comercialização, por meio deles muitas mulheres deram vazão a criatividade e à imaginação.

A dinâmica do processo de urbanização e modernização da sociedade brasileira permitiu uma transição do perfil educacional da população feminina que, “em curto espaço de tempo, do início da República à década de 1940, evoluiu do analfabetismo para a formação em nível superior [...]” (AZEVEDO & FERREIRA, 2006, p. 217). Criadas especialmente para o público feminino, as escolas profissionais funcionaram, quase sempre, como um “laboratório social”, onde as alunas puderam ensaiar papéis inéditos de trabalhadoras na esfera pública.



A intelectualidade brasileira do início do século XX vivia um momento de expectativas em torno da modernização da sociedade, que estava fortemente atrelada ao desenvolvimento econômico e à industrialização. A educação, neste processo, esteve associada à formação de uma população que tivesse condições de sobreviver nesta nova realidade. Assim, era necessário despertar nos jovens alunos o interesse por profissões que, segundo suas perspectivas, ainda se tornariam vitais para o desenvolvimento da nação. Entre elas ganharam destaque neste período principalmente aquelas referentes ao comércio, à indústria, à agricultura e à pecuária.

De acordo com Marach (2007), “em oposição às profissões liberais, elas foram chamadas de utilitárias tendo em vista sua aplicação prática no processo de engendramento do progresso nacional” (p. 58). A Escola Profissional Feminina pretendia, portanto, educar e profissionalizar mulheres, principalmente para atuarem no comércio e na indústria, para que desta forma pudessem contribuir para o progresso nacional.

Os intelectuais desse período olhavam com expectativa para o sistema escolar uma vez que este era veículo de disseminação da instrução e regulador da oferta de mão de obra no mercado de trabalho. Por isso nas primeiras décadas do século XX multiplicam-se as escolas primárias para alfabetização da população e tem início a implementação de escolas profissionais de orientação utilitária. Em consonância com esse pensamento busca-se, em todo o país, e em Curitiba, a elevação do nível da educação popular. Nessa nova concepção de educação, cogita-se, atendendo à feição mais prática do momento, incluir a mulher no preparo à profissionalização, com a finalidade de torná-la útil na construção da prosperidade nacional. Mas, no que dizia respeito aos direitos femininos ao trabalho, a sociedade curitibana do período não ultrapassa em muito o reconhecimento da urgência em qualificar mulheres que, por falta de amparo masculino ou por pressões financeiras, se viam obrigadas a cumprir tarefas subalternas. Torna-se, assim, desejável que a mulher adquira certo grau de instrução e mesmo de profissionalização, para evitar qualquer desvio de comportamento que afete a família ou a sociedade. A capacidade de trabalho constitui, pois, recurso para que a mulher ganhe sua vida honestamente, na hipótese de lhe faltar o pai ou o marido.

Em relação ao cargo de professora de datilografia, é possível que Mariana Coelho tenha exercido a função por pouco tempo, pois embora o curso de datilografia constasse no regulamento da Escola Profissional Feminina de 1917, o primeiro registro do mesmo encontra-se em um documento datado de 1920 que afirmava que, “para favorecer ainda mais a educação de suas alunas, a Escola abriu o curso de datilografia, inteiramente gratuito, que forneceu no fim do ano diplomas a sete de suas frequentadoras (Relatório da Instrução Pública, 1920, p. 19). Em relatório apresentado pela diretora da escola em 1928 para a diretoria da instrução pública do Paraná, a mesma menciona que “não funcionam, atualmente, as secções de datilografia e arte culinária, por falta de espaço no prédio e de professoras para tal fim” (p. 79).

Mesmo os ofícios encontrados, datados de 1930, são todos manuscritos, o que aponta, se não para ausência de máquinas de escrever, ao menos para sua pouca utilização na escola. As fotografias da escola mostram as alunas em salas de aula de bordado, corte e costura e desenho, e nenhuma na sala de datilografia. Ao cargo de secretária, Mariana Coelho deu um caráter mais administrativo.

Quanto ao cargo de secretária o regulamento não especificava quais eram as suas atribuições, mas, se considerarmos as funções atribuídas à direção da instituição, percebemos que desde 1918 as mesmas eram cumpridas por Mariana Coelho, que na época era secretária da escola e não por Maria de Lima que era a diretora.

A' diretora compete

1ª zelar pela boa ordem do estabelecimento;

2ª escriturar os livros a seu cargo;

3ª organizar e remeter ao Secretario do Interior toda medida que julgar conveniente á Escola;

4ª propor ao Secretario do Interior toda a medida, que julgar conveniente á Escola;

5ª enviar, devidamente informadas, as petições que o pessoal dirija ás autoridades superiores;

6ª adquirir com autorização do Secretario do Interior o material necessário para o fornecimento da Escola;

7ª contratar as encomendas que forem feitas por particulares e se houverem de fazer nas oficinas;

8ª impor, de acordo com o Secretario do Interior penas disciplinares ás professoras, mestras e empregados da Escola;

9ª impor penas disciplinares ás alunas;

10ª recolher, mensalmente, a parte de produto de trabalhos que não pertença ás alunas;

11ª apresentar mensalmente, á Secretario do Interior, com a folha de pagamento, um mapa demonstrativo da frequência e da matrícula da Escola, visado pelo Inspetor Escolar da capital, encarregado da fiscalização do estabelecimento. (Regimento da Escola Profissional Feminina, 1917, p. 353).

A organização de Mariana Coelho com as questões da escola era notável. Embora muitos documentos da instituição tenham se perdido com o tempo, alguns, referentes à administração da mesma, foram preservados. Neste sentido, podemos afirmar que ela assumiu o cargo de secretária estrategicamente, mas, desde o início de sua atuação, assumiu as funções que cabiam à diretora.

Todos os ofícios encaminhados ao Secretário do Interior, as encomendas de material para as aulas da escola e os problemas que o prédio apresentava desde que se tornara estatal eram encaminhados e assinados por Mariana Coelho. E suas reclamações não se restringiam à situação física da escola, mas também por situações de má administração do Estado na gerência da mesma. Em 1920, a intelectual enviou ao Secretário do Interior uma denúncia acerca da organização interna da instituição e ao mesmo tempo apresentava uma proposta para melhorar a gestão da mesma:

Não dispondo a escola de recursos, havia completa falta de matéria prima para o trabalho, não podendo, portanto, ser executado o programa de cada especialização. Por outro lado, o estabelecimento aceitava alunas que pagavam mensalidades, trazendo o material de casa, trabalhavam para si, com intuitos comerciais ou para completar enxovais de seu uso particular. Enquanto estas eram atendidas, as demais isto é, as pobres permaneciam indiferentes á atividade que deve caracterizar uma casa como esta, razão porque, a grande maioria desertou, por ver cerrada a porta que se abria para recebe-la. [...]

Estabeleceu-se então que o Estado lhe abria uma conta corrente, debilitando-se-lhe as importâncias recolhidas ao Tesouro, provenientes dos objetos confeccionados e vendidos. Encerrando o ano econômico, verificar-se-ia o saldo existente para ser repartido pelas alunas, proporcionalmente ao seu mérito.

Ficou ainda assentado que às alunas que concluíssem o curso poder-se-ia dar trabalho, de acordo com as encomendas, calculando-se a mão de obra e pagando-se, periodicamente, o que competisse a cada uma.

Desse modo não haveria necessidade de aumentar a despesa aumentando-se contudo a capacidade produtiva e educadora, a que concorrerá, cada vez mais para o progresso do estabelecimento, o qual em anos próximos, se poderá manter com os seus próprios recursos, bastando apenas ao Estado proporcionar-lhe o apoio que é indispensável (Relatório da Instrução Pública, 1920, p. 19).

As informações que temos do período que se seguiu à proposta de Mariana Coelho, dão conta de que sua sugestão foi acatada. Entretanto, os ofícios que ela enviou às autoridades de ensino da época apontavam que os trabalhos feitos pelas alunas quase não tinham valor comercial, o que levou a instituição a ter problemas financeiros e a usar o bazar como recurso para liquidar as mercadorias produzidas na escola e arrecadar fundos para manutenção da mesma (Ofício n.º 09 de 16/05/1930).

A presença de Mariana Coelho na Escola Profissional Feminina não passou despercebida. Como secretária, em 1930, teve um sério desentendimento com antiga proprietária e então diretora D. Maria de Lima. De acordo com o ofício de n.º 06, de 08/05/1930, a diretora teria enviado um ofício ao Diretor Geral de Ensino acusando Mariana Coelho de estar invadindo o trabalho da direção e de não estar comprometida com o seu trabalho.

Mariana Coelho reagiu enviando outro ofício ao Diretor. Nele ela manifestava-se dizendo que sempre se havia limitado ao trabalho que a própria diretora lhe tinha determinado “[...] e que é tudo que diz respeito à matrícula do estabelecimento, ofícios, folhas de pagamento e mapa; e mais nada”. (Ofício n.º 06, 08/05/1930) Ainda de acordo com o mesmo ofício fazia meses que a diretora não cumpria o horário da escola e não lhe dirigia a palavra. O tom que Mariana Coelho usou para afirmar que “com esta falsa denúncia fecha ela com chave de ouro os motivos de sua abnegação para com este estabelecimento”<sup>45</sup> é bastante esclarecedor no que se refere à relação dela com Maria de Lima, provavelmente marcada por outros desentendimentos que marcaram uma disputa por espaço de poder dentro da instituição.

A personalidade forte de Mariana Coelho e a dedicação que demonstra em seu trabalho lhe deram motivos para pedir que a autoridade a quem se dirigia fizesse uma sindicância na escola para apurar a denúncia contra ela. O ofício terminava com um argumento que reforça a ideia de que ela se sentia inocente: “[...] conservarei no meu arquivo como único documento do gênero através de toda minha vida dedicada ao serviço do nosso querido Estado do Paraná”.

---

<sup>45</sup> Grifo original.

No dia 18 de junho de 1930 Mariana Coelho passou de secretária a diretora do estabelecimento por decreto do então presidente do Estado. Com a ajuda do Estado, ela passou de um cargo de menor importância, subalterno, para outro mais representativo, de autoridade da instituição, ocupando o lugar daquela que fora um dia proprietária da escola.

Como diretora Mariana Coelho manteve uma postura firme em relação aos seus funcionários, suas alunas, à administração da escola e às autoridades de ensino. Para o Estado foram dirigidas suas maiores críticas e solicitações. Entre os muitos pedidos de materiais, são recorrentes as queixas sobre o estado precário da Escola e a necessidade de um prédio próprio para a mesma, que funcionava em um local emprestado.

Em ofício enviado ao Diretor Geral de Ensino na data de 11/08/1930, Hostílio Araújo, ela afirmava que o relatório apresentado pelo subinspetor de ensino, Sr. João Rodrigues, revelava o estado real da escola. Segundo ela, o prédio em que funcionava a escola, “[...] por ser muito velho, tem portas e janelas que não funcionam, nem oferecem segurança!” (Ofício n.º 11, 11/08/1930). Por meio do mesmo ofício Mariana Coelho solicitava a presença urgente de marceneiro, pedreiro e vidraceiro.

Ciente, porém, de que seu pedido não seria atendido prontamente ela acrescentava que não descansaria enquanto não conseguisse tudo que desejava e precisava para o bom funcionamento do estabelecimento. Pedia que fossem enviados para escola livros e cadernetas para o trabalho das professoras e justificava seu pedido dizendo que estava iniciando seu trabalho como diretora da instituição.

Três meses depois de suas solicitações para manutenção da escola Mariana Coelho mandou novo ofício direcionado ao novo Diretor Geral do Ensino. Nele ela reiterava suas reclamações acerca do estado do prédio em que funcionava a escola, e acrescentava que teria sido informada, por meio de João Rodrigues, de que o marceneiro encarregado da manutenção só faria os consertos por ela solicitados se recebesse algum dinheiro. A exposição de trabalhos das alunas da escola estava próxima e os concertos solicitados por ela não poderiam esperar. Deixava claro que em seu entendimento os problemas que a escola enfrenta foram heranças deixadas pela falta de

organização da gestão anterior, mas afirmava que ela estaria disposta a levantar a instituição (Ofício n.º 16, 04/11/1930).

O ofício, enviado em 29/11/1930 para o Diretor Geral do Ensino, esclarece que a manutenção solicitada por Mariana Coelho não aconteceu, mas mostra também sua adesão à nova situação política do país. De acordo com o ofício a diretora e suas funcionárias estavam cientes da situação delicada em que se encontrava economia do Estado e colocavam-se a disposição para dar uma contribuição a “[...] ser descontado um dia de seus vencimentos, por mês, durante o prazo de seis meses” com o intuito de, segundo suas palavras, resgatar a dívida externa do país.

Essa era a sentença que marcava a sua adesão à nova situação política do país, confirmada por outro ofício, de 18/10/1930, no qual ela argumentava que devido às obrigações que o cargo de diretora da escola lhe impunha, não poderia se ocupar de nenhuma atividade no período diurno, mas que se colocava à disposição do Estado para trabalhar à noite e prestar qualquer serviço, em qualquer departamento, na nova conjuntura política. Neste ofício Mariana Coelho acrescentava uma nota de rodapé posterior em que escreveu entre parênteses “No Governo Revolucionário”. A anotação denota a crença dela em um novo momento político do país ou uma estratégia para tentar manter o cargo.

Na obra *A evolução do Feminismo Subsídios para a sua história* (1932) Mariana Coelho explicava porque aderiu ao governo de 1930,

[...] parece que os próceres da Revolução vitoriosa em outubro de 1930 são favoráveis às aspirações feminista. Aqui no Paraná, sob a ação do Governo provisório, foi nomeada no mês da Revolução a bacharel Walkiria Moreira da Silva Naked para o cargo de Promotor Público da Comarca de Ponta Grossa (p. 183).

Assim não é difícil deduzir que o novo governo representava para Mariana Coelho a realização de um projeto social que a acompanhou toda a vida e que até aquele momento parecia estar fadado ao fracasso: a questão da profissionalização da mulher.

O rearranjo das forças políticas, sociais e culturais ocorridas nos anos 1930 trouxe consigo mudanças no campo intelectual. Se antes da Revolução Mariana Coelho coadunou com os princípios anarquistas, excluindo o Estado

da organização social, depois de 1930, embora continue acreditando na força política dos operários, passa a apoiar o Estado. De acordo com Araújo e Cardoso (1992) a partir de 1930

Revolucionários e moderados a um só tempo, trazem propostas reformistas para os problemas sociais, defendendo a participação do Estado-mediador, entre o capital e o trabalho. Propõe a criação de partidos, uniões, associações e sindicatos dos trabalhadores em defesa da causa comum (p. 80).

Essa crença fez com que os intelectuais deixassem de lado as contradições do período pós Revolução de 1930, realçando apenas as características negativas da chamada Primeira República. Havia um consenso, entre a intelectualidade, de que era necessário um projeto de modernização e de construção da nação por meio da educação. Esse projeto ganhou força na década de 1920 e os intelectuais nele envolvidos, ansiosos por mudanças e modernização, transformaram essa ansiedade em cultura política nos anos de 1930.

### 3.3. EDUCAÇÃO FEMININA: uma janela para o futuro

Participar da educação masculina sem perder de vista as especificidades da educação feminina, essa concepção de educação acompanhou Mariana Coelho por toda sua trajetória. Oscilando entre reivindicações igualitárias e dualistas ela propunha tornar a mulher participante da agitação da vida social, nas oficinas de trabalho ou no reduto íntimo da Nação, sem exceder os limites impostos pela sociedade de então.

Em *A Evolução do Feminismo: subsídios para a sua história* (1933) ela atribuía ao movimento feminista as conquistas que “[...] na vida atual, com todos os males, e bens que a guerra mundial nos legou, impele a mulher a alargar a sua esfera de ação fora do tradicional acanhamento da vida doméstica.” (p. 31). Revelava assim como se sentia em relação à mulher brasileira que diferente das europeias

[...] não se achava ainda satisfatoriamente disposta para a conquista da igualdade política; é mais preocupada com a moda, com a elegância no trajar que com sérios problemas sociais; e porquê? Porque a sua educação tem sido até hoje meramente feminina – ao passo que a educação da mulher entre as raças anglo-saxônicas e eslavas, tem sido sempre mais masculinizada, mais apropriada à conquista da igualdade dos sexos, impelida pela natural evolução e pelo espontâneo impulso de justiça social. (COELHO, 1933, p. 32)

Podemos destacar no argumento de Mariana Coelho a questão que ela chama de educação masculinizada. De acordo com Trindade (2003) a educação feminina das primeiras décadas do século XX se caracterizou por uma instrução “literária e brilhante” deixando de lado os “terrenos áridos”. Essa educação compôs o esboço de uma figura feminina que transpunha as fronteiras do público, mas que ainda estava muito próxima do reduto privado. Essa composição afirmava-se sem ferir o equilíbrio dos espaços público e privado (p. 62). A educação masculinizada a que se refere pode dizer respeito ao acesso das mulheres à educação, visto que, neste contexto mesmo entre o sexo masculino o acesso à educação ainda não era garantido.

Mariana Coelho orientou sua proposta educacional para uma mudança do papel feminino na sociedade, militando por melhores condições de educação e profissionalização das mulheres e desejando uma maior participação das mulheres na vida pública. Sem negar a função primordial destas como esteio da família, ela acreditava que as mesmas deveriam ampliar suas possibilidades de atuação dentro da sociedade:

Todas as tentativas masculinas no sentido de casamento pendem para as donas-de-casa, nas quais eles encontram o costumado instrumento passivo do seu importuno – e inoportuno – autoritarismo. E é por isso que na maior parte se não associam às nossas ideias igualitárias, custa-lhes a largar o bastão do “posso, quero e mando”. Não queremos, neste nosso franco dissertar, suprimir, absolutamente, as donas-de-casa; achamos que quando as circunstâncias o exigem, esse deve ser o seu principal e preferível papel, que é todo de atraente poesia – o que não obsta que sejam evolucionadas. O nosso fraseado baseia-se na razão de que nem todas as mulheres estão em condições de mera sujeição à vida doméstica. [...]

Ora, a mulher que apenas sabe ser dona-de-casa, é incapaz de viver do seu trabalho, não se pode tornar independente – está fatalmente condenada a ser escrava – ou dos parentes ou dos estranhos, quando não consiga uma miserável pensão para não morrer de fome! De mais a mais que a sua profissão a não inibe absolutamente de ser, em todo terreno, muito boa dona-de-casa. (COELHO, 1933, p. 46)



Mariana Coelho defendeu durante sua trajetória que as mulheres redimensionassem trabalho e família e que atingissem novos espaços de educação formal para além do domínio doméstico. Neste sentido, na sua perspectiva, a figura feminina deveria educar-se para ultrapassar os limites do doméstico, sem abdicar, das prerrogativas e deveres que a atrelavam a esse campo.

#### 4. CONCLUSÃO

O presente estudo buscou analisar a trajetória e o pensamento educacional de Mariana Coelho, entre 1893 e 1940, visando à compreensão de alguns aspectos de sua experiência com a educação. Esta intelectual, embora não tenha tido certificação escolar, teve uma ampla formação cultural, possibilitada principalmente por meio de seu irmão mais velho, Carlos Alberto Teixeira Coelho, seu preceptor intelectual.

Usando de seu capital familiar e social participou de importantes instâncias culturais de nível regional, nacional e internacional entre as quais se destacam a Loja de Adoção Filhas de Acácia, que foi uma das iniciativas que lhe aproximou dos intelectuais livre-pensadores curitibanos, a Academia Paranaense de Letras, o Centro de Cultura Feminino e a Associação Brasileira pelo Progresso Feminino; tendo mantido também correspondência com a *International Woman Suffrage Alliance*.

Mariana Coelho viveu quase toda sua vida adulta em Curitiba e nesta cidade construiu sua trajetória intelectual e educacional, mas sempre se considerou europeia, o que foi usado por ela como sinal de distinção e de legitimação no campo cultural curitibano.

Declarando-se feminista, Mariana Coelho manteve-se solteira durante toda a vida. Embora nunca tenha defendido uma mudança radical do papel feminino dentro do lar e da família, ela decidiu não dividir-se entre o casamento e a vida pública. Para ela, assim como para outras feministas de sua época, a opção de permanecer solteira assegura uma relativa autonomia em relação às decisões que tomou e às causas que defendeu.

Sua atuação na imprensa da capital paranaense foi intensa, escreveu tanto em periódicos como em revistas, que foram utilizados por ela como instrumentos de divulgação de seus ideais. No periódico *Diário da Tarde* manteve – a convite do proprietário do jornal, Lourenço de Souza, a coluna mensal *Chronica da Moda* e transformou este espaço dedicado à moda e à etiqueta em uma oportunidade para discutir sobre os direitos das mulheres: a participação na vida pública e a necessidade de sua educação,

Mariana Coelho manteve durante toda sua vida uma ampla rede de sociabilidade, aproximando-se principalmente dos intelectuais livre-pensadores de Curitiba, o que lhe permitiu permanecer atuante e publicando no campo cultural. Para publicar serviu-se de instituições como o Centro de Letras do Paraná e de suas amizades com intelectuais como Rocha Pombo e Dário Vellozo, que prefaciaram seus livros, abriram-lhe oportunidades para que escrevesse em periódicos nos quais eram diretores ou redatores e publicaram críticas positivas acerca de suas obras. Utilizou o espaço em periódicos de ampla circulação regional como o *Diário da Tarde* e *A República*, de revistas femininas de Portugal e de jornais do Rio de Janeiro para divulgação de seus livros.

Mostrando a identidade com os intelectuais de seu tempo Mariana Coelho sentia-se parte do grupo de intelectuais livre-pensadores, com os quais se manteve alinhada. Esta identidade pode ser percebida por sua conduta nas instâncias culturais e veículos de divulgação de que participou.

Seu engajamento político esteve fortemente atrelado à questão da emancipação feminina, por meio de sua educação, argumentando principalmente a favor de uma maior participação da mulher na esfera pública. Movida por um sentimento de missão social, Mariana Coelho assumiu o discurso da educação feminina como sendo fundamental para a evolução social da mulher, meio pelo qual se daria sua entrada no espaço público.

No âmbito educacional sua experiência teve início já com a fundação de um colégio, o Colégio Santos Dumont. Na escola ofereceu inicialmente o curso primário para ambos os sexos. Depois, em 1907, com apoio de intelectuais como Sebastião Paraná e Francisco Macedo, ampliou sua instituição na qual ofereceu cursos preparatórios para a Escola Normal e para o Ginásio. Também no colégio, onde adotou o método de alfabetização João de Deus, buscou divulgar seu ideal de educação feminina. Ali permaneceu como proprietária, diretora e professora da escola até 1917, quando a mesma fechou por provável inviabilidade financeira. Nesta instituição experimentou o ensino misto, que foi uma das questões que defendeu durante sua trajetória.

Em 1918 assumiu o cargo de professora de datilografia e secretária da Escola Profissional Feminina. A este cargo deu um caráter mais administrativo gerenciando questões da rotina da escola. No ano de 1930 teve um sério desentendimento com a diretora da instituição Maria de Lima que saiu da instituição na qual Mariana Coelho passou a ser diretora.

A proposta educacional de Mariana Coelho esteve voltada para educação feminina e buscou um equilíbrio entre o espaço público e privado na participação das mulheres. Militou por um novo papel social feminino visando à conciliação entre as funções ligadas à família e à profissionalização e assumiu a educação como fundamental para o desenvolvimento e progresso da Nação e entendia como inevitável a inclusão das mulheres nesse processo.

## FONTES

### OBRAS DE COELHO

COELHO, M. **O Paraná Mental**. Curitiba: Economica, 1908 – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

COELHO, M. **A evolução do feminismo: subsídios para sua história**. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933. – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

COELHO, M. **Um brado de revolta contra a morte violenta**. Curitiba: Of. Graf. “a Cruzada”, 1934. - Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

COELHO, M. **Linguagem**. Curitiba: Of. Graf. “a Cruzada”, 1937. - Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

COELHO, M. **Palestras Educativas**. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, obra póstuma, 1956. - Disponível no Centro de Letras do Paraná.

**A Primavera** (Imprensa Escolar – 1939) – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

COELHO, M. **Cambiantes**. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1940. – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

### OBRAS DE OUTROS AUTORES

DEUS, J. **Cartilha Maternal ou A Arte da leitura**, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878. – Disponível em <http://purl.pt/145> acessado em 03/01/2010.

MACEDO, F. R. de A. **Epistolas Pedagógicas IV**. A Escola, Curitiba n. 6-7, p. 67-71, jun/jul. 1907. – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Divisão Paranaense)

MACEDO, A. C. P. Missão Social da Mulher Brasileira. 1923. In: MACEDO, F.R.A. (Org.). **Felicidade pela Educação**. Curitiba: Gerpa, 1952.

NEGRÃO, F. **Genealogia Paranaense**. v. 2. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1927.

PILOTTO, O. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, Estante Paranista, 1976. – Disponível na Biblioteca Pública do Paraná (Departamento de Documentação Paranaense)

POMBO, J. F. R. **O Paraná no Centenário (1500-1900)**. Rio de Janeiro: José Olympio. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1900.

PLAISANT, A. C. **Scenário Paranaense**. Descrição geográfica, políticas e histórica do Estado do Paraná. Curitiba: Typographia de A República, 1908.

## ARTIGOS JORNALÍSTICOS

ANÔNIMO. Apreciação do grande escritor brasileiro dr. Rocha Pombo ao livro “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 23 de janeiro de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 15 de abril de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 15 de maio de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 16 de maio de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 25 de maio de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. “Evolução do Feminismo” de Mariana Coelho. 02 de junho de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. Paraná Mental. 11 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. O Paraná Mental. 24 de agosto de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. O Paraná Mental II. 26 de agosto de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. O Paraná Mental III. 28 de agosto de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

ANÔNIMO. O Paraná Mental IV. 31 de agosto de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 16 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 21 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 29 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de O feminismo. 04 de abril de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

CASTRO, N. de As citações. 12 de abril de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 01 de fevereiro de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná

COELHO, M. Chronica da Moda. 01 de março de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 31 de agosto de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Chronica da Moda. 05 de outubro de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Contestação devida. 15 de abril de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Dor e ventura. 18 de janeiro de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Emancipação da mulher. 22 de março de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Emancipação da mulher. 02 de abril de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. O Chapeo feminino. 04 de abril de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Instrução Primária. 16 de dezembro de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Propaganda de abertura do Colégio Santos Dumont. 23 de janeiro de 1902. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Colégio Santos Dumont. 05 de janeiro de 1903. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Colégio Santos Dumont. De 03 a 10 de janeiro de 1908. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Discurso proferido pela nossa colaboradora Mariana Coelho na sessão de sua recepção no Centro de Letras do Paraná. 21 de janeiro de 1934. **Gazeta do Povo**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica I. 05 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica II. 07 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica III. 08 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica IV. 09 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica V. 19 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

COELHO, M. Crítica à crítica VI. 21 de setembro de 1908. **A República**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná. Divisão Paranaense, Paraná.

ERASTO. Conversando... 10 de julho de 1901. **Diário da Tarde**. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.



JACQUES, J. O feminismo. 14 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. **Diário da Tarde**. 01 de março de 1901.. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. 02 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. La Femme Electeur. 05 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

MONGRUEL, G. Emancipation de La Femme. 11 de março de 1901. JACQUES, J. O feminismo. 14 de março de 1901. **Diário da Tarde**. 10 de julho de 1901. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

PARANÁ, S. Colégio Santos Dumont. **A Republica**. 04 de janeiro de 1902. Acervo microfilmado da Biblioteca Pública do Paraná, Divisão Paranaense, Paraná.

## RELATÓRIOS

Relatório da Inspeção Geral de Ensino, 1902 – Disponível no Arquivo Público do Paraná

Relatório da Inspeção Geral de Ensino, 1905 – Disponível no Arquivo Público do Paraná.

Relatório da Inspeção Geral de Ensino, 1907 – Disponível no Arquivo Público do Paraná.

Relatório da Inspeção Geral de Ensino, 1917 – Disponível no Arquivo Público do Paraná.

## OUTROS DOCUMENTOS

Correspondência enviada ao Poder Central sobre a fundação da Loja de adoção Filhas de Acácia, 1902. Transcrito da Coleção “A Maçonaria no Paraná” – vol 1 pág. 292 e 293. Disponível em: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP\\_ImagensAbertura/Loja\\_antigas\\_no\\_PR/Loja\\_0767/Historico\\_Loja\\_0767.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP_ImagensAbertura/Loja_antigas_no_PR/Loja_0767/Historico_Loja_0767.htm) Acessado em 10 de maio de 2010.

Regularização da Loja de adoção Filhas de Acácia, 1902. Transcrito da Coleção “A Maçonaria no Paraná” – vol 1 pág. 320 a 329. Disponível em: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP\\_ImagensAbertura/Loja\\_antigas\\_no\\_PR/Loja\\_0767/0767\\_Regularizacao\\_Discurso.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP_ImagensAbertura/Loja_antigas_no_PR/Loja_0767/0767_Regularizacao_Discurso.htm)  
Fundação da Escola Luz Essencia, 1901. Disponível em: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP\\_ImagensAbertura/Loja\\_antigas\\_no\\_PR/Loja\\_0582/0582\\_Escola\\_Luz\\_Essenia.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP_ImagensAbertura/Loja_antigas_no_PR/Loja_0582/0582_Escola_Luz_Essenia.htm)

Lista de participantes da Loja Maçônica Amor e Caridade de Ponta Grossa. Disponível em: [http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP\\_ImagensAbertura/Loja\\_antigas\\_no\\_PR/Loja\\_0767/0767](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/MMP_ImagensAbertura/Loja_antigas_no_PR/Loja_0767/0767)

Livro C-131, Folha 334, Termo 00194-, Certidão de óbito lavrada em 29 de novembro de 1954 - Disponível no 1º Ofício do Registro Civil.

Regulamento da Escola Profissional Feminina, 1917 – Disponível no Arquivo Público do Paraná.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.

ANDRADE, M. L. **Educação, cultura e modernidade: o projeto formativo de Dario Vellozo (1906-1918)**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2002.

ANDREAZZA, M. L. e TRINDADE, E. M. C. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres na educação: missão, vocação ou destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, D. **O legado educacional do século XX, no Brasil**. Campinas, Autores Associados, 2006.

ARAÚJO, S. e CARDOSO A. **Jornalismo e Militância operária**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

ALBAGMANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, N. ; FERREIRA, L. O. **Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: Educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940**. Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp, v.27, 2006.

BALHANA, C. A. F. **Idéias em confronto**. Curitiba: Grafipar, 1981.

BASTOS, E. R.; REGO, W. D. L.. **Intelectuais e política**. Campinas: Olho d'água. 1999.

BEGA, M. T. S. **Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e construção de identidade regional**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2001.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997.

BOURDIEU, P. **As regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOTTONE, W. O. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1996.

CAPELATO, M. H. **Os arautos do liberalismo: imprensa paulista (1920-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARVALHO, J. M. **A formação das almas: O imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, M. M. C. **A configuração da historiografia educacional brasileira. Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. A dívida republicana. In: **A escola e a República e outros ensaios**. São Paulo, Brasiliense. 1989.

\_\_\_\_\_; NUNES, C. Historiografia da educação e fontes. In: GONDRA, J. G. (org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Historiografia da educação e fontes**. Cadernos ANPEd, Porto Alegre, n.5, 1993.

CARVALHO, R. de. **História do ensino em Portugal**. Lisboa: Fundação Caloreste Gulbenkian, 2001.

COELHO, N. N. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CORDIOLLI, M. **O olhar de um ponto diverso: as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo (1890 – 1909)**. Boletim do Departamento de História, 1988, n. 1, mar., p. 5-26. Série Monografias.

CORRÊA, S. A. **Imprensa e política no Paraná: Prosopografia dos redatores e pensamento republicano do final do século XIX**. Dissertação (mestrado em sociologia). Universidade Federal do Paraná, 2006.

DENIPOTI, C. **A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930)** Dissertação (doutorado em história). Universidade Federal do Paraná, 1998.

D'INCAO M. A. Mulher e família burguesa. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

ELEUTÉRIO, M. L. Vidas de Romance. **As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (189—1930)**. Top books: Rio de Janeiro, 2005.

GUALTIERI, R. C. E. **Evolucionismo no Brasil: ciência e educação nos museus (1870-1915)**. São Paulo: Ed. Livraria Física, 2008.

KAMITA, R. C. **Resgates e Ressonâncias: Mariana Coelho**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

KAPELLI, A. Cenas Feministas. In: Duby, G. e Perrot, M. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 4: O século XIX. Edições Afrontamentos: Porto, 1991.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios. 1875-1914**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2001.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP: 1994.

LEITE, M. L. M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.

LEONIDIO, A. **Saint-simonismo e positivismo no movimento operário no Brasil. Mediações** – Revista de Ciências Sociais. Londrina: v. 10, n. 1, p. 165-184, jan-jun, 2005.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

MALUF M. e MOTT M. L. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. **A história da vida privada no Brasil**. Vol. 3 República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARACH, C. B. **Inquietações Modernas: Discurso Educacional e Civilizacional no periódico A Escola (1906-1910)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2007.

MARCHETTE, T. Dantas. **Corvos nos galhos das acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba (1896-1912)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 1997.

MARTINS, R. **Terra e gente do Paraná**. Curitiba: CLICHEPAR. (coleção Farol do Saber), 1995.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MUZART, Zahidé L. & BRANDÃO, Izabel (orgs). **Refazendo nós. Ensaios sobre mulher e literatura**, Ed. Mulheres, 2003.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NICOLAS, M. **Vultos paranaenses** (4º Vol.). Curitiba: (s.e.), 1966.

NYE, Andrea. Teoria feminista e as filosofias do homem. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino**. Educação em Revista. São Paulo: Escrituras, 1997, p.11-33.

NOVAIS, F. A.; SEVCENKO, N. **A história da vida privada no Brasil**. Vol. 3 República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Clarisse. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: **Culturas escolares, saberes e práticas educativas itinerários históricos**. BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) São Paulo: Cortez, 2007.

PÉCAUT, D. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e os silêncios da história**. Bauru, Edusc, 2005.

PERROT, M. & DUBY, G. (orgs.). **As Mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, A. L. e VIANA, GONÇALVES, M. **Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis**. Porto Alegre: Lello e Irmão Editores, 1967.

OLIVEIRA, M. A. T. de e PYKOSZ, L. **A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná**. Currículo sem fronteiras, v. 9, n. 1, PP. 135-158, jan/jul, 2009.

OSINSKI, D. R. B. **Ensino de Arte: os pioneiros e a influência estrangeira na arte educação em Curitiba**. Dissertação de Mestrado, UFPR, 1998.

POMBO, J. F. R. **O Paraná no Centenário. (1500-1900)**. Rio de Janeiro: José Olympio. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980.

PLAISANT, A. C. **Scenário Paranaense. Descrição geográfica, políticas e histórica do Estado do Paraná**. Curitiba: Typographia de A República, 1908.

QUELUZ, G. L. **Rocha Pombo: Romantismo e utopias (1880-1905)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 1997.

RAFAEL, G.G. e SANTOS, M. **Jornais e revistas portuguesas do séc. XIX v. 1.** Lisboa: Biblioteca Nacional, 2001.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em revista**. Curitiba, n.18, p. 13-28, jul/dez, 2001.

SANTANA, L. W. A. **Escola de belas artes e indústrias do Paraná: o projeto de ensino de artes e ofícios de Antonio Mariano de Lima.** (Curitiba, 1886-1902) Dissertação (Mestrado em educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

SANTOS, P. L. **Sesquicentenário da Poesia Paranaense.** 2ª ed. Curitiba: Academia Feminina de Letras do Paraná, 1985.

SEIXAS, L. S. **Subsídios para a sua história: as ideias de Mariana Coelho nas primeiras décadas do século XX.** Monografia de final de curso. Curitiba, UFPR, 2006.

SEVCENKO, N. **História da vida privada no Brasil.** República: da *Belle Époque* a Era do Rádio. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, H. R. História Intelectual em questão. In: Lopes, Marcos Antonio (org.) **Grandes nomes da História Intelectual.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas.** Campinas, SP: Papirus, 2002.

SILVESTRIN, M. L. **Do bom uso da palavra : o intelectual na obra de Mariana Coelho.** Monografia de final de curso. Curitiba, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. in: RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SHUMAHAR, S. e BRAZIL, E. V. (orgs.); **Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SKINNER, Q. **As fundações do pensamento político moderno.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Liberdade antes do liberalismo.** São Paulo: Unesp, 1999.

SOUZA, G. Cultura Escolar Material na História da Instrução Pública Primária no Paraná: anotações de uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 14, p. 37-68, 2007.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: Del Priore, M. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

TRINDADE, E. M. C. **Clotildes e Marias: mulheres de Curitiba na 1ª República**. Fundação Cultural: Curitiba, 1996.

\_\_\_\_\_. Do salão à oficina: a educação feminina para o espaço público. In: **Revista da SBPH**, v. 8, p. 61-73, 1993.

\_\_\_\_\_. Entre o esquadro e o compasso: a maçonaria em Curitiba (1900-1930). In: **Revista da SBPH**, V. 23, P. 101-107, 2003.

\_\_\_\_\_. Espaço urbano e cidadania feminina no Paraná da virada do século. **História Questões e Debates**, v. 16, n. 30, p.57-81, 2000.

VALENTE, S. M. P. **A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do Anarquismo em Curitiba**. Londrina: Ed. UEL, 1997.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964)**. 1. Ed. Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007. v. 1.

\_\_\_\_\_. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: Bencostta, M. L. (Org.), **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007, v. 1, p. 379-400.

\_\_\_\_\_. **Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a História Intelectual**. Revista Brasileira de História da Educação, v. 1, p. 63-85, 2008.

.

\_\_\_\_\_. **O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto**. Educar, 2001, n. 18, p. 53-73.



## ÍNDICE REMISSIVO

---

### A

*A República* · 22, 24, 56, 63, 73, 90, 91, 92, 125  
 Acácia · 7, 8, 34, 35, 36, 121  
 Alfredo Andersen · 102  
 anticlericais · 34, 36, 63, 64

---

### B

Bourdieu · 7, 8, 11, 18, 19, 27

---

### C

Cambiantes (1940) · 21, 23, 29, 47, 50, 54  
 católicos · 39, 60, 63, 64  
 Centro de Letras do Paraná · 21, 23, 40, 114, 116, 119  
 Colégio Santos Dumont · 7, 24, 25, 69, 72, 82, 83, 84, 86, 88, 90, 91, 93, 95, 96, 98, 99, 100, 119, 120

---

### D

Dario Vellozo · 22, 23, 53, 55, 56, 63, 69, 122, 123  
 Diário da Tarde · 12, 24, 42, 43, 45, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 93, 94, 96, 118, 119, 120

---

### E

educação · 5, 7, 14, 16, 17, 21, 24, 26, 27, 33, 37, 38, 40, 48, 52, 56, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 77, 78, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 122, 123, 125, 126, 127  
 educadora · 7, 11, 33, 82, 98, 106  
 elite cultural · 13, 20

emancipação feminina · 7, 40, 46, 47, 52, 67, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 114  
 Escola Profissional Feminina · 7, 8, 23, 24, 25, 28, 32, 101, 102, 104, 105, 107, 121  
 evolucionismo · 45

---

### F

feminismo · 19, 20, 22, 23, 24, 27, 40, 46, 49, 52, 53, 67, 75, 76, 77, 116, 118, 120, 124  
 Feminismo · 20, 21, 22, 40, 46, 47, 54, 55, 79, 109, 110  
 feminista · 7, 11, 20, 26, 27, 47, 48, 49, 52, 68, 70, 74, 76, 77, 109, 110, 125

---

### G

*Gazeta do Povo* · 47, 117, 119  
*Gazeta dos Campos* · 34  
 Georgina Mongruel · 69, 70, 71, 72, 73, 87  
 Grande Oriente · 35, 36

---

### I

intelectuais · 7, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 34, 36, 38, 39, 41, 46, 47, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 71, 73, 75, 79, 82, 83, 90, 94, 98, 102, 104, 110, 122, 125, 126, 127

---

### J

João de Deus · 82, 83, 84

---

### L

Linguagem (1937) · 21, 23  
 livre-pensadores · 18, 36, 57, 60, 62, 113, 114

---

**M**

maçonaria · 18, 34, 36, 127

Mariana Coelho · 7, 8, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 124

modernidade · 12, 14, 16, 23, 29, 30, 56, 84, 88, 122, 125, 127

moderno · 12, 16, 73, 82, 126

---

**N**

Nestor de Castro · 56, 63, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

---

**O**

O Paraná Mental · 20, 21, 22, 29, 31, 32, 39, 42, 45, 54, 55, 62, 98, 116

---

**P**

Palestras Educativas · 21, 22, 23, 28, 82, 116

polêmica · 24, 63, 73, 80

Portugal · 28, 29, 31, 41, 43, 44, 48, 70, 83, 95, 101, 114, 123

Proclamação da República · 13, 31

professora · 4, 5, 7, 24, 25, 51, 72, 95, 101, 104, 114, 115

---

**R**

Rocha Pombo · 21, 22, 31, 32, 40, 47, 51, 53, 54, 55, 56, 58, 64, 98, 125

---

**S**

Sebastião Paraná · 60, 82, 90, 91, 96

---

**T**

Teixeira Coelho · 18, 22, 28, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 60

---

**U**

Um brado de revolta contra a morte violenta · 21, 23, 37, 116

Universidade de Coimbra · 18, 33, 53

---

**V**

Vieira · 2, 4, 7, 8, 16, 19